



Objetos,  
memória e  
identidade:  
os objetos biográficos  
de Lyuba Duprat

Olivia Silva Nery

Objetos, memória e identidade:  
os objetos biográficos de  
Lyuba Duprat



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE-FURG

Reitor

DANILO GIROLDO

Vice-Reitor

RENATO DURO DIAS

Chefe de Gabinete do Reitor

JACIRA CRISTIANE PRADO DA SILVA

Pró-Reitor de Extensão e Cultura

DANIEL PORCIUNCULA PRADO

Pró-Reitor de Planejamento e Administração

DIEGO D'ÁVILA DA ROSA

Pró-Reitor de Infraestrutura

RAFAEL GONZALES ROCHA

Pró-Reitora de Graduação

SIBELE DA ROCHA MARTINS

Pró-Reitora de Assuntos Estudantis

DAIANE TEIXEIRA GAUTÉRIO

Pró-Reitora de Gestão e Desenvolvimento de Pessoas

LUCIA DE FÁTIMA SOCOOWSKI DE ANELLO

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

EDUARDO RESENDE SECCHI

Pró-Reitora de Inovação e Tecnologia da Informação

DANÚBIA BUENO ESPÍNDOLA

#### **EDITORA DA FURG**

Coordenadora

CLEUSA MARIA LUCAS DE OLIVEIRA

#### **COMITÊ EDITORIAL**

Presidente

DANIEL PORCIUNCULA PRADO

Titulares

ANDERSON ORESTES CAVALCANTE LOBATO

ANGELICA CONCEIÇÃO DIAS MIRANDA

CARLA AMORIM NEVES GONÇALVES

CLEUSA MARIA LUCAS DE OLIVEIRA

EDUARDO RESENDE SECCHI

ELIANA BADIALE FURLONG

LEANDRO BUGONI

LUIZ EDUARDO MAIA NERY

MARCIA CARVALHO RODRIGUES

Editora da FURG

Campus Carreiros

CEP 96203 900 – Rio Grande – RS – Brasil

editora@furg.br

Integrante do PIDL

Editora Associada à



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA  
DAS EDITORAS UNIVERSITÁRIAS



EDUNI-SUL  
ASSOCIAÇÃO DAS EDITORAS  
UNIVERSITÁRIAS DO SUL DO BRASIL

OLIVIA SILVA NERY

Objetos, memória e identidade:  
os objetos biográficos de  
Lyuba Duprat



Rio Grande  
2022

© Olivia Silva Nery

2022

Imagem da Capa: Fotografia de Olivia Nery – objetos fazem parte do Acervo do Museu da Cidade do Rio Grande.

Diagramação e arte da capa: Anael Macedo

Formatação e diagramação:

João Balansin

Gilmar Torchelsen

Cinthia Pereira

Técnico de apoio:

Irai Mirapalhete

Revisão:

João Reguffe

### Ficha Catalográfica

C322 Objetos, memória e identidade: os objetos biográficos de Lyuba Duprat [recurso eletrônico] / Olivia Silva Nery - Rio Grande: Ed. da FURG, 2022.

191 p. : il. color.

Disponível em: <http://repositorio.furg.br/>

ISBN: 978-65-5754-111-1

1. História 2. Memória 3. Identidade 4. Biografia I. Duprat, Lyuba

CDU: 94(092)

Catálogo na fonte: Bibliotecária Valéria Carlosso dos Santos Mazui CRB 7/6742

## Agradecimentos

Agradeço a todos e todas que sempre acreditaram em mim e no meu trabalho e que de alguma forma contribuíram para esta pesquisa – a toda a minha família, especialmente. Este livro é fruto de uma doação de memórias, de tempo e de sentimentos que o tornam muito especial para mim e, espero, também para estas pessoas aqui homenageadas. À Capes, pelo financiamento da minha pesquisa de mestrado que resultou neste livro. À minha orientadora, professora Maria Leticia Mazzucchi Ferreira, que, muito antes de eu iniciar o mestrado, já me inspirava a ser pesquisadora, e não mediu esforços para que esta pesquisa contribuísse para o conhecimento científico. É uma referência para mim até hoje e foi essencial para a concretização deste livro.

Agradeço ao professor Diego Lemos Ribeiro por ter sido fundamental para minha pesquisa e minha formação, sendo uma referência para mim e se tornando também um amigo. Um agradecimento muito especial para Berenice Avancini, Flavio Hanciau, Nubia Hanciau, Regina Carmem Dolci, Ricardo Soler, Tabajara Almeida e Cleusa Almeida, meus entrevistados, sem os quais esta pesquisa não teria sido possível. Obrigada pelo carinho e por me receberem em suas casas e locais de trabalho, dedicando um precioso tempo ao darem seus depoimentos e compartilharem lembranças sobre sua professora Lyuba Duprat.

Nubia e Flavio Hanciau, além das entrevistas, prestaram imensas contribuições a este trabalho e merecem um agradecimento especial.

Obrigada ao Museu da Cidade do Rio Grande, Fototeca Municipal Ricardo Giovannini e *Salle de Documentation* Lyuba Duprat e suas respectivas equipes, por terem permitido a pesquisa em seus arquivos e colaborado para o desenvolvimento da ciência e cultura local.

## **Cadeira**<sup>1</sup>

*Olá! Você quer sentar aqui? Sou pequena, mas forte, já vivi muitos anos. Muitas crianças brincaram comigo, se embalaram, foram mãezinhas de suas bonecas. Meninos disputavam vagas com as meninas:*

*– Você não pode! É grande!*

*– Agora não!*

*– Depois eu deixo...*

*Quantas negociações ouvi... Engraçado... Não sinto saudades, porque há uns setenta e cinco anos, e até hoje, essas conversas e brincadeiras fazem parte da minha vida.*

*Começou com Vera, madrinha de Flávia, que brincou muito, depois cuidou de mim até dar para a Flávia. E toda essa vivência se repetiu com Olívia, Thais, Clara, Isadora, Vitória e Bernardo, e seus amigos. Imagine onde vivi tudo isso? Na casa da vó Neuza. Fiz teatro, ouvi histórias e principalmente brinquei muito. Vivi muito. O que acha? Sou velhinha?... Mas não sou surda... Ainda ouço muitas histórias.*

Neuza Maia Nery, 2013

---

<sup>1</sup> Texto de autoria de minha avó paterna, Neuza Maia Nery. A cadeira esteve em uma exposição no Johrei Center de Vila Isabel, Rio de Janeiro, onde os membros deveriam levar objetos antigos e de grande valor memorial e afetivo, e cada um deveria escrever um texto que servisse de legenda, da maneira que julgasse apropriado. Minha avó faz nessa legenda a biografia cultural da cadeira de balanço, ligada à história e à memória de muitas pessoas. Assim, todos nós temos objetos biográficos e memoriais que contam muito sobre nós, nosso passado, presente e futuro.

## Sumário

<b>Prefácio</b> .....	8
<b>Introdução</b> .....	15
<b>Capítulo I – Objetos: pontes de memória, passado e presente</b> .....	19
Objetos da memória .....	23
Objetos e Lyuba Duprat .....	37
<b>Capítulo II – A construção das pontes: Lyuba Duprat através das memórias, narrativas e objetos</b> .....	42
História de vida: entre objetos e narrativas .....	46
“ <i>Paris é para mim como estar em casa</i> ”: a França e o Liceu – o aprendizado da língua e da cultura .....	50
“ <i>Écoutez et répétez</i> ”: cadeiras, canetas e livros – a vida de professora de francês .....	57
Ser professora .....	60
As aulas de História da Arte .....	63
Entre luvas, redes e vestidos: feminino, beleza e vaidade .....	80
A aproximação com a cultura francesa .....	99
As memórias e objetos nas narrativas – uma análise .....	107
<b>Capítulo III – Pontes que levam ao patrimônio: a patrimonialização dos objetos de Lyuba Duprat</b> .....	116
Museu da Cidade do Rio Grande .....	121
<i>Salle de Documentation</i> Lyuba Duprat .....	132
“ <i>En l’honneur de...</i> ”: objetos e imagens no cenário doméstico .....	142
Um indício da representatividade do objeto patrimonial .....	163
<b>Aspectos conclusivos</b> .....	175
<b>Referências</b> .....	179
<b>Apêndice</b> .....	189

## Prefácio

A inédita pesquisa de Olivia Nery, desenvolvida na presente obra que recupera uma existência, vem demonstrar que o tempo resiste e persiste e que a memória é a forma pela qual se vai ao passado, voltando ao presente, não para dizer nesse trânsito que o passado explica tudo, mas para mostrar que parte da nossa contemporaneidade é tomada por nosso passado.

*Objetos, memória e identidade: os objetos biográficos de Lyuba Duprat* revela que, atenta e sensível, Olivia se deteve na análise da figura ímpar da mais do que professora de francês rio-grandina, nascida em 1900, que viveu do seu trabalho durante 77 anos, até a véspera de sua morte, há um quarto de século. Lyuba foi agraciada com várias premiações e distinções, entre elas as Palmas Acadêmicas concedidas pelo governo francês, o título de Professora *Honoris Causa* pela FURG, a inscrição no *Guinness Book* como “a brasileira que exerceu o magistério por mais tempo” (1916 a 1994). A autora enfatiza a necessidade de se recuperar o legado de Lyuba Duprat, gaúcha do Rio Grande, mas que poderia ser considerada uma representante *avant la lettre* do movimento feminista nacional e internacional. Isso se pensarmos na atuação das mulheres em sua época (e no decorrer da história universal), sempre considerada em posição sociocultural inferior nas sociedades ocidentais.

Mulher independente, contudo, “Mademoiselle Duprat”, muito além dos padrões de sua época, em que as mulheres com seu perfil só eram referidas porque seu comportamento se distanciava e divergia do modelo geral, mesmo assim viajou entre homens para a Europa em navios comerciais, e trabalhou até o fim da vida com dignidade. Muita gente jovem,

que acredita conhecer o feminismo, nem imagina o que passaram mulheres como ela, o tipo de tratamento que lhes era dado, que acabavam solteiras, desejassem ou não.

Em *O tempo vivo da memória* (1994), Ecléa Bosi lembra-nos de não esquecermos que a memória parte do presente, de um presente ávido de passado; e mais adiante (2012) novamente reforça que a memória atende ao chamado do presente, é um apoio sólido para a sua construção, constituindo-se em “verdadeira matriz de projetos”. Assim, o passado reconstruído não é um refúgio, mas uma fonte, um manancial de razões para lutar; e a memória deixa de ter um caráter de restauração do passado para ser geradora do futuro: memória social, memória histórica e coletiva.

A referência ao pensamento de Ecléa Bosi serve para remontar ao tempo em que nos encontrávamos na quase pré-história do feminismo brasileiro. Partindo da atração pelo tema e empregando os mecanismos da memória, do esquecimento e da imaginação, Olivia Nery serve-se dos vestígios deixados por Lyuba Duprat, que, se de um lado preenchem os interstícios (ou “buracos”) da história da professora emérita, de outro permitem melhor entendermos o próprio estar no mundo e o nosso contínuo processo de construção identitária. Mais do que isso, ao assegurar o fluxo entre o passado e o presente, esta obra contribui para compormos a necessária e muitas vezes deficitária memória mais longa em comunidades culturais, a exemplo da rio-grandina, levando nosso imaginário à França, principal referência cultural da época, às lições com Lyuba, em viagem mítica, que traz à luz vivências que a autora ressalta neste livro. Olivia não deixa entretanto de vincular Lyuba Duprat ao Brasil e ao Rio Grande, explorando suas especificidades culturais e linguísticas. Reforça essa afirmativa a foto em que ela está entre colegas na entrada do Liceu Victor Duruy, em Paris, todas elas em fantasias de carnaval, em contraponto a outra cena, fotografada na praia do Cassino<sup>2</sup>. Aqui, sobre a areia, Lyuba perfila-se, *mise en*

---

<sup>2</sup> A referida foto pode ser visualizada na página 90 da dissertação de mestrado que deu origem a este livro, intitulada *A invisibilidade na*

*Chanel* dos pés à cabeça, possibilitando recuperar em exercício memorial e em ambas as fotos a presença étnica e cultural brasileira na França e a francesa no Brasil.

Se partirmos do título *Objetos, memória e identidade: os objetos biográficos de Lyuba Duprat*, a partir do legado material e dos vestígios que dele restaram mais de duas décadas depois do falecimento da professora, veremos anunciada a recuperação de sua singular trajetória profissional e pessoal. Quando se poderia pensar que tudo fica relegado ao tempo e ao vento, Olivia vem apontar para a “presença de uma ausência”, no dizer do filósofo Paul Ricoeur em sua erudita reflexão a respeito dos rastros que deixamos. Ricoeur retoma a celebrada metáfora platônica da marca de um sinete na cera quente, que, depois de retirado, evoca a “presença” na permanência apenas da marca; desta pode-se recuperar a forma, o peso e as demais características do sinete.

No caso da reconstituição do itinerário do Brasil para Paris e vice-versa, por exemplo, é a partir da memória compartilhada pelos que estiveram próximos de Lyuba Duprat, das fotos, das cartas (os biografemas), é que a narradora decifra sua rotina e sua visão de mundo, no propósito de reavaliar a identidade da personagem enquanto descendente de franceses. Somam-se indícios, testemunhos, pedaços de lembranças que colaboram para que seja realizada a façanha de recompor sua trajetória, em que o amor pela França, o aprendizado da língua francesa, a vida de estudante na Europa em tempo das agruras da Primeira Guerra, são a tônica.

Lembrar apresenta, porém, uma contrapartida punitiva: o esquecimento. Para Harald Weinrich, “Uma memória para sobreviver deve lutar quotidianamente contra o esquecimento. E para vencê-lo, é preciso conhecer, erguer um minucioso processo verbal de todas suas manifestações atestadas” (1999). No entanto, o esquecimento também é uma necessidade operacional da memória, Jorge Luis Borges bem o demonstra

---

*materalidade: as pontes de memória nos objetos de Lyuba Duprat*, disponível no site: <http://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/5427>

pelo método do absurdo, através do personagem Irineo Funes, provando que a memória perfeita não é possível, muito menos saudável. Dito isto, por contraditório que possa parecer, para lembrar é preciso esquecer; mas também é necessário que a lembrança se atualize em percepção, conforme nos ensina Henri Bergson em *Matière et mémoire*. E é o que o livro de Olivia Nery propõe do início ao fim. De saída, em homenagem à sua avó Neuza Maia Nery, ela já inclui o singelo texto intitulado “Cadeirinha”, no qual a avó descreve a biografia cultural desse objeto, parte da história familiar da autora.

Voltando ao título, para tratar dos objetos são evocados seus fragmentos esparsos, marcados pela complexidade de suas apropriações: velhas fotografias, cartas e outras lembranças garimpadas, mostradas estetizadas, permitem ao leitor reconstituir os múltiplos ires e vires de Lyuba Duprat, em pesquisa documental que também exigiu a colaboração de testemunhos de amigos. Foi assim que a história da personagem e sua vida foram reconstruídas pelo viés dos rastros, suscetíveis de veicular representações diferentes, adicionando à memória afetos e sensibilidades. Poderíamos nos perguntar: de que lugares de enunciação se falaria do passado de Lyuba Duprat mais de um quarto de século depois de sua morte? Ou, quando propomos a criação de uma Sala de Documentação com seu nome (1995), se vislumbrávamos oferecer ao leitor um livro como este, que abole limites espaciais e mesmo temporais?

Ao vê-lo hoje realidade e ao constatarmos que provém do discurso de uma acadêmica jovem, dinâmica, que mesmo sem ter entrecruzado seu percurso ao de Lyuba Duprat, é por meio de sua narrativa que o passado se apresenta enquanto pacto entre diferentes gerações. Em investigação minuciosa, no processo de reelaboração do tempo findo, na compreensão de silêncios e lacunas, Olivia Nery confere valor e visibilidade ao conjunto de objetos. Para o acesso e a reinterpretação, vêm contribuir a confluência e o suporte de potências de reflexão, em ampla e variada base teórica, notadamente francesa. Jean Baudrillard, desde a Introdução, vem nos dizer da importância de se criar um inventário para

que possamos organizar e entender os objetos que nos cercam; mais do que isto, vem lembrar que os objetos vinculados aos indivíduos podem dizer muito a seu respeito, os mais próximos do corpo, os que ficam escondidos em gavetas, em caixas, expostos em estantes domésticas ou distribuídos em casas de amigos. E nesse processo de desvelar, Olivia encanta e renova nosso olhar, não apenas sobre o legado de Lyuba, mas também sobre nossos próprios objetos, os quais, guardados e preservados, adquirem aos poucos, para nós mesmos e pessoas mais próximas, valor sensível e importância simbólica. Em tal empenho é evocada a pertinência de uma biografia dos objetos, que faz aparecer o que poderia permanecer obscuro e vem sublinhar que discorrer sobre eles pode parecer simples e corriqueiro, daí a diversidade de teóricos da área e a multiplicidade de elementos conceituais.

Na estrutura da pesquisa as teorias iluminam-se umas às outras. Olivia consegue estabelecer a complexa relação dos objetos com a memória, com conceitos e políticas. Thierry Bonnot, Joël Candau, Leonardo Castriota, a orientadora da pesquisa, Maria Leticia Ferreira, Alistair Thomson sustentam reflexões quanto ao apego às coisas, à antropologia, à memória, à identidade e ao patrimônio cultural. Chama a atenção, ainda, na intensa busca memorial de nossos tempos, no campo do patrimônio, o que se denomina “mnemotropismo”, ao mesmo tempo em que são apontados os lugares onde a memória reside e os objetos possuem função simbólica diferente do que apresentavam anteriormente, em sua origem.

O quebequense Laurier Turgeon identifica as abordagens da cultura material, e o professor emérito da USP Ulpiano Toledo Bezerra de Meneses explica o objeto enquanto documento e fonte de pesquisa, aqui reinterpretados e analisados por Olivia, que se preocupa com a importante problemática da “dissociação”, ou seja, a falta de associação do suporte material às informações a seu respeito que enfrentam os profissionais de museus, as instituições memoriais e patrimoniais, todos nós, enfim. E alerta: um objeto sem informação de procedência, origem, história e memória torna-

se um objeto mudo. Olivia ressalta o fato de acervos museológicos tornarem-se essenciais dentro das instituições, principalmente pelo seu papel de conservação da informação.

Alessandra Micalizzi e Janet Hoskins, por sua vez, sustentam o foco nos “objetos biográficos” da professora Lyuba. Krzysztof Pomian embasa o caráter simbólico daqueles capazes de estabelecer relação e representação entre o visível e o invisível – os objetos “semióforos”, aqueles que não são mais utilizados de acordo com sua função original. Para desenvolver tais questões e sustentar a ideia de que os objetos estão inextricavelmente amarrados, carregados de memória, personalidade e história, Olivia recorre a Alan Radley e Silveira Lima. Sobre a “biografia cultural” das coisas, Igor Kopytoff e Octave Debary reforçam o pressuposto fundamental de que os objetos auxiliam na construção dos indivíduos – são seu *extended self* – fortemente carregados de memórias.

Ecléa Bosi, Clêidna Lima, José Reginaldo Gonçalves, Véronique Dassiê, Alistair Thomson, Verena Alberti, Michel Pollack, Joël Candau confluem nessa reflexão teórica junto ao exercício memorial de Ezio Bittencourt, ao *blog* de Maria Helena de Souza, aos recortes de jornais, às falas dos entrevistados Cleuza, Berenice, Flavio, Regina Carmen, Ricardo, Tabajara e ao meu próprio depoimento. Todos nós, ex-alunos e/ou amigos de Lyuba Duprat, sustentamos a hipótese norteadora da reflexão: seus objetos funcionam enquanto evocadores de memórias e fazem parte da construção de sua personalidade. Mesclam-se a essas narrativas excertos da própria professora, retirados de seus manuscritos, redigidos no tempo em que viveu em Paris, para auxiliar na retomada de seus hábitos e presentificar sua vida. É consenso que o nosso contato com a França está intrinsecamente ligado ao convívio e ao aprendizado do francês com Lyuba, que estimulou curiosidades em relação à língua francesa e Paris, sobretudo. Ao ensinar o idioma com convicção ao longo da sua vida, passou toda uma ideologia, o que acontece quando nós, professores, veiculamos uma língua estrangeira, seja ela qual for. Mas seria apenas isso o que os alunos buscavam *chez*

Mademoiselle? Ou seria uma magia, naquele cenário composto por objetos incomuns, uma diferença na mesmice do universo rio-grandino?

Ficam as perguntas que a leitura de *Objetos, memória e identidade: os objetos biográficos de Lyuba Duprat* poderá responder. Antes de a iniciarmos é oportuno lembrar Walter Benjamin, para quem a memória não é simplesmente a faculdade de reter conhecimentos e fatos vividos no passado, mas a capacidade de reconhecer as impressões por eles deixadas, (re)significando-as no presente, produzindo sobre elas um novo sentido e com elas estabelecendo uma nova relação que desencadeia perguntas.

Será que a memória de Lyuba Duprat está sendo preservada do esquecimento, como pretendia o inventariante, professor Ricardo Soler, ao destinar ao Museu os objetos da professora? Da mesma forma, será que a criação da Sala de Documentação Lyuba Duprat, enquanto espaço de homenagem, que da mesma maneira procura evitar seu esquecimento, consegue transmitir sua trajetória e importância? De que forma os objetos nessas instituições representam ou não sua antiga proprietária?

Mais uma vez Walter Benjamin vem dizer, em *Obras escolhidas*, que um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que um acontecimento lembrado é sem limites, porque é chave para tudo o que veio antes e depois. Nos arquivos, na recuperação de objetos e sua memória, nas entrevistas, a vocação memorialista de Olivia Nery encontra, e agora nos brinda em seu livro com pepitas retiradas de um passado que ameaçava se apagar. A ela devemos a redescoberta, a revivescência das riquezas salvaguardadas de Lyuba Duprat.

*Bonne lecture!*

Nubia Hanciau  
Professora aposentada – FURG

## Introdução

Ao observarmos nosso entorno percebemos que estamos cercados por inúmeros objetos, assim como já observaram Abraham Moles (1972) e Jean Baudrillard (1972; 2000) ao questionar a necessidade de criar um inventário para que se possa organizar e entender os objetos que nos cercam. Os objetos vinculados aos indivíduos podem dizer muito sobre eles, tanto aqueles que estão mais próximos do corpo, a exemplo daqueles que compõem a indumentária e a vestimenta, quanto os que ficam escondidos em gavetas, em caixas ou expostos nas estantes domésticas. Esses objetos que são guardados e preservados pelo seu dono podem vir, aos poucos, a adquirir um valor sensível e uma importância simbólica tanto para ele próprio quanto para os outros que porventura estiverem na sua presença, principalmente para as pessoas mais próximas.

Falar sobre objetos parece, em um primeiro momento, algo simples e corriqueiro. Entretanto, devido à diversidade de teóricos da área e de elementos conceituais, faz-se necessário explicitar, logo de início, qual o conceito de objeto que utilizamos para estruturar e pensar este trabalho. Este conceito está baseado principalmente na ideia de Jean Baudrillard (1972), quando diz que objeto é o inventário de artefatos utilizados pelo homem na sua vida cotidiana. Para o autor, os objetos ainda se estendem à categoria de símbolo e signo e estão conectados, pois é “através dos objetos que cada indivíduo, ou cada grupo, procura seu lugar em uma ordem, tentando empurrar esta ordem conforme sua trajetória pessoal” (BAUDRILLARD, 1972, p. 54).

Sobre a questão de signo, símbolo e significado social que os objetos possuem na vida do ser humano, Baudrillard

(1972) ainda afirma: “[...] em suma, sob o signo dos objetos, sob o selo da propriedade privada, é sempre um processo social que se traça” (1972, p. 54). Dessa forma, tendo em vista os vários teóricos que se dedicam a uma conceitualização do termo “objeto”, optamos por considerar como objetos aqueles artefatos fabricados pelo homem e que compõem o cenário e a vida cotidiana dos indivíduos.

Foi com base no conceito de Baudrillard (1972) e de Dohmann (2013) que este livro foi estruturado, fundamentando-se na análise dos objetos que pertenceram à professora de francês Lyuba Duprat (1900-1994), da cidade do Rio Grande. O conjunto de objetos legado por Lyuba Duprat foi utilizado para compreender sobre a sua vida e, principalmente, para buscar o entendimento da sua função como evocador de memórias àqueles que conviveram com a professora, nesse caso, seus ex-alunos. Os objetos analisados fizeram parte do espaço doméstico, profissional e pessoal da professora, que dedicou grande parte (77 anos) de sua vida ao ensino da língua e da cultura francesa, tanto na sua cidade natal, Rio Grande, quanto no Rio de Janeiro. Lyuba Duprat estudou na França entre 1912 a 1916 (dos doze aos dezesseis anos), no Lycée Victor Duruy, em Paris. Quando voltou para o Brasil, trouxe consigo o conhecimento da língua e da cultura, o que se poderia apontar como um “estilo francês” de se mostrar ao mundo, caracterizado principalmente pelo seu jeito de vestir, falar e andar. Dessa forma, a sua personalidade e, conseqüentemente, a sua vida foram influenciadas por essa apropriação da cultura francesa. Esta influência podia ser percebida igualmente no espaço doméstico. A sua casa, espaço onde ela também ministrava suas aulas, segundo os entrevistados, era reflexo desse mundo diferente e singular que a caracterizava.

Os objetos que pertenceram à professora Lyuba Duprat foram distribuídos, depois do seu falecimento, entre familiares e amigos, bem como para instituições memoriais e patrimoniais que hoje podem colaborar para o compartilhamento de suas memórias e histórias. Esta pesquisa vincula-se, principalmente, à contribuição aos estudos sobre a cultura material, a relação

entre os objetos e a memória e como esses objetos auxiliam no compartilhamento de memórias e no entendimento da história dos sujeitos.

Nesse sentido, a pesquisa teve por objetivo desenvolver um estudo sobre a relação entre os objetos e a memória, entendendo como memória, em um primeiro momento, a “aquisição, formação, conservação e evocação de informações” (IZQUIERDO, 2011, p. 11). Essa relação foi analisada a partir dos objetos que pertenceram à professora de francês e que atualmente fazem parte do acervo de duas instituições memoriais na cidade: Museu da Cidade do Rio Grande (mantido pela Fundação Cidade do Rio Grande) e a *Salle de Documentation* Lyuba Duprat (com sede na Universidade Federal do Rio Grande – FURG).

Os aspectos principais desta pesquisa estão relacionados aos elementos biográficos, afetivos, emocionais e memoriais dos objetos. Nesse contexto, a partir do exposto, este estudo possibilita um diálogo interdisciplinar entre diferentes áreas do conhecimento, entre elas a Antropologia, a História, a Museologia e a Arqueologia, ciências que estudam, dialogam e contribuem para pesquisas não apenas sobre a memória, mas a cultura material, e a maneira em que elas se encontram na sociedade.

Dessa forma, a partir das teorias e das entrevistas, este livro está organizado em três capítulos. O primeiro capítulo apresenta uma revisão teórica sobre a memória e os seus suportes, dando ênfase na relação entre objetos e memória, e como eles são suportes memoriais e fortalecedores de identidades. Nesse capítulo também há uma primeira apresentação da história da professora e da sua relação com os objetos. O segundo capítulo traz a história de vida de Lyuba Duprat através das entrevistas em forma de “memórias recortadas”, dialogando com as teorias sobre memória e narrativa; traz, também, a questão de como os objetos são lembrados e introduzidos dentro de cada narrativa. Já o terceiro capítulo traz a relação entre memória e patrimônio e como se deu o processo de musealização dos objetos analisados, onde cada instituição foi analisada separadamente, mostrando quais

os objetos que pertenceram a Lyuba Duprat que fazem parte dos acervos e como se deu a escolha desses objetos.

Portanto, foi realizado um levantamento documental dentro de cada instituição onde os objetos estudados estão salvaguardados. Documentos institucionais e museográficos, como banco de dados, fichas dos objetos, livro de entrada e outros documentos oficiais também foram utilizados na pesquisa a fim de entender como se deu o processo de patrimonialização nessas instituições. Durante esse levantamento documental foi encontrado um número significativo de jornais com reportagens sobre Lyuba Duprat, manuscritos e outros documentos que pertencem à *Salle de Documentation Lyuba Duprat* da FURG. Além desses, também foram utilizados alguns recortes de imprensa que foram guardados pela própria professora Lyuba Duprat e que estão sob os cuidados da professora Nubia Hanciau, uma das pessoas entrevistadas, cuja contribuição tem grande importância nesta pesquisa.

Este livro apresenta, no decorrer de três capítulos, uma investigação também baseada por uma curiosidade e uma sensibilidade do olhar para os objetos, para a cultura material. Esperamos que esta leitura ajude a entender um pouco mais sobre a importância dos objetos nas nossas vidas, a refletir sobre as nossas relações com eles e, ainda, a conhecer a professora Lyuba Duprat.

## Capítulo I

### Objetos: pontes de memória, passado e presente

*Em um nível mundano, todos os dias, no mundo, muitos objetos estão inextricavelmente amarrados de memória (RADLEY, 1994, p. 47).*

Para falar do caráter memorial dos objetos e de seu vínculo com o passado, é necessário introduzir algumas correntes teóricas e entendimentos sobre a memória e a maneira com que ela se manifesta nos indivíduos. Em termos gerais, a temática da memória está em crescimento nas últimas décadas, mas discute-se acerca da complexidade da memória desde a Antiguidade. A memória passa a ser um campo de estudo e interesse não só das Ciências Naturais e Neurobiológicas, mas também das Ciências Humanas e Sociais, tendo em vista que a memória é constantemente atualizada e influenciada pelos indivíduos. A memória está diretamente vinculada à maneira pela qual os sujeitos percebem o mundo ao seu redor, pensam o passado e o presente e projetam o futuro.

Em um conceito amplo, a memória é *algo* que se constrói depois do ocorrido, é a relação do homem com o tempo, é aquilo que guardamos do nosso passado, sempre ressignificado. Para Iván Izquierdo, neurologista que estuda a memória, “o acervo de nossas memórias faz com que cada um de nós seja o que é: um indivíduo, um ser para qual não existe outro idêntico” (2011, p. 11). A memória faz com que as pessoas se reconheçam como indivíduos para eles mesmos e também para o social, para o meio. Izquierdo ainda afirma que “o passado, nossas memórias, nossos esquecimentos voluntários,

não só nos dizem quem somos, como também nos permitem projetar o futuro; isto é, nos dizem quem podemos ser” (2011, p. 11). Entender essa relação entre a memória e o indivíduo é essencial para entender as demais influências da memória sobre o indivíduo e também na coletividade.

Quando Izquierdo defende que a memória diz sobre quem é cada indivíduo e sobre como ela influencia como este vai ser, é porque a memória age no indivíduo constantemente. Esta é atualizada constantemente, e assim como ela influencia cada um, também é influenciada pelos indivíduos no momento presente e pelo meio onde está inserida. Segundo o conceito de Candau (2012), a memória é, acima de tudo, uma reconstrução do passado mais do que uma representação fiel dele. Essa reconstrução é contínua e é motivada por diversos fatores (internos e externos). Isso quer dizer que tudo o que lembramos, a cada dia, não retrata a realidade “crua e pura” do fato ocorrido: todas as lembranças, tudo o que é evocado pela memória, sofre uma atualização e alteração influenciada pelo tempo presente. Por isso torna-se um problema utilizar o conceito de *resgate* da memória e do passado, para se referir a um trabalho, exercício ou pesquisa que traz à tona algo, pois esse exercício é incapaz de trazer o passado para o presente sem alterá-lo, sem interpretá-lo. Há sempre uma representação, uma releitura do que aconteceu, sempre com os olhos de onde se está: do presente.

Essa releitura ocorre, inclusive, nas lembranças da infância, pois ela nunca é evocada da mesma maneira, apesar de nem sempre isso ficar evidente para quem lembra. Segundo Candau (2006, p. 13), a memória não se repete nunca, ela é resultado de um processo de recategorização contínua e totalmente distinta da memória digital do computador, por exemplo; ela nunca é a mesma. Visto que a memória é uma reconstrução do passado, alguns detalhes e acontecimentos são excluídos, causando os esquecimentos. Cabe salientar que, ao contrário do que muitos acreditam, o esquecimento não é um inimigo da memória, ele é necessário para a vida do ser humano. Segundo Izquierdo (2011), sem o esquecimento seria praticamente impossível interagir com os outros indivíduos, pois

lembraríamos constantemente as impressões negativas e atitudes destes que nos desagradam. Da mesma forma, sem o esquecimento as nossas lembranças não teriam nenhum alívio e viveríamos diariamente lembrando daquilo que um dia nos fez sofrer.

Além do esquecimento, como falar de memória sem falar de identidade, e vice-versa? Como aponta Joël Candau (2012), a memória e a identidade estão indissolúvelmente conectadas, não existe identidade sem memória. Para Izquierdo (2011), é a memória que faz com que cada indivíduo seja da maneira que é, e é ela também que vai influir na maneira de ser e pensar o hoje, o passado e o futuro. Inúmeros são os casos nos quais, por algum acidente ou por alguma doença, as pessoas que perdem a memória, ou parte dela, se sentem perdidas, desvinculadas do mundo real e de sua vida. Para Candau, “é a memória, podemos afirmar, que vem fortalecer a identidade, tanto no nível individual quanto no coletivo: assim, restituir a memória desaparecida de uma pessoa é restituir sua identidade” (2012, p. 16).

Neste caso é importante lembrar que ao falar da importância da memória para a identidade, fala-se também dos esquecimentos. Os esquecimentos individuais e coletivos são igualmente importantes para a construção e fortalecimento das identidades. Sobre a relação entre memória e identidade, Alistair Thomson afirma que construímos uma identidade com a qual se pode conviver e que, para isso, faz-se uma relação dialética entre memória e identidade. Para o autor,

nossa identidade (ou “identidades”, termo mais apropriado para indicar a natureza multifacetada e contraditória da subjetividade) é a consciência do eu que, com o passar do tempo, construímos através da interação com outras pessoas e nossa própria vivência (THOMSON, 1997, p. 57).

O termo “identidades”, utilizado pelo autor, mostra a variabilidade da nossa própria identidade com o passar do tempo e a nossa relação com a memória e o social – pois são ambas dinâmicas e trabalham incessantemente em uma

atualização. Assim como Candau, Thomsom afirma que a identidade ou as “identidades” são construídas e moldadas várias vezes e fazem parte de um movimento que influencia a vida, assim como é influenciada por esta e pelo meio em que se está inserido. Em suas palavras:

As histórias que relembramos não são representações exatas do nosso passado, mas trazem aspectos desse passado e nos moldam para que se ajuste às nossas identidades e aspirações atuais. **Assim, podemos dizer que nossas identidades moldam nossas reminiscências; quem acreditamos que somos no momento e o que queremos afetam o que julgamos ter sido** (THOMSON, 1997, p. 57 – grifo nosso).

Thomsom utiliza a palavra *modelar* para designar a atividade memorial, a mesma ideia que Candau usa para mostrar a sua visão sobre a relação entre memória e identidade. Segundo este,

**a memória ao mesmo tempo em que nos modela, é também por nós modelada.** [...] Isso resume perfeitamente a dialética da memória e da identidade que se conjuga, se nutrem mutuamente, se apoiam uma na outra para produzir uma trajetória de vida [...] (CANDAU, 2012, p. 16 – grifo nosso).

Através da compreensão do funcionamento memorial e dos fatores modelados, é possível entender, de forma mais aprofundada, a maneira como os indivíduos se comportam e como são afetados por índices memoriais. Durante a vida, vários fatores e situações propiciam e estimulam o exercício de evocação de memória. Algumas vezes esse trabalho é induzido por cheiros, músicas, lugares, fotografias ou também quando se vê algum objeto.

## Objetos da memória

As pessoas, independentemente da idade, do grupo econômico e do lugar em que vivem, estão rodeadas por uma materialidade de coisas que fazem parte dos espaços frequentados e da individualidade de cada uma. Estes espaços podem ser permanentes ou de passagem, e são compostos por diversos materiais que fazem parte, por sua vez, de um cenário e de um contexto. Quando se trata de espaços domésticos, familiares, ou ainda lugares que se frequentam por bastante tempo, como escolas ou casas de amigos e pessoas próximas, os objetos que compõem o lugar podem adquirir um significado diferenciado e adquirir alguma importância na vida dessas pessoas, por mais que por vezes elas não o percebam. Para Roberto DaMatta, “o espaço é como o ar que se respira. Sabemos que sem ar morreremos, mas não vemos nem sentimos a atmosfera que nos nutre de força e vida. Para sentir o ar é preciso situar-se, meter-se numa certa perspectiva” (1997, p. 27). Nesse caso, ao refletirmos a partir do pensamento de DaMatta, percebemos que só a partir do momento de pararmos e percebermos, observarmos a perspectiva do espaço com um olhar, conseguimos perceber que sem ele não vivemos – e que esse espaço não é vazio; é formado por *coisas*.

Começamos pelo espaço mais íntimo e que é detentor de uma quantidade de símbolos e significados muito grande – a casa. O espaço da casa é um universo individual, íntimo e familiar, que abarca toda a complexidade da relação entre público e privado. A maneira como os espaços e os cômodos são distribuídos, a forma como os objetos estão expostos (ou não) e a seleção de quem entra na casa e em cada cômodo faz com que o espaço doméstico seja carregado de complexidade e, ao mesmo tempo, seja uma extensão da vida, da cultura e da posição do indivíduo na sociedade. Para Bachelard, “a casa é o nosso canto do mundo. Ela é, como se diz amiúde, o nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos. Um cosmos em toda acepção do termo” (1993, p. 24). A casa é composta não só por paredes, telhados e pinturas, é composta por cheiros,

sons, móveis e objetos de várias categorias. Ao entrar na própria casa, o indivíduo entra realmente em outro universo, em um espaço onde reproduz o seu estilo de vida, os seus sonhos, desejos, medos, memórias e esquecimentos.

Ao entrar na casa de outra pessoa percebemos a disposição das coisas dentro do espaço, o tamanho dos cômodos, a presença ou não de fotografias, objetos decorativos e demais materiais que compõem o cenário doméstico. Os cômodos mais íntimos são espaços mais secretos, onde o acesso não é tão permitido e utilizado como os outros. Dentro do quarto é que estão os objetos mais íntimos, os maiores segredos de alguém. A partir da reflexão de Bachelard (1993) e de Bernardes (2010), a casa é o espaço onde se guardam as memórias, as relíquias, os segredos e os esquecimentos. Ao fazer o simples exercício de fechar os olhos e se imaginar entrando na sua própria casa ou na casa de algum familiar, várias coisas são lembradas e outras esquecidas. Quais são elas?

Bachelard afirma que “é graças à casa que um grande número de nossas lembranças estão guardadas; e quando a casa tem um porão, um sótão, cantos e corredores, nossas lembranças têm refúgios cada vez mais bem caracterizados” (1993, p. 28). A casa e todas as suas composições, significados e memórias mostram um universo particular onde poucos, somente aqueles a quem os donos permitem, têm acesso. Nesse caso, ao termos a nossa casa invadida por outros não autorizados, sentimos uma violação na privacidade, no próprio ser, como se todos os segredos estivessem expostos. Para Joana Bernardes (2010), a casa pode contar a história do seu habitante, assim como as coisas que estão dentro dela. Assim, é possível compreender um pouco mais a vida de alguém a partir do entendimento desse espaço e também do cenário que o compõe (os objetos). Afinal, a casa é onde o indivíduo pode ser ele mesmo, é o seu “canto”, onde não há tanta preocupação com o olhar dos outros. Sobre isso, Ecléa Bosi traz a seguinte reflexão:

O espaço que ela vivencia, como o dos primitivos, é mítico, heterogêneo, habitado por influências mágicas. A mesa da

família possui um lado onde é bom comer, o lado fasto onde senta-se mamãe e é agradável estar; no lado de lá, o retrato do tio-avô que me olha fixo, às vezes feroz, torna o lado nefasto onde eu recuso comida e choramingo. Tudo é tão penetrado de artefatos, móveis, cantos, portas e desvãos, que mudar é perder uma parte de si mesmo; é deixar para trás lembranças que precisam desse ambiente para reviver (BOSI, 1994, p. 436).

Por isso se faz relevante entender um pouco desse local tão importante para os indivíduos e, no âmbito deste estudo, para o entendimento do universo onde a própria Lyuba Duprat e seus objetos viviam. As narrativas de seus amigos e ex-alunos dão a dimensão da personalidade e do universo particular visíveis na sua casa e nos objetos que a cercavam, tanto na profissão, quanto na sua individualidade e vida cotidiana.

A casa era o espaço onde ela lecionava e também vivia o seu mundo particular, e para compreender a relevância desse espaço e das reminiscências a ele vinculadas, faz-se necessário captar toda a sua complexidade. Através das entrevistas coletadas, percebemos que, embora as aulas fossem ministradas dentro de sua casa, poucos tinham acesso aos cômodos mais íntimos. A maioria dos alunos frequentava apenas a sala principal e, quando necessário, o banheiro. Esse isolamento dos cômodos vai ao encontro das ideias apresentadas anteriormente, ao demonstrarem o espaço privado e íntimo de Lyuba: o espaço de trabalho e o espaço íntimo. Posteriormente, veremos como essa relação híbrida entre público e privado da casa influencia na lembrança que os entrevistados possuem ou não dos objetos mostrados durante as entrevistas.

Lyuba Duprat morou em várias casas, mas a última delas ficava na rua Carlos Gomes, na cidade do Rio Grande<sup>3</sup>,

---

<sup>3</sup> A cidade do Rio Grande fica localizada no sul do Rio Grande do Sul, a cerca de 300km da capital do estado, Porto Alegre. Foi fundada em 1737 pelo português Silva Paes, e tem como forte característica sua posição geográfica peninsular, entre o estuário da Lagoa dos Patos e o Oceano

ao lado do prédio onde antigamente funcionava a Escola de Belas Artes Heitor de Lemos. Uma casa que, segundo os entrevistados, era “outro mundo”, onde se conhecia um pouco da personalidade e da vida de Lyuba e do mundo francês. Nubia Hanciau escreveu um depoimento sobre a sua relação com Lyuba Duprat e sobre a casa de sua antiga professora:

Instalada à época em glamourosa casa pintada de rosa situada à Marechal Floriano Peixoto, 564 (telefone 158), o portão de ferro que antecedia a porta coberto por um caramanchão dava entrada a uma sala onde sentava à volta de uma mesa quadrada essa senhora que, como ninguém na cidade, acumulava vasto conhecimento em língua francesa, história da arte e cultura de modo geral (HANCIAU, 2015, s/página).

Os demais entrevistados também lembraram com mais frequência dessa residência de Lyuba Duprat que, aparentemente, ficou mais marcada na memória dos ex-alunos. Um dos aspectos mais recorrentes nas entrevistas é a lembrança dos móveis antigos, heranças de família e também a imensa quantidade de livros em estantes desde a sala principal até o corredor da cozinha, como veremos posteriormente.

Os objetos constituem o cenário em que vivemos em suas mais variadas tipologias e funções. Segundo Abraham Moles, “o objeto é um dos elementos essenciais que nos cercam. Constitui um dos dados primários do contato do indivíduo com o mundo” (1972, p. 9). Os objetos fazem parte da nossa cultura material, principalmente se considerarmos o sistema econômico em que vivemos na sociedade ocidental. Cada objeto passa por um processo de criação, fabricação,

---

Atlântico. Possui um dos portos marítimos mais importantes da América Latina e a característica portuária marcou todo o desenvolvimento e transformação da cidade, desde o século XVIII até os dias de hoje. Teve um papel importante na história industrial do Rio Grande do Sul e do Brasil, bem como recebeu imigrantes de várias regiões da Europa, destacando-se portugueses, italianos, alemães e franceses. Para ver mais: MARTINS, Solismar F. *Cidade do Rio Grande: industrialização e urbanidade (1873-1990)*. Rio Grande: Ed. da FURG, 2016.

venda e compra, e nesse processo carrega consigo uma diversidade de funções, significados e simbologias.

Da mesma maneira que os objetos fazem parte da construção de cada indivíduo, também são importantes para as culturas, tradições, religiões e manifestações culturais. Alguns deles possuem um significado maior dentro de cada cultura, possuem um poder simbólico que não é o mesmo em outro lugar. A cultura material pode ser entendida como um testemunho histórico. O antropólogo Laurier Turgeon (2007, p. 14) identifica quatro abordagens sobre a cultura material: a primeira como um testemunho histórico, a segunda a partir de sua visão estruturalista e semiológica do objeto, a terceira toma o objeto como ação social e, por último, o objeto como uma forma de expressão da memória.

Assim como Turgeon, o historiador Ulpiano Bezerra de Meneses também defende que o objeto pode ser visto e entendido como documento e fonte de pesquisa.

[O] que faz de um objeto documento não é, pois, uma carga latente, definida, de informação que ele encerre, pronta para ser extraída, como o suco de um limão. O documento não tem em si sua própria identidade, provisoriamente indisponível, até que o ósculo metodológico do historiador resgate a Bela Adormecida de seu sono programático. **É, pois, a questão do conhecimento que cria o sistema documental. O historiador não faz o documento falar: é o historiador quem fala e a explicitação de seus critérios e procedimentos é fundamental para definir o alcance de sua fala.** Toda a operação com documentos, portanto, é de natureza retórica. Não há por que o documento material deva escapar destas trilhas, que caracterizam qualquer pesquisa histórica (MENESES, 1998, p. 95 – grifo nosso).

Tendo em vista que os objetos podem ser entendidos como documentos, é possível tomá-los enquanto índices pelos quais se pode traçar o percurso de uma vida ou de várias vidas, além de sua própria trajetória. Citamos aqui dois trabalhos que mostram de que maneira os objetos podem ser utilizados como ganchos biográficos, dando origem ao

conceito de “objetos biográficos”, e como eles funcionam enquanto narradores de histórias de vida e memórias. O primeiro deles é o de Alessandra Micalizzi (2012), cuja pesquisa envolve um grupo de sobreviventes do terremoto que aconteceu na Itália em 2009. A autora buscou entender de que forma as pessoas passaram a se relacionar com os objetos perdidos na catástrofe. Alessandra percebeu que os vestígios materiais que sobreviveram ao acidente passaram a ser representativos de uma vida pré-terremoto, representando uma identidade, as famílias, as histórias e as memórias. Um ponto interessante elencado pela autora e que traduz o processo de ressignificação das coisas, é que alguns desses objetos reencontrados nos escombros e sobreviventes do terremoto não tinham um forte valor simbólico ou afetivo – eram apenas objetos –, mas mudaram de categoria e adquiriram outro *status* ao serem os únicos representantes e resistentes à tragédia.

Outro trabalho é o de Janet Hoskins (1998), que faz um estudo antropológico com a comunidade de Kodi, na Indonésia, ao investigar a maneira com que os objetos auxiliam nas narrativas biográficas dessa comunidade. Ela percebeu que a distância e o silenciamento entre ela e os membros ao tentar conversas e contatos, foi minimizado e quebrado quando utilizavam os objetos para narrar. Através dos objetos, os membros locais se desintimidaram e passaram a narrar suas histórias, seus tabus e tradições.

Ambos os trabalhos mostram, de maneiras diferentes, a forte e complexa relação que os objetos desempenham na vida das pessoas, adquirindo significados diferentes de acordo com a situação e contexto. Além disso, levam a compreender de que maneira os objetos auxiliam na narrativa de histórias de vida, na evocação de memórias e no fortalecimento de identidades. Entretanto, nesta pesquisa o foco não são as histórias de vida dos narradores, mas sim as suas memórias e narrativas de um sujeito terceiro – a proprietária original das peças: Lyuba Duprat. Entretanto, convém lembrar que toda narrativa aborda e inclui aspectos particulares da vida do narrador, principalmente ao percebermos

que todo exercício memorial e narrativo é baseado na experiência única e individual de quem narra, com base no tempo e no espaço presente.

Ao falarmos da importância dos objetos para as pessoas e para as comunidades, falamos também da função simbólica que possuem. E para isso a noção de objeto semióforo, engendrada por Pomian (1984), se coloca aqui como ferramenta de compreensão do objeto para além de sua carga material e tecnológica – para o autor, alguns objetos fazem a mediação entre o visível e o invisível; esses são os objetos semióforos. Meneses (1994) analisa o objeto a partir da reflexão de Pomian e diz que estes servem

[...] para identificar objetos excepcionalmente apropriados e exclusivamente capazes de portar sentido, estabelecendo mediações de ordem existencial (e não cognitiva) entre o visível e o invisível, outros espaços e tempos, outras faixas de realidade (MENESES, 1994, p. 18).

Nesse sentido, o conceito de Pomian está, basicamente, vinculado ao caráter simbólico de alguns objetos, capazes de estabelecer relação e uma representação entre o visível e o invisível. Nesse sentido, os objetos que serão analisados e discutidos neste trabalho são, principalmente, aqueles chamados por Pomian (1984) de semióforos, pois já não são utilizados por Lyuba Duprat de acordo com sua função original e são mediadores entre os entrevistados e a entrevistadora, entre Lyuba e a entrevistadora. Para o autor, os objetos possuem duas características principais: a de matéria (intrínseco) e espírito (extrínseco). A questão “espiritual” e extrínseca dos objetos é a que será mais abordada e aprofundada neste livro, buscando compreender para além da matéria e do que o tato pode perceber, as camadas invisíveis e simbólicas que dão sentido aos objetos. Os semióforos estão carregados de invisibilidades, são detentores de algo considerado como “reliquia” no sentido de preciosidade, de objeto raro, que deve ser preservado.

Corroborando as ideias de Laurier Turgeon e de Ulpiano Meneses, o autor Marcus Dohmann, em seu livro *A experiência material: a cultura do objeto: questões similares*, diz que os objetos são veiculadores de sentidos, imagens, significados e recordações. Eles

[...] alternam tensões entre esquecimentos e saudosismos, nos sentidos e sensações reavivados pela lembrança material. **Objetos ou coisas sempre remetem lembranças de pessoas ou lugares, de uma simples fotografia até um marco arquitetural. Ao proporcionar a conexão com o mundo, os objetos mostram-se companheiros emocionais e intelectuais que sustentam memórias, relacionamentos e histórias, além de provocarem constantemente novas ideias** (DOHMANN, 2013, p. 33 – grifo nosso).

Para Allan Radley (1994), apesar de alguns psicólogos reconhecerem o papel que os objetos têm na vida individual, os estudos referentes à memória e aos objetos ainda estão na marginalidade dos interesses desses e de outros profissionais que atuam nessa área. Segundo Radley (1994, p. 47), “em um nível mundano, todos os dias no mundo muitos objetos estão inextricavelmente amarrados de memória”.

Trata-se, então, de alguns objetos que estão ao redor dos indivíduos e que desde tenra idade auxiliam a construir suas identidades e personalidades, e a fazer um elo com o mundo e também entre passado, presente e futuro. Não só carregados de memória, de personalidade e de histórias, os objetos podem estar carregados de significados e simbologias que representam a visão de mundo que o indivíduo tem e a sua relação com meio em que vive. Para Silveira e Lima (2005, p. 40), “o objeto, portanto, fala sempre de um lugar, seja ele qual for, porque está associado à experiência dos sujeitos com e no mundo, posto que ele representa uma porção significativa da paisagem vivida”. Dessa forma, é interessante pensar que se os objetos que Lyuba tinha e utilizava representavam sua personalidade e a diferenciavam das outras pessoas, seriam estes objetos ligados à experiência

de Lyuba no mundo? Nesse sentido, todos os objetos, em especial aqueles que possuem uma relação mais afetiva com o seu dono e representam algo mais simbólico do que simplesmente objetos, podem ser entendidos como documentos, objetos biográficos, narradores e suportes de memória.

Essa característica dos objetos faz com que muitas vezes eles sejam vistos por seu dono, e por terceiros, como uma extensão de si mesmo, como um *extended-self* (MENESES, 1998, p. 96). O interessante desse conceito é que ele categoriza os objetos como se fossem uma continuação da personalidade e da vida de seu possuidor, o que corrobora a visão dos autores e das teorias discutidas acima, de que os objetos auxiliam na construção dos indivíduos e são fortemente carregados de memórias.

Sobre essa relação dos humanos com seus objetos e destes com a memória e identidade, diz Ecléa Bosi:

[...] mais do que uma sensação estética de utilidade eles nos dão um assentimento à nossa posição do mundo, à nossa identidade; e os que estiveram sempre conosco falam à nossa alma em sua língua natal. [...] São estes os objetos que Violette Morin chama de objetos biográficos, pois envelhecem com o possuidor e se incorporam à sua vida: o relógio da família, o álbum de fotografias, a medalha do esportista [...] (BOSI, 2005, p. 5).

Nesse trecho, Bosi utiliza a classificação de Violette Morin para caracterizar os objetos biográficos como aqueles que fazem parte da vida de alguém e auxiliam na construção de sua identidade e do seu lugar no mundo. Fazendo a relação entre os objetos e a memória, e estes como suportes de memória, Maria Letícia Ferreira (2008) analisa os objetos e a sua relação entre memórias (individuais e coletivas) e a importância deles para a construção da identidade. No artigo intitulado “Objetos, lugares de memória”, a autora analisa contextos importantes, dentre eles, a relação simbólica e o caráter de relíquia que muitos objetos recebem. Traz como exemplo um ex-combatente da FEB e alguns objetos que foram adquiridos durante operações na Itália, como uma faca

que o antigo combatente diz ter ganhado de um oficial alemão que convivera com ele em um campo de refugiados. A localização da faca dentro da casa expõe o caráter simbólico e a importância que a mesma tem para ele e para sua família, pois é guardada em um cofre e enrolada em um tecido de veludo (FERREIRA, 2008, p. 27).

Além desse caso, a autora mostra a importância desses vestígios materiais para a memória. “No caso dos objetos como elementos de evocação, é importante também percebê-los como elementos de distinção, objetos biográficos fortemente carregados de um sentido, narradores, eles próprios da trajetória social de um sujeito” (FERREIRA, 2008, p. 25).

Com as reflexões acima expostas, podemos entender que os objetos chamados “biográficos” são aqueles que fazem parte da vida de alguém, que envelhecem com a pessoa e compõem sua identidade, contribuindo para a construção e compartilhamento de suas memórias.

Ainda sobre a relação entre objetos biográficos, evocação, preservação e compartilhamento de memórias, diz Clêidna Lima: “a maior parte das lembranças só é guardada graças à casa e, muitas vezes, à custa de fragmentos, objetos, sons, odores, uma infinidade de detalhes que funcionam como verdadeiros ‘arrimos de memória’” (2001, p. 40). Aqui novamente percebemos como a materialidade das coisas pode “absorver” memórias e a presença dos objetos pode possibilitar ao sujeito a lembrança de histórias, pessoas e acontecimentos. Este é o cerne do exercício de evocação memorial através dos objetos, fazer, conforme a autora, “arrimos de memória” com experiências vividas, lembradas e até por vezes esquecidas.

Acerca da relação íntima entre sujeito e objeto e as memórias presentes nessa relação, Anette Weiner (*apud* GONÇALVES, 2005, p. 26) destaca a grande importância que os objetos detêm na vida cotidiana dos indivíduos, como eles colaboram para a construção de identidades, histórias e memória e como auxiliam na relação entre passado, presente e futuro, conforme dito anteriormente. Para a autora, os objetos têm um papel importante nas relações sociais, na maneira com que se vê o mundo e como o mundo nos vê.

Com essa reflexão, podemos dizer que os objetos que nos rodeiam constroem o cenário que vivemos, não só na casa de cada um, mas nos lugares que frequentamos. Mesmo que haja uma mudança de casa ou que se pare de frequentar um lugar, alguns objetos ficam marcados na memória – são referências do espaço. Ao nos depararmos com esses objetos ou similares em algum lugar ou fotografia, fazemos a associação com aqueles que cercavam aquele cenário, lembramo-nos dos momentos que passaram e das pessoas que lá estavam. O mesmo acontece quando, ao encontrar objetos que pertenciam a alguém, ou que se diz “é a cara dele(a)”, a presença da materialidade gera uma evocação de memória, memória de alguém, de algum lugar ou momento.

Os objetos de Lyuba Duprat utilizados nesta pesquisa mostram de que maneira, através da materialidade, as pessoas podem expressar sua personalidade, identidade e estilo de vida. Aqueles trazidos aqui, e também aqueles lembrados pelos entrevistados, mostram a forte presença e a influência da cultura francesa na sua vida. Eles são testemunhos da fusão cultural, dos hábitos e costumes europeus de Lyuba. Tal característica é lembrada pelos entrevistados que narram não só um pouco da história de vida da professora, mas também do seu cotidiano e da sua personalidade em vinculação com os objetos. A presença desses objetos a diferenciava das outras pessoas.

Nesse sentido, é praticamente indiscutível que esses objetos possuem uma relação forte e importante com a memória. Octave Debary, em seu artigo “Segunda mão e segunda vida: objetos, lembranças e fotografias”, também aborda a relação entre os objetos materiais e as memórias. Na visão do autor, essa relação acontece “porque são objetos materiais (tangíveis), mas também alterados (*junk*), que permitem uma passagem de testemunho cuja indefinição (estando alterados e vindos de outros) abre à redefinição possível do passado. Funcionam assim como ‘pontes’ de uma memória coletiva ou individual” (DEBARY, 2010, p. 7).

A reflexão de Debary demonstra, assim como a teoria de Allan Radley, que os objetos podem servir como ligação

entre presente e passado e que funcionam como suportes de memórias. De certa maneira, a cultura material serve para construir a identidade e construir a imagem para os outros. Para Laurier Turgeon, “os objetos desencadeiam fortes experiências sensoriais e afetivas capazes de mobilizar ou desmobilizar as pessoas. Eles também permitem ao indivíduo dizer quem ele é e afirmar sua personalidade e sua integração social” (2007, p. 24). Sobre a maneira como os objetos auxiliam na construção dos indivíduos e de suas personalidades, José Reginaldo Gonçalves apresenta a seguinte reflexão:

[...] a sugestão é que sem os objetos (materiais) não existiríamos enquanto pessoas socialmente constituídas. Sejam os objetos materiais considerados nos diversos contextos sociais, sejam eles retirados de circulação cotidiana e deslocados para os contextos institucionais e discursivos das coleções, museus e patrimônios; o fato importante a considerar aqui é que eles não apenas desempenham funções identitárias, expressando simbolicamente nossas identidades individuais e sociais, mas na verdade organizam a percepção que temos de nós mesmos individualmente e coletivamente (2007, p. 27).

No entanto, nem todos os objetos estão na mesma categoria e possuem a mesma importância para o indivíduo e a sociedade. Para Radley (1994), alguns objetos foram especialmente criados com o intuito de serem recordações de algum lugar – *souvenirs*, em francês, lembranças – objetos vendidos em pontos turísticos e que o viajante compra para si ou para dar de presente para alguém. Mesmo que esses objetos possuam uma carga memorial e histórica, em um primeiro momento são um tanto diferentes daqueles categorizados por Violette Morin como objetos biográficos.

Radley (1994) e Bachelard (1993) defendem que os objetos biográficos e memoriais também estão diretamente ligados à intimidade dos indivíduos. Alguns são extremamente íntimos e não estão expostos aos olhos dos visitantes no espaço domiciliar. Esse ato de “esconder” as coisas também está relacionado às memórias, aos esquecimentos dos

sujeitos e à capacidade de evocação que esses objetos têm. Quando os colocamos expostos aos nossos olhares, há um desejo de visualização, de presença e lembrança e, provavelmente, as memórias a eles vinculadas são boas e queremos constantemente revisitá-las. O mesmo pode acontecer inversamente, quando escondemos aquilo que não queremos lembrar, que traz memórias doloridas e sofridas. Sobre essa intimidade dos objetos, Veronique Dassié traz a seguinte reflexão:

[...] E outro paradoxo, quanto mais as pessoas são próximas de seus objetos, menos elas dão detalhes do seu passado. Quando elas são diretamente concernidas pelo seu percurso por terem sido as testemunhas diretas de sua aquisição e conservação, elas são menos prolixas ainda sobre eles (DASSIÉ, 2010, p. 18, tradução nossa)<sup>4</sup>.

Visto que os objetos são tão importantes para a construção de identidades, memórias e narrativas, podemos também compreender que cada objeto é detentor de uma história que lhe é própria. Donos, funções, usos, traumas, marcas, histórias, espaços, cheiros e fatores internos e externos que cada objeto possui, quase como um ser vivo. Seria, portanto, possível estudar a história dos objetos, proposta apresentada e desenvolvida por Igor Kopytoff (2008) no conceito de “biografia cultural” das coisas. O autor propõe que, assim como as pessoas, as coisas têm uma história, uma biografia, e estudá-la permite compreender fatores importantes e, talvez, difíceis de serem desvendados sem tal abordagem. Kopytoff diz que tal como se faz a biografia de uma pessoa, as mesmas questões devem ser feitas aos objetos, para assim delinear sua biografia. Laurier Turgeon também utiliza o conceito de Kopytoff para analisar a “vida dos

---

<sup>4</sup> Trecho original: “Et autre paradoxe, plus les personnes sont proches de leurs objets, moins elles donnent de détails du passé de l'objet. Quand elles sont directement concernées par leur parcours pour avoir été les témoins directs de leur acquisition et de leur conservation, elles sont d'autant moins prolixes à leur sujet”.

objetos”, pois “como os objetos materiais sobrevivem às pessoas, eles estruturam suas relações sociais com o tempo. Os objetos possuem suas próprias vidas, suas trajetórias, suas biografias que nós podemos reconstruir” (TURGEON, 2007, p. 25). Octave Debary compreende a contribuição do conceito ao propor que “seguir a trajetória dos objetos implica distanciar-se da noção de antropomorfismo a fim de compreender como os objetos são atores, tal como os demais, da vida social” (DEBARY, 2010, p. 30).

Dessa forma, o conceito de “biografia cultural”, que se assemelha aos conceitos “vida dos objetos”, “alma das coisas” e “objetos biográficos”, aponta para um estudo calcado no objeto em si, como centro das mediações e com papel ativo na vida social e cultural. Ele passa a ser visto enquanto protagonista de uma situação ou de um estudo, proporcionando que, a partir dele, uma série de entendimentos, interpretações e tessituras seja possível. A partir dos objetos surgem sujeitos, histórias, memórias, esquecimentos e outros objetos.

Há, portanto, alguns aspectos que tangenciam os objetos enquanto suportes de memórias e de identidades, que merecem ser observados neste livro. Primeiramente, as coisas, muitas vezes, desempenham funções que ultrapassam aquelas para as quais foram criadas. Mas não se atentando especificamente em sua função utilitária, os objetos desempenham um papel primordial na criação do sujeito enquanto ser social que constrói uma identidade. As coisas que ele possui terão um significado importante para construir-se enquanto sujeito único e para a sociedade, e esse significado pode variar de acordo com a sociedade em que está inserido e sua cultura. Por exemplo, possuir um relógio de ouro na sociedade ocidental capitalista possui um significado, um valor simbólico que não é necessariamente compartilhado por uma comunidade oriental fora do sistema capitalista. Nesse caso, se os objetos têm vínculo com as identidades, possuem também uma relação com a memória. Os objetos servem como estopins memoriais, a partir deles surgem lembranças, são construídas, e passam a ser representação material daquela lembrança. Enquanto representação e suporte memorial, o objeto funciona como

evocador de memórias, pois ao vê-lo, tocá-lo, senti-lo, uma série de emoções e reminiscências são evocadas pelo sujeito que o reconhece enquanto tal. Assim, levando em consideração toda essa carga memorial armazenada e tangenciada pelos objetos, ao centrarmos a atenção neles e entendê-los enquanto protagonistas de uma sociedade, cultura ou situação específica, podemos a partir deles compreender a própria biografia, tomando a ideia de Kopytoff como central.

Nesse caso, como afirma Ulpiano (1998, p. 93), “a biografia dos objetos introduz um novo problema: a biografia das pessoas nos objetos”. É a partir dessa problemática que montamos a linha de raciocínio e de proposta deste trabalho, pois o centro das questões e a investigação é iniciada *a partir* dos objetos e não nos sujeitos. A partir deles foi possível traçar a sua biografia e uma biografia de Lyuba Duprat nos objetos, tal como propõe o historiador. Da mesma forma, ao ajustarmos o foco para os objetos e sentimentos, memórias e narrativas despertadas a partir deles, compreendemos o seu papel enquanto evocadores, suportes, representação e materialização de memória (e esquecimentos).

## **Objetos e Lyuba Duprat**

De acordo com as informações obtidas através das entrevistas e dos documentos estudados, trazemos aqui uma apresentação inicial da professora e por que esta investigação utilizou os seus objetos. Alice Lyuba Campello Duprat (1900-1994), mais conhecida como Lyuba Duprat, nasceu na cidade do Rio Grande, no sul do Rio Grande do Sul. Professora particular de francês, dedicou grande parte da sua vida ao ensino da língua francesa e da história da arte na cidade do Rio Grande e também no Rio de Janeiro. Bisneta de franceses e filha do médico Augusto Duprat, reconhecido na cidade do Rio Grande pelo seu trabalho na profissão e na filantropia, Lyuba viajou ainda criança, em 1912, para estudar na França. Ao retornar ao Brasil, em 1916, junto com o aprendizado da língua francesa, trouxe os traços da cultura europeia que passou a difundir através de seus cursos de língua, arte e civilização

francesa. A atividade desenvolvida durante tantos anos e a sua vocação para a docência estão hoje representadas em diversos objetos e em narrativas, como é o caso da entrevista concedida para a Rádio Universidade local<sup>5</sup>, quando Lyuba diz o quanto amava lecionar e como não saberia fazer outra coisa da vida.

Na docência, Lyuba Duprat era conhecida por sua capacidade intelectual, dedicação à profissão e rigor com os alunos. Nas narrativas, os entrevistados destacam quão exigente ela era no cumprimento das tarefas e também nas boas maneiras, comportamento e pontualidade. Todavia, também é lembrada pelo carinho e preocupação para com seus amigos e alunos. Por sua dedicação à profissão, obteve alguns prêmios em reconhecimento à sua atuação profissional: o registro no *Guinness Book* brasileiro como a professora que exerceu por mais tempo a docência; as Palmas Acadêmicas do governo francês, e o título de Professora *Honoris Causa* concedido pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG, quase no final de sua vida. Assim, Lyuba ficou conhecida na cidade pela sua profissão e também pela maneira como se mostrava ao público, considerada como um apanágio de sua francesidade. Ezio Bittencourt em seu livro *Da rua ao teatro*, sobre a vida social e cultural na cidade do Rio Grande, lembra da professora e suas aulas:

[...] as aulas de francês – ou seria melhor, as “lições de vida” em francês – com a conhecida professora local Lyuba Duprat, intensificaram meu gosto pelas manifestações do espírito e pela história da cidade. No alto de seus noventa e tantos anos, mestre em língua e cultura francesas e em história da arte, a mente ainda lúcida e brilhante recordava, entre uma lição e outra, de um mundo passado: o Rio Grande do início do século XX, onde seus pais dirigiam-se elegantes em carro puxado a cavalo ao Teatro Sete de Setembro para assistir à Companhia de Operetas do maestro Lahoz (BITTENCOURT, 1999, p. 19).

---

<sup>5</sup> Entrevista realizada por Willy César no programa “Memória”, na Rádio Universidade FM, 1991.

O texto de Bittencourt é importante para entender o contexto e a personalidade de Lyuba. Esse depoimento dá a dimensão de como a figura dessa professora estava vinculada ao aspecto cultural da cidade do Rio Grande desde os seus pais.

Nesse sentido, seja por sua carreira como professora, seja por sua personalidade marcante, ou ainda, pela relação com o seu pai, Lyuba Duprat ficou conhecida na cidade dentro de meios considerados portadores de certa erudição e também pela população de maneira geral. Os relatos de ex-alunos e pessoas que conviveram com a professora são sempre pautados por dois elementos que podem ser considerados estruturantes: a forte personalidade e o mundo dos objetos que caracterizavam o lugar onde vivia e ministrava as aulas – espaço híbrido entre o público e o privado. Uma de suas ex-alunas do período em que ela lecionou na cidade do Rio de Janeiro, Maria Helena de Souza, escreveu em seu *blog* (2009) sobre Lyuba:

[...] andava sempre de saia preta e blusa de cambraia branca. Os cabelos, quando saía de casa, sempre presos por uma **rede cinza-claro** que ela amarrava no coque preso por **alfinetes de tartaruga**. Seus alunos só a chamavam de Mademoiselle – sem o nome. Os alunos que conheceu pequenos ela chamava de *ma petite* ou *mon petit*. Atrasos de mais de 10 minutos: telefonema para a casa do aluno. Bilhetes iam e tinham que voltar assinados pela mãe ou pelo pai. Só usava tinta roxa em sua *Mont Blanc*, quando essa marca não era moda, era apenas a melhor caneta-tinteiro. Os bilhetes, as cartas e os cartões enviados da França eram reconhecidos à distância, pela cor da tinta. Para as correções em nossos cadernos, lápis vermelho grosso. Fecho os olhos e ainda vejo o “*Répétez!*” (grifos da autora)<sup>6</sup>

No depoimento, Souza apresenta alguns objetos que compunham o inventário de coisas utilizadas pela professora

---

<sup>6</sup> SOUZA, Maria Helena R. Pessoas, lugares momentos [2009]. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/pais/noblat/mariahelena/posts/2009/09/27/pessoas-momentos-lugares-notas-226963.asp>>. Acesso em: 15 ago. 2013.

e que são, para a ex-aluna, mais marcantes. Cabe salientar que em um pequeno trecho sobre as memórias da professora, bem antes do início desta investigação, Souza já apontava para uma narrativa calcada em objetos, ou dava a partir dos objetos uma narrativa de Lyuba. São eles que lembram Lyuba ou ela era lembrada por eles?

Além do texto de Maria Helena, as entrevistas mostram o quanto os objetos foram importantes para a construção da personalidade de Lyuba e como eles influem nas memórias de seus ex-alunos. As lembranças são sempre rodeadas pela cultura material, principalmente aqueles objetos de indumentária que ela usava sempre, confirmando a teoria de Meneses (1999) sobre os objetos *extended-self*<sup>7</sup>.

Segundo os relatos, Lyuba lecionou até os últimos dias de sua vida, inclusive depois de perder praticamente toda a visão. Mesmo quase sem enxergar, recebia os alunos para as aulas e tinha a ajuda de Ricardo Antônio Soler, seu ex-aluno, amigo e inventariante, para as correções e leitura dos textos. Depois de seu falecimento, parte dos seus objetos e fotografias foi doada para duas instituições no município: o Museu da Cidade do Rio Grande e a Fototeca Municipal Ricardo Giovannini. Entretanto, alguns objetos foram repassados para seus familiares, sobrinhos, sobrinhos-netos e primos que moravam em Buenos Aires e no Rio de Janeiro. Alguns amigos também receberam objetos, alguns ainda quando estava viva, como uma demonstração de carinho por aqueles que eram mais próximos a ela. Outros objetos foram vendidos para antiquários a fim de arrecadar dinheiro para pagar as despesas *post mortem*.

Em 1995 foi inaugurada a *Salle de Documentation* Lyuba Duprat na Universidade Federal do Rio Grande – FURG, por iniciativa de uma professora da área de língua francesa, Nubia Hanciau, amiga e ex-aluna de Lyuba. A ideia de doar parte dos objetos para o Museu partiu dos inventariantes, por

---

<sup>7</sup> O conceito, segundo o autor, estaria ligado à capacidade identitária dos objetos, servindo como uma extensão dos sujeitos, de suas identidades e personalidades.

saberem do significado que esses objetos tinham para ela e, também, por serem, em grande parte, objetos raros e de grande beleza estética.

São estes os objetos utilizados nesta investigação, e que serviram para refletirmos sobre a capacidade de evocação memorial que possuem, bem como seu caráter semióforo, biográfico e afetivo. Os vestígios materiais deixados por Lyuba, hoje guardados nas instituições memoriais ou na casa de amigos e familiares, serviram como suportes dos tempos das aulas de francês e história da arte, da hora do chá e do vinho do porto, das conversas sobre viagens e das lições de vida repassadas por ela aos seus alunos.

Todavia, como apontou Meneses, os objetos não falam por si só, tampouco os historiadores e profissionais fazem os objetos falarem. São olhares e interpretações que circundam aquela peça, guiados por estímulos e provocações que desvendam parte da carga imaterial armazenada na matéria. Assim, para conhecer o caráter memorial, narrativo e biográfico desses objetos, analisamos as narrativas de pessoas entrevistadas que foram alunos de Lyuba Duprat.

## Capítulo II

### **A construção das pontes: Lyuba Duprat através das memórias, narrativas e objetos**

*Eu fui ao pátio da casa dela, ela abriu uma porta e disse: “Olha aqui o que tem do outro lado do pátio”. E do outro lado tinha um mundo de ideias, de cultura, de coisas, um mundo que era novo para mim, num certo sentido.*  
(Tabajara Almeida, 2014, em entrevista para a autora).

As narrativas colhidas nas entrevistas possibilitaram não apenas conhecer Lyuba Duprat, mas aferir a capacidade que têm os objetos de atuar enquanto evocadores de memória, aproximando-se do sentido de sociotransmissores definido por Joël Candau: elementos tangíveis ou intangíveis que favorecem as conexões e são indispensáveis para a transmissão memorial (2009, p. 52). Os sociotransmissores funcionam como propagadores; são mediados por discursos, lembranças e esquecimentos e servem como disseminadores sociais de uma memória. As entrevistas foram realizadas em dois momentos: primeiro o(a) entrevistado(a) foi conduzido(a) a uma narrativa livre sobre Lyuba, lembranças naturalmente trazidas naquele momento. Posteriormente, aplicamos uma entrevista semiestruturada, utilizando as fotografias dos objetos de Lyuba Duprat no Museu da Cidade do Rio Grande e na *Salle de Documentation* Lyuba Duprat (FURG), e também os retratos da professora que fazem parte do acervo da Fototeca Municipal Ricardo Giovannini.

Assim, essa história de vida é narrada por meio do diálogo entre as histórias contadas pelos entrevistados, que afloraram livremente, e as narrativas que surgiram dos objetos

e de outros dados biográficos. A opção por separar os momentos da entrevista (entrevista livre e, posteriormente, a visualização dos objetos) serviu para analisar, de maneira mais detalhada, como os objetos foram ou não inseridos nas narrativas e se eles funcionaram como evocadores de memórias, bem como se seriam lembrados espontaneamente no primeiro momento da entrevista. A análise das entrevistas demonstrou, de fato, que muitos objetos eram rememorados já na primeira parte da entrevista, e não apenas os pertencentes às instituições pesquisadas, mas também os que fizeram parte da vida cotidiana da professora e que contribuíram para a construção de sua personalidade.

Essa análise é relevante para entender as situações e memórias evocadas por meio dos objetos, não só daqueles que estão sendo mostrados nas fotografias, mas também a evocação e a conexão com outros objetos e histórias. Cada caso foi analisado individualmente e depois em conjunto, pois a comparação das entrevistas permite ter uma ideia geral de quais os objetos foram mais lembrados e menos lembrados, quais geraram mais recordações, e quais as similaridades e diferenças de cada narrativa.

A relação entre memória e narrativa é extremamente forte. Ao narrar, fazemos uma reconstrução do fato a partir de uma remodelagem da memória. Nesse processo, o narrador expõe aquilo que ele quer dar a conhecer, considerando o que ele quer que os outros imaginem dele e da sua história. Dessa forma, contar e recontar histórias e lembranças do passado faz com que a memória se atualize e a recordação desses acontecimentos, também.

O mesmo acontece quando se narra a história da vida de outra pessoa. Primeiro realizamos uma interpretação sobre a vida dela, baseada em uma experiência, conceitos e bagagem próprios, e depois narramos a partir dessa visão. Nesse processo há uma seleção consciente e inconsciente que não só cria a imagem de outrem, também considera que imagem queremos construir e compartilhar daquela pessoa naquele momento, para outra pessoa. Ou seja, todos os entrevistados, enquanto contam as suas histórias e memórias de

Lyuba Duprat, inserem, com ou sem intenção, sua interpretação e “modelagem” de suas memórias para apresentá-las à entrevistadora. Há que considerar sempre estes fatores, que influem direta e indiretamente na narrativa do entrevistado: o tempo presente, o objetivo da entrevista, para quem está se contando e, obviamente, quem conta.

Thomson (1997) destaca a importância de narrar e de contar histórias para a memória e também para a formação e afirmação da identidade, já que, para o autor, uma é influenciada pela outra. O ato de narrar é contar para os outros e para si mesmo as histórias e memórias que se quer ouvir, falar e que se quer que faça parte da vida e da memória.

Essa espécie de “manipulação” do passado e a composição de reminiscências faz parte de um processo de sobrevivência, para que seja um passado com o qual se consiga viver. Thomson caracteriza esse processo como composição, que “pode ser baseada em bloqueios e exclusões; nunca é plenamente alcançada, é constantemente ameaçada, abalada, despedaçada” (1997, p. 58).

No entanto, devemos ter em mente que, quando falamos em memória, identidade e narrativa, falamos também em esquecimento, conforme dito anteriormente. A narrativa também está repleta de esquecimentos, uma vez que

[...] o trabalho da memória, é, então, uma maiêutica da identidade, renovada a cada vez que se narra algo. Por essa razão, a totalização não é uma soma, contrário ao que acredita o narrador. Através dos “efeitos de iluminação” narrativos, o locutor ilumina episódios particulares da vida, deixando outros na sombra (CANDAU, 2012, p. 76).

Portanto, as narrativas estão repletas de subjetividade e de intervenções memoriais, sobre as quais o pesquisador deve estar ciente. Ao utilizar a oralidade na pesquisa, é preciso considerar que toda narrativa é carregada de subjetividade e de um trabalho memorial-identitário muito forte. No entanto, isso não deve ser visto como aspecto negativo da oralidade enquanto fonte. Os esquecimentos, os

desvios de narrativa, os movimentos e as expressões corporais fazem parte da sua complexidade e podem ser utilizados também como fonte de estudo e de observação do objeto pesquisado.

Verena Alberti (2010) defende a relevância da oralidade para as pesquisas, principalmente na área da História, para entender a associação com a memória e a identidade. Michel Pollak afirma que a memória é construída socialmente, como também são os documentos, logo a “fonte oral é exatamente comparável à fonte escrita” (1992, p. 8).

Todas as coisas narradas e não narradas (lembradas e esquecidas) associam-se, em princípio, a um trabalho consciente ou não de seleção pelo sujeito narrador. A compreensão das lógicas que presidem essas seleções pode, numa pesquisa centrada essencialmente sobre o conteúdo narrado, desvendar mecanismos de obliteração e razões para que isso ocorra. Entretanto, e nisso se enquadra esta pesquisa, não necessariamente é preciso adentrar nas motivações pessoais dos narradores e sim no fato narrado. É nessa perspectiva que se prioriza a conexão entre a narrativa e a identidade.

A maneira romantizada e nostálgica pela qual Lyuba Duprat é lembrada e as características que são ressaltadas e omitidas nas falas dos entrevistados também devem ser levadas em consideração durante a pesquisa. Quando falamos dos amigos e familiares, tendemos a omitir os aspectos negativos dessas pessoas, principalmente quando há o sentimento de saudade ou de afeto. Da mesma maneira, a narrativa também pode mudar quando se fala de alguém que já faleceu, pois a morte pode alterar a imagem na memória. Para Candau,

[...] a prosopopeia memória apresenta várias características de *Exemplum*: idealização, personagens-modelo nos quais são mascarados os defeitos e enaltecidas as qualidades, seleção de traços de caráter julgados dignos de imitação, “lendas de vidas” *post mortem* que podem fabricar deuses [...] transcendendo as qualidades pessoais do defunto “através de um modelo que combina com arquétipos e estereótipos” (2012, p. 43).

Por isso, realizadas as entrevistas quase vinte anos após a morte de Lyuba Duprat, a distância temporal da narrativa é influenciada, inevitavelmente, pela imagem que os seus ex-alunos construíram e revelaram, podendo-se observar que determinadas características são reforçadas em detrimento de outras, cuja menção poderia ser tomada como crítica ou mesmo desqualificação.

Essas obliterações da memória ou mesmo algumas deformações do fato lembrado são ressaltadas por Michael Pollak (1989) em seu artigo “Memória, esquecimento, silêncio”, no qual traz reflexões sobre a questão do dizível e do indizível, tomando como exemplificações alguns grupos que experienciaram vivências traumáticas como a guerra. Para o autor, o silêncio, o não dito, também pode traduzir o trabalho e a presença de memória. Nesses casos não se trata do esquecimento, mas sim de recusa a falar sobre algo. Tanto o dito quanto o não dito estão cobertos de sentimentos positivos e/ou negativos que se associam à memória e a identidade.

Portanto, convém lembrar que o objetivo deste livro não é realizar uma biografia de Lyuba Duprat, tampouco buscar julgar a veracidade do que foi dito nas entrevistas, muito menos desqualificar as atualizações memoriais das narrativas. Trata-se de buscar compreender a complexidade do trabalho memorial frente aos objetos, bem como o forte vínculo que a materialidade tem com o intangível, com o sensível e o afetivo.

### **História de vida: entre objetos e narrativas**

Nesta parte mostraremos os trechos das entrevistas realizadas, recortadas e organizadas em três eixos que caracterizam Lyuba Duprat: o período em que viveu na França e os estudos no Liceu; o início da vida de professora, e a sua característica como vaidosa, feminina e representante da cultura francesa de tempos passados. A escolha dessa divisão foi feita a partir das características da professora mais recorrentes nas falas dos ex-alunos.

Os entrevistados<sup>8</sup> foram pessoas próximas a Lyuba, em sua maioria ex-alunos que se tornaram amigos e frequentadores da sua casa. Cada um teve uma maneira diferente de narrar a sua história e a sua relação com ela, mas todos a conheceram em razão da profissão. Os objetos se entrelaçam às narrativas, jornais e fotografias; em conjunto eles narram uma história de vida de Lyuba Duprat baseada nos objetos que a envolviam. As entrevistas foram realizadas dentro da metodologia semiestruturada, em que poucas perguntas guiavam a fala do entrevistado, e foram divididas em dois momentos: primeiramente a narrativa mais livre, e depois, com a mediação das fotografias dos objetos estudados<sup>9</sup>. Assim, foi possível compreender de forma mais aprofundada a importância dos objetos na memória e nas narrativas.

A título de apresentação, é importante fornecer alguns dados biográficos de Alice Lyuba Campello Duprat. Nasceu na cidade do Rio Grande, estado do Rio Grande do Sul, em 27 de junho de 1900, filha do médico pernambucano Augusto Duprat<sup>10</sup> e da rio-grandina Maria Isabel Campello de Sá e bisneta de franceses. Alice Lyuba teve três irmãos: Augusto Luiz Campello Duprat, Aline Campello Duprat e Ailza Campello Duprat.

Até os doze anos de idade, Lyuba recebeu aulas com professores particulares e não frequentava as escolas locais. Em entrevista ao jornalista Willy César, no programa “Memória”

---

<sup>8</sup> Para dar a conhecer sobre os entrevistados e como conheceram Lyuba Duprat, elaboramos um apêndice, apresentado após a lista de referências deste livro.

<sup>9</sup> Os entrevistados tiveram acesso somente às fotografias dos objetos, visto que a retirada dos mesmos dessas duas instituições, mesmo que para fins de pesquisa, poderia alterar as condições de preservação do acervo. Trata-se então de representações dos objetos, a bidimensionalidade representando a tridimensionalidade. Sabemos que, por serem representações, provavelmente não geram o mesmo efeito do que ter o objeto real nas mãos, pela ausência da experiência do tato, toque, presença, sensibilidade de tamanho e cheiro.

<sup>10</sup> Augusto Duprat (06/11/1886 – 10/09/1940) foi um médico reconhecido na cidade por seu trabalho principalmente com crianças e com os tratamentos de cura e prevenção da peste bubônica. Nesta cidade são denominadas em sua homenagem: escola, praça, rua e instituição beneficente.

da Rádio Universidade, em 1991, Lyuba relatou que o ensino particular era usual em determinados estratos sociais.

[...] eu gostava muito de estudar, e os colégios daqui... não havia realmente nenhum colégio bom aqui, meu pai não nos deixava ir para esses colégios. Nós tínhamos professores particulares; afinal, veio a companhia francesa aqui para o Rio Grande, e a filha de um engenheiro que estudava em Paris, e eu supliquei a meu pai que me deixasse ir também. Então, meu pai consentiu e eu fui seguir o curso de ginásio em Paris.

De maneira geral o ensino das crianças, no final do século XIX e início do século XX, apresentava diferenças entre os gêneros, tais como: para os meninos, geometria e matemática; para as meninas, bordado e costura (LOURO, 2012). Entretanto, para fugir do padrão escolar e curricular das escolas, as famílias com maiores condições financeiras utilizavam o ensino particular, ministrado na casa da família dos estudantes. Segundo Louro,

[...] para as filhas de grupos sociais privilegiados, o ensino da leitura, da escrita e das noções básicas da matemática era geralmente complementado pelo aprendizado do piano e do francês que, na maior parte dos casos, era ministrado em suas próprias casas por professoras particulares, ou em escolas religiosas (2012, p. 446).

Entre os documentos encontrados no Museu da Cidade do Rio Grande, estão alguns recibos de pagamento das aulas particulares que Lyuba teve em Rio Grande antes de ir para a França.



Figura 1: Comprovante de pagamento de aula particular, 1911.  
Fonte: Museu da Cidade do Rio Grande.

Assim como era usual o ensino particular em substituição ao escolar, também era recorrente o estudo em países estrangeiros, principalmente na Europa, nas famílias com maior poder aquisitivo, como apontam Santos, Vargas e Tambara:

[...] até 1905, os jovens nascidos em Rio Grande, para prosseguir seus estudos, deveriam mudar-se de cidade para matricular-se em um Ginásio, sendo que o destino escolhido pelas famílias ricas para seus filhos era o Ginásio D. Pedro II, no Rio de Janeiro, ou mesmo a França (2012, p. 7)

Além de Lyuba, outras jovens rio-grandinas também foram estudar no exterior, como ela mesma evocou em entrevista ao periódico *Rio Grande Fatos em Revista* em 1994:

Quando eu estava em Paris, as Lawson estudavam na Inglaterra, Inah Martensen na Alemanha e Julia Llopart na Espanha. Nunca estive em uma escola aqui. Paris é, para mim, como estar em casa. Sempre que podia, juntava um dinheirinho e voltava. Estive lá pela última vez há sete anos (*Rio Grande Fatos em Revista*, 1994, p. 5).

## **“Paris é para mim como estar em casa”: a França e o Liceu – o aprendizado da língua e da cultura**

Lyuba é sempre lembrada pela forte relação que tinha com a França, a ponto de ser frequentemente confundida como sendo de nacionalidade francesa. Ela chegou em Paris em 1912 e iniciou seus estudos no Lycée Victor Duruy, fundado em 1866, cujo nome faz homenagem ao ministro da Instrução Pública de Napoleão III. Relembrando sobre o período em que estudou na França, a própria Lyuba disse: “Le Lycée Victor Duruy ainda é um dos grandes colégios da França” (entrevista, 1991, Rádio Universidade).

Segundo o *site* oficial do Liceu, a instituição foi fundada no século XIX e era inicialmente dedicada ao ensino e educação de meninas. Funcionava como internato, mas segundo Lyuba Duprat, as jovens tinham a liberação controlada para algumas atividades culturais fora da instituição, ir ao teatro, por exemplo (entrevista, 1991, Rádio Universidade). Na matéria de *Rio Grande Fatos em Revista*, Lyuba relembra o dia em que chegou a Paris: “Ainda me lembro bem. Cheguei lá em uma noite de inverno. Fazia frio e nevava muito. Gostei, me adaptei e fiquei feliz por lá durante quatro maravilhosos anos. Ainda peguei dois anos de guerra” (1994, p. 4).

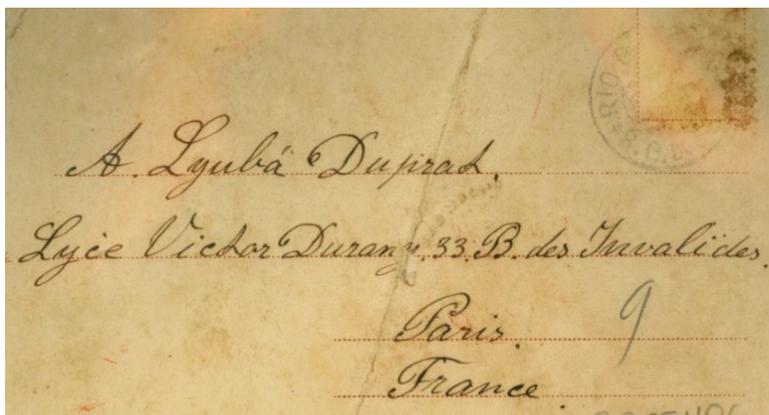


Figura 2: Cartão postal enviado a Lyuba Duprat, sem data.

Fonte: Museu da Cidade do Rio Grande

O entrevistado Tabajara Almeida relata: “a gente foi passar um tempo em Paris e passamos no Liceu no qual ela estudou... e isso me comoveu: passar na frente do Liceu dela. E até hoje quando nós vamos aos museus, ela está presente sempre [...]”<sup>11</sup>. Lyuba estudou no Liceu durante quatro anos (1912-1916), incluindo os dois primeiros anos da Primeira Guerra Mundial (1914-16) – fato que, segundo os entrevistados, marcou muito a sua personalidade. Como lembra Ricardo Soler,

[...] ela ficou quatro anos lá – dos doze aos dezesseis –; falava muito sobre esse período, para ela foi o melhor período na vida dela. [...] Contava que quando estava em aula ouvia os tiros dos canhões no tempo da guerra.<sup>12</sup>

O cotidiano e a convivência com a guerra durante esse período foi narrado por Lyuba Duprat em um dos seus cadernos<sup>13</sup>:

Amanheceu triste e chuvoso o dia 14 de julho de 1916. O governo francez em vista do estado actual de guerra resolvera não dar um character festivo à habitual revista das tropas, ficando decidido que tudo se passaria pela manhã, na Esplanada dos Inválidos, tomando parte no desfile, tropas de todos os paizes aliados. Outr’ora esta cerimônia era consagrada exclusivamente ao exército de Paris. Pela manhã, muito cedo, ouvimos sons de cornetas e fomos para as janellas do collégio que davam para os Invalidos. O golpe de vista era lindo, infelizmente cahia uma neblina fina e desagradável. Na parte das tropas, vinha um general

---

<sup>11</sup> Entrevista de Tabajara e Cleusa Almeida em 18 de fevereiro de 2014. Realizada através do programa Skype (conversa *online*). Porto Alegre, RS. Todas as referências a Tabajara e Cleusa neste livro correspondem a essa entrevista.

<sup>12</sup> Entrevista de Ricardo Soler em 07 de março de 2014. Rio Grande, RS. Todas as referências a Ricardo Soler neste livro correspondem a essa entrevista.

<sup>13</sup> Estes cadernos são manuscritos de diversos períodos, que Lyuba redigia como diários e outras anotações sobre algum tema de seu interesse. Esses manuscritos fazem parte do acervo da *Salle de Documentation* Lyuba Duprat – FURG.

francez seguido por soldados de infantaria, vestidos de azul claro, cor adaptada para a guerra e com casacos de aço da mesma côr. Em seguida vinham artilheiros, tropas africanas, zuavos com suas largas calças, homens bronzeados e de aspecto resoluto. (DUPRAT, 1916)<sup>14</sup>

Lyuba não foi apenas espectadora dos acontecimentos e cerimônias da grande guerra, mas acabou diretamente envolvida no sentimento compartilhado naquele momento. Essa vivência foi lembrada por alguns entrevistados, como a professora Berenice Avancini:

[...] ela tinha opiniões muito fortes, era uma pessoa muito avançada para a época, **viveu a primeira guerra em Paris, aprendeu a fazer meias de tricô**, ficou em colégio interno, e contava muito sobre a história dela junto com a literatura, junto com a história francesa<sup>15</sup>.

Os estudos em Paris ultrapassavam as disciplinas básicas e da língua, formavam uma jovem brasileira que havia presenciado de perto a guerra. As meias referidas por Berenice Avancini eram feitas pelas alunas do Liceu e enviadas para os soldados no *front*. Ao longo de sua vida, Lyuba continuou a confeccioná-las e as presenteava a seus amigos e alunos. Ricardo Soler e Flavio Hanciau, em entrevistas, relataram ter recebido da professora Lyuba alguns pares de meias por ela confeccionadas. Flavio ainda as guarda em uma caixa especial (Figura 3).

---

<sup>14</sup> “A revista de 14 de julho de 1916”. Trecho retirado do Caderno de Anotações de Lyuba Duprat, disponível para consulta na *Salle de Documentation Lyuba Duprat*. Manteve-se a grafia original da época.

<sup>15</sup> Entrevista de Berenice Avancini, em 03 de dezembro de 2013, Rio Grande, RS. Todas as referências a Berenice Avancini neste livro correspondem a essa entrevista.



Figura 3: Meias tricotadas por Lyuba Duprat pertencentes a Flavio Hanciau.

Fonte: Foto de Nubia Hanciau, 2015.

Portanto, toda uma situação de exceção e liminaridade conferiu a ela traços diferenciados para a sociedade brasileira de época. A sua forte proximidade com a França e com a cultura francesa também está presente quando Berenice narra: “[...] ela contava muito sobre a história dela junto com a literatura, junto com a história francesa”.

Lyuba Duprat, em suas aulas, ensinava tanto a literatura quanto a história francesa, mas nesse processo fazia relações com a sua própria trajetória. Ainda sobre a Primeira Guerra, relembra Ricardo:

[...] outra coisa que eu me lembrei agora, para te mostrar um pouco da personalidade dela, [...] ela ajudava muito as pessoas. Nesse período em que ela estava na França, da guerra, trabalhou na Cruz Vermelha, e escrevia para os feridos. Eles não podiam escrever, ditavam e ela escrevia. Na sala dela tinha um quadro (não me lembro onde está o quadro, não sei para quem foi) com o que ela denominava de afilhados de guerra, com alguns ela chegou a manter correspondência.

O fotógrafo Ricardo Giovannini, em seu estúdio, em Rio Grande, fotografou Lyuba com o uniforme da Cruz Vermelha (Figura 4).



Figura 4: Lyuba Duprat fotografada por Ricardo Giovannini com uniforme da Cruz Vermelha, aproximadamente 1916.

Fonte: Museu da Cidade do Rio Grande

A França, um dos países mais afetados com a grande guerra, foi o “segundo país mais atingido em perdas humanas [...]: 1,4 milhão de mortos e desaparecidos, ou seja, 10% da população ativa do país, 3 milhões de feridos, entre os quais 750.000 inválidos de guerra, além de 125 mil mutilados” (NASCIMENTO, 2003, p. 62).

A guerra ocupou boa parte do período vivido por Lyuba Duprat no Liceu Victor Duruy. Mas os entrevistados também mencionaram fatos anteriores à guerra como marcantes da trajetória francesa de Lyuba, como, por exemplo, um baile de carnaval em 1913, em que a turma de alunas se reuniu para tirar uma fotografia com suas fantasias de carnaval. Essa fotografia faz parte do acervo da *Salle de Documentation*

Lyuba Duprat. No verso, Lyuba teve o cuidado de escrever os nomes, sobrenomes e nacionalidades de todas as colegas que nela aparecem.



Figura 5: Baile de carnaval Liceu Victor Duruy, 1913. Acervo da SLD.  
Fonte: Foto da autora, 2014.

Ricardo Soler relatou que alguns documentos e fotografias que a professora conservava desse período foram entregues pessoalmente ao Liceu Victor Duruy como uma espécie de retorno para a instituição de algo que ficara por muito tempo do outro lado do oceano. Ricardo diz que “numa dessas fotos aparecia ela com toda a turma, num baile de carnaval, e ela escreveu atrás cada pessoa numerada, e colocou o nome de cada uma. Isso o colégio não tinha mais, e eles iam tentar entrar em contato com essas famílias. Para eles foi um achado, uma relíquia”. Ainda desse período, o Museu da Cidade do Rio Grande também possui uma fotografia de Lyuba em traje de carnaval, no Liceu (Figura 6):



Figura 6: Lyuba Duprat no Liceu Victor Duruy, sem data.  
Fonte: Museu da Cidade do Rio Grande

Em 1916 Lyuba retorna ao Brasil. Em seu caderno ela registrou, em texto intitulado “Minha viagem de França ao Brasil”:

Devido à guerra minha volta ao Brazil foi muito longa e complicada, pois se não tomar o vapor da Inglaterra, é-se obrigado a dois dias de trem de Paris a Hespanha. Sendo bastante perigosa a travessia para a Inglaterra, meus companheiros de viagem resolveram tomar o transatlântico na Hespanha (em Vigo). Deixamos Paris a noite em uma terça feira, só chegando na fronteira, pelo meio-dia. Depois de examinadas as bagagens, e vista, passaportes, tomamos nosso trem, na direção de Vigo. Atravessamos parte dos Pyrenéos, montanhas de aspecto rude e austero, cobertas de rica vegetação que encanta pela variedade dos tons verdes (DUPRAT, 1917, s/p. – grafia original).

A volta para o Brasil não a separou definitivamente de Paris. A experiência dos quatro anos do liceu, somada à origem francesa de sua família, fez com que ela mantivesse contato permanente (direta ou indiretamente) com a cultura francesa.

É preciso salientar que essa foi a característica mais marcante em toda a formação da sua personalidade, identidade e representatividade, e que é igualmente destacada nas narrativas dos entrevistados. No decorrer deste capítulo perceberemos como ela se tornou uma espécie de embaixadora da cultura francesa em Rio Grande e nos lugares em que passava. Para muitos ela proporcionou o primeiro contato com a França: viajavam primeiramente através de suas aulas, de sua casa e de seus costumes, posteriormente tinham a oportunidade de conhecer a Paris de Lyuba.

Dessa forma, o universo material que circundava Lyuba Duprat era uma referência ao estilo de vida francês e francófono que também estava arraigado nas heranças de sua família. Nas narrativas dos ex-alunos, esse forte vínculo e afeto pela França são constantemente lembrados, seja para contar sobre as aulas ou sobre sua personalidade.

### **“Écoutez et répétez”<sup>16</sup>: cadeiras, canetas e livros – a vida de professora de francês**

Ao retornar para o Brasil e para Rio Grande, ainda que seu desejo fosse o de iniciar quase imediatamente o ensino de francês em aulas particulares, foi preciso esperar: “[...] durante cinco anos lecionei de graça, porque papai não queria que eu fizesse concorrência à nossa antiga professora. Desde o início trabalhei muito. Fiz o que pude” (*Rio Grande Fatos em Revista*, 1994, p. 4). Lyuba começou a lecionar por volta dos 16 anos. Com o passar do tempo foi adquirindo experiência e o número de alunos foi aumentando. As aulas eram ministradas inicialmente na casa da rua Marechal Floriano e posteriormente na residência onde morou depois da morte de sua mãe até o seu falecimento, na rua Carlos Gomes.

O ensino do francês teve grande importância no século XIX e até metade do século XX. O Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, foi a primeira instituição educacional a incluir como

---

<sup>16</sup> “Ouça e repita”, tradução livre da autora.

disciplina obrigatória o francês no país. A língua de Molière e sua cultura atingiram o seu auge enquanto expansão e valorização principalmente no início do século XIX, momento “em que a França atingira seu apogeu de prestígio e de função civilizadora” (PIETRARÓIA; DELLATORRE, 2008, p. 8). Nesse caso, os rastros de uma valorização da cultura francesa durante o século XIX e início do XX, percebidos também no período da *Belle Époque* brasileira, perduraram por longo tempo, até a paulatina substituição e valorização da cultura e língua inglesa, sobretudo no período pós-Segunda Guerra Mundial. A exclusão da obrigatoriedade do ensino do francês no Brasil ocorreu em 1961 (PIETRARÓIA; DELLATORRE, 2008), mas o eco do prestígio do francês no Brasil “sobrevive ainda hoje no imaginário coletivo de que o francês é uma língua chique, sendo deixada, portanto, para uma minoria privilegiada” (PINHEIRO-MARIZ, 2011, p. 344). Além da língua francesa, Lyuba Duprat lecionava sobre história da arte.



Figura 7: Anúncios de aulas em jornais locais, Rio Grande, 1960.  
Fonte: Acervo pessoal de Nubia Hanciau

Na década de 40, Lyuba mudou-se para o Rio de Janeiro e lá passou, igualmente, a lecionar francês para os aspirantes à carreira diplomática, obtendo muitos alunos, e foi reconhecida profissionalmente.

Aos 40 anos ela mudou-se para o Rio de Janeiro onde viveu por 20 anos. Morava no Posto 6, em Copacabana, e sozinha como hoje. Nunca ia à praia. *‘Vocês não podem imaginar o que eu tinha de alunos no Rio. Dava aulas da manhã à noite. Ganhei muito dinheiro e, de vez em quando, passava um ano inteiro na Europa’*, confidencia. (*Rio Grande em Fatos Revista*, 1994, p. 4).

Ricardo Soler também lembrou em sua entrevista: “no tempo em que ela morou no Rio ela morava em Copacabana, ela juntava dinheiro e ia pra Europa, ia pra Paris... tinha um primo dela que morava lá. Ela ficava seis, sete, oito meses lá, e voltava”. Aqui percebemos, novamente, que “Lyuba saiu de Paris, mas Paris nunca saiu de Lyuba”, e ela se esforçava para estar frequentemente retornando à cidade que a abrigou durante a juventude e sobre a qual construiu sua personalidade e identidade.

Na época em que estava no Rio de Janeiro, Lyuba recebeu uma grande homenagem e reconhecimento do governo francês, as Palmas Acadêmicas. Questionada sobre esse prêmio pela revista *Rio Grande em Fatos*, salienta a matéria:

Procurando desviar o assunto de si, ela sempre destaca as figuras mais ilustres do município. Ao ser questionada sobre as “Palmas Acadêmicas”, desconversa dizendo não se lembrar de quando aconteceu. Na verdade, trata-se de importante condecoração que o governo francês concedia aos intelectuais e que dona Lyuba recebeu enquanto residia no Rio de Janeiro. (*Rio Grande em Fatos Revista*, 1994, p. 5).

Segundo o *site* da Associação dos Membros da Ordem das Palmas Acadêmicas<sup>17</sup>, esse prêmio foi instituído no ano de 1955 pelo presidente francês René Coty, para homenagear e reconhecer estrangeiros e franceses que residem fora do seu país de origem e que contribuem para a expansão da cultura francesa no mundo.

Cabe aqui salientar a relevância de tal reconhecimento para a professora, não só em termos profissionais, mas representativos de sua identidade. Conforme temos abordado no decorrer do texto, toda a sua trajetória foi essencialmente circundada por esse vínculo afetivo e identitário com a cultura francesa. Podemos dizer que essa valorização da cultura francesa, provavelmente adquirida inicialmente através do seu núcleo familiar, foi fortalecida significativamente com a sua

---

<sup>17</sup> Association des membres de l'Ordre des Palmes Académiques (AMOPA). <http://www.amopa.asso.fr/>. Acesso em: 24 mar. 2014.

estadia em Paris e tornou-se uma grande motivação durante toda a sua vida. Não se tratava apenas de uma professora de francês ou de alguém que havia lá morado, tratava-se de uma representação da cultura, da língua e dos costumes no território brasileiro. O reconhecimento através das Palmas Acadêmicas reforça não só o seu papel enquanto educadora, mas um reconhecimento do próprio governo francês ao seu trabalho e empenho em propagar a cultura francófona.

## **Ser professora**

Após o período no Rio de Janeiro e seu reconhecimento profissional, Lyuba retornou para Rio Grande no início da década de 60, e ali ficou até o seu falecimento. Segundo os entrevistados, as aulas de História da Arte eram ministradas no sábado em turma coletiva, mas as aulas de francês eram individuais e dadas durante a semana.

Para compreender a história e os objetos de Lyuba Duprat é preciso contextualizar e analisar a sua profissão. Essa é uma das faces de Lyuba, tão marcante quanto sua relação com a França, pois a docência foi a sua grande vocação e motivo de vida, sendo, inclusive, realizada até os seus últimos anos. Apesar de não ter sido professora das séries iniciais e de escolas formais, Lyuba pertenceu a um grupo específico de educadores: professoras particulares. Essa modalidade de ensino apresenta diferenças do modelo formal e vinculado a estabelecimentos escolares. Em geral é exercido por mulheres, de forma individualizada, em que há maior interação entre estudante e docente e as aulas são ministradas em domicílio (MACIEL; PERES, 2007).

As mulheres que se dedicavam ao ensino particular ficaram conhecidas, até meados do século XIX, como “mestres das casas”, pois “atendiam as crianças nas casas e ministravam aulas de conteúdo ou conhecimentos específicos individualmente ou pequenos grupos, via de regra, familiares” (MACIEL; PERES, 2007, p. 49). Apesar das transformações ocorridas no âmbito educacional e cultural entre o final do XIX

e o século XX, momento de atuação de Lyuba, algumas características se perpetuam.

Conforme Vianna, durante o século XX o magistério e a profissão de professor “foi assumindo um caráter eminentemente feminino” (VIANNA, 2001, p. 83). O acesso à educação nos séculos anteriores era voltado principalmente para o ensino dos meninos, a educação para as mulheres era considerada dispensável, pois à mulher cabia apenas saber cuidar dos deveres domésticos, filhos e marido. Entretanto, o final do século XIX trouxe certa abertura nesse pensamento, e aos poucos as meninas eram inseridas no mundo escolar, mesmo que com um currículo diferenciado dos meninos. Com a inserção de meninas nas escolas, era preciso fazer também uma adaptação do corpo docente, pois para as crenças da época não era recomendado e confiável que as mulheres tivessem aula com professores do sexo masculino e vice-versa.

Nesse sentido, com um maior número de meninas educadas formalmente, conseqüentemente cresceu a procura para os estudos do magistério, mesmo que as turmas ainda fossem separadas por sexo. Segundo Louro (2012), aos poucos os homens se afastavam do ofício do magistério e as mulheres dominavam esse *métier*.

[...] a partir de então passam a ser associadas ao magistério características tidas como “tipicamente femininas”: paciência, minuciosidade, afetividade, doação. Características que, por sua vez, vão se articular à tradição religiosa da atividade docente, reforçando ainda a ideia de que a docência deve ser percebida mais como um “sacerdócio” do que como uma profissão (LOURO, 2012, p. 450).

Assim, aos poucos o cenário docente era construído no Brasil, com uma série de divergências econômicas e de gênero. Conforme Vianna (2001), nas décadas de 20 e 30 do século XX as mulheres já eram maioria na profissão: 72,5%, conforme indicava o Censo Demográfico (VIANNA, 2001, p. 85). Nessa época, Lyuba já estava na carreira docente havia mais de dez anos, e fazia parte do cenário educacional do Brasil, mesmo atuando no ensino particular. Todavia, apesar

de o século XX ter sido marcado por alguns avanços no que tange aos direitos das mulheres, decorrentes do movimento feminista, alguns preceitos morais ainda eram associados às professoras e isso marcava a profissão.

[...] ainda que indispensável para a sobrevivência, o trabalho poderia ameaçá-las como mulheres, por isso o trabalho deveria ser exercido de modo a não as afastar da vida familiar, dos deveres domésticos, da alegria da maternidade, da pureza do lar. [...] O trabalho fora seria aceitável para as moças solteiras até o momento do casamento, ou para as mulheres que ficassem sós – as solteironas e viúvas (LOURO, 2012, p. 453).

Nesse sentido, a autora traz um aspecto importante para entendermos o contexto cultural em que Lyuba estava inserida, pois apesar de não trabalhar “fora de casa” – lecionava dentro da sua própria residência –, Lyuba Duprat era solteira e não exercia os papéis de dona de casa, mãe e esposa como se esperava de uma mulher no início do século XX. A condição de solteira poderia servir como uma espécie de justificativa da dedicação total das mulheres para a profissão; a mesma condição poderia gerar uma imagem diferenciada, pois “a antiga professora solteirona podia também ser representada como uma figura severa, de poucos sorrisos, cuja afetividade estava de algum modo escondida” (LOURO, 2012, p. 466). Essas características se assemelham um pouco com a percepção de alguns entrevistados em relação a Lyuba, uma pessoa rigorosa e que tinha uma maneira afetiva diferente, mais contida, principalmente no início do convívio entre estudante e professora.

Compreendendo a formação da profissão exercida por Lyuba, também vale abordar o conhecimento por ela ensinado e o lugar que o ensino do francês ocupava no Brasil, pois desde a virada do século XIX e as primeiras décadas do século XX, o francês era um idioma distintivo de pessoas com refinado domínio cultural, segundo Ana Luíza Grilo:

[...] vale ressaltar que à época o francês era uma língua das elites, do mundo da diplomacia, representante das artes,

entre outros campos. **Portanto, a língua francesa e o modo francês representavam o acesso ao mundo civilizado e de prestígio para quem detinha tal conhecimento** (2008, p. 4 – grifo nosso).

Assim, entendemos que o conhecimento da língua francesa funcionava como distinção social que a docente recebia e também poderia levar à procura para o aprendizado dessa língua e cultura – assunto que será desenvolvido posteriormente. Dessa forma, fica mais fácil compreender o contexto educacional e a visão do *ser professora* em que Lyuba estava inserida e foi educada, principalmente por ser solteira e dedicar sua vida quase exclusivamente para a profissão.

## **As aulas de História da Arte**

A História da Arte era um dos domínios em que a professora Lyuba apresentava familiaridade e conhecimento, tal como relatam os ex-alunos. As razões para tanto são indicadas por eles, e pelos jornais, como resultado de suas longas e frequentes temporadas europeias e visitas aos museus. Em abril de 1962, dois jornais diferentes publicaram reportagens e entrevistas com Lyuba sobre as suas aulas e uma palestra que ela iria ministrar em Porto Alegre. A reportagem intitulada “*Ensinando História da Arte, D. Lyuba revive a experiência da visita aos museus de Paris*” traz a notícia de uma série de palestras que Lyuba deu em maio de 1962 sobre os principais pintores, como Velásquez, Salvador Dalí e Leonardo da Vinci.

Na mesma reportagem, o jornal faz um retrospecto do currículo da professora e, através deste, é possível notar, novamente, como ela é reconhecida pelo seu conhecimento cultural e como o fato de ter vivido na França influenciou na sua formação.

Sra. Lyuba Duprat, gaúcha natural da cidade de Rio Grande, pertence a **tradicional família** e recebeu sua **educação em França**, frequentando um dos mais **renomados colégios** femininos. Tendo vivido em contato permanente, durante muitos anos, com os **grandes museus europeus**, não só o

Louvre como outros grandes centros de cultura artística em diversos países do velho mundo, a Sra. Lyuba Duprat, ao retornar ao Brasil, quando fixou residência no Rio de Janeiro, iniciou uma série de cursos de História da Arte, apresentando sempre suas palestras ilustradas por projeções, utilizando-se de **valioso material colhido em suas muitas viagens** [...] Desenvolver o gosto pelo estudo da arte, reconhecendo que, **através das artes, o homem se eleva utilizando-se do grande meio de civilização e moralização dos povos, tenho transmitido através das minhas aulas o conhecimento das mais expressivas obras de arte** – as catedrais da França, os grandes pintores, arte grega, etc. (*Diário de Notícias*, 15/05/1962, Porto Alegre – grifos nossos).

Cabe aqui destacar novamente que, ao ser apresentada não só pelos entrevistados, mas também pela imprensa, a relação com a França é sempre abordada de forma enfática. Porém, nessa matéria outro fato é digno de análise para compreendermos a construção de Lyuba enquanto professora, mas também enquanto indivíduo. Na última parte grifada: “através das artes, o homem se eleva utilizando-se do grande meio de civilização e moralização dos povos”, Lyuba elenca características e valores associados simbolicamente à arte. O sociólogo Pierre Bourdieu (2007), em seu conhecido estudo sobre as formas de organização e de distinção da sociedade francesa, aponta que o conhecimento artístico e o fato de saber ler e interpretar as obras de arte é um dos fatores que identifica como distinções sociais vinculadas ao nível de educação das pessoas.

A ideia de Bourdieu é pautada no entendimento de que cada pessoa, agente, é dotada de uma bagagem, uma estrutura que é ao mesmo tempo estruturada e estruturante (CATANI et al., 2017), chamada *habitus*. O *habitus* é a interiorização de estruturas sociais “que orientam seus comportamentos, suas condutas, suas escolhas e seus gostos” (BOURDIEU; CHARTIER, 2011, p. 57). O gosto, para Bourdieu, classifica os sujeitos sociais dentro de hierarquias, e ele é “guiado” pelo *habitus*, individual ou coletivo. Enquanto bagagem, o *habitus*

acumula experiências vividas e ensinadas desde a infância, mas também fatores como gênero, família, locais de origem e vivência e profissão. Assim, o *habitus* servirá como uma predefinição ou uma tendência, atração para certas atividades, gostos. “O gosto classifica aquele que procede à classificação: sujeitos sociais distinguem-se pelas distinções que eles operam entre o belo e o feio, o distinto e o vulgar” (BOURDIEU, 2007, p. 13).

Nesse caso, o gosto pela arte é identificado pelo autor como o consumo de um bem simbólico de significativa distinção social, bem como a frequência em museus, exposições, leituras e música (BOURDIEU, 2007, p. 9). Para Bourdieu, o conhecimento sobre arte, interpretação e leitura de obras é um dos que mais fortemente atua como distinção social, e “a obra de arte só adquire sentido e só tem interesse para quem é dotado do código segundo o qual ela é codificada” (BOURDIEU, 2007, p. 10). Portanto, o conhecimento de Lyuba, que é legitimado pela sua estadia em Paris e através de estudos e cursos, pode ser visto enquanto localizador do grupo social que ela ocupava. É possível também analisarmos que a própria busca por esse conhecimento, por parte dos estudantes, é atrelada ao valor simbólico e distintivo que o conhecimento da arte proporciona aos sujeitos, pois, como já salientamos, para Bourdieu as obras de arte só fazem sentido àqueles que possuem conhecimento prévio e adequado, que possuem os códigos capazes de entender e absorver o conteúdo.

Segundo a reportagem do *Diário de Notícias*, a professora repassava esse código para “também turistas, assinalando-lhes a visita aos museus e aos principais monumentos dos países a serem visitados” (*Diário de Notícias*, 15/05/1962, Porto Alegre). Mas os entrevistados também eram contemplados pelo conhecimento de Lyuba e frequentavam as aulas específicas de História da Arte, como é o caso de Berenice Avancini:

[...] primeira vez que eu viajei foi ela que preparou nossa viagem toda, quando cheguei a Paris eu já sabia tudo que eu queria ver, foi muito bom... uma experiência maravilhosa.

E sempre que eu posso eu volto a Paris, porque a gente tem muitas lembranças, nós conhecemos amigos dela, parentes, primos, amigos da época do Liceu onde ela estudou.

E também Regina Carmem, sobre a sua primeira vez na França, quando foi fazer um curso, registrou:

[...] foi muito bom, eu me lembrava sempre da Lyuba em tudo que a gente via... *“Meu Deus, parece que ela tá aqui do meu lado falando”*. E muitas vezes eu comentei com ela: *“Eu acho que a pessoa que eu mais lembrei, em toda a viagem, foi da senhora”*, e ela dizia, *“Mas tinha que ser, não é?”* E era em tudo, todos os lugares... foi muito bom!<sup>18</sup>

A senhora Regina também relembra da sua segunda viagem, quando foi a passeio com sua colega e amiga Berenice Avancini e seus respectivos cônjuges.

[...] no ano anterior nós fizemos um curso com a Lyuba, de todos os museus que nós queríamos ver. A gente chegava ao Museu e dizia: *“Nossa, parece que a Lyuba está aqui de nossa guia!”*, *“Porque vocês vão subir as escadas, e vão encontrar tal coisa, aí o que vocês querem ver? Querem ver o Egito? A Grécia? Então ou vocês virem na esquerda, ou direita”*. E a gente dizia: *“Meu Deus, parece que ela está aqui, e ria, porque parece que a gente vai olhar pro lado e vai achar que a Lyuba está aqui junto”*.

Além das duas entrevistadas, Tabajara Lucas de Almeida relembra suas viagens com sua esposa: *“Até hoje a gente vai aos museus, e ela está presente sempre, ela nos ensinou a enxergar a obra de arte de uma maneira diferente, e fez isso nos ensinando francês”*. Assim, através dos depoimentos de seus ex-alunos, os ensinamentos repassados pela professora durante as aulas de História da Arte e também de francês ficaram marcados na memória dos entrevistados, fazendo com que engendrassem referências memoriais muito fortes

---

<sup>18</sup> Entrevista de Regina Carmem Dolci em 18 de dezembro de 2014, Rio Grande, RS. Todas as referências a Regina Carmem neste livro correspondem a essa entrevista.

entre os lugares visitados e o que aprenderam nas aulas com a professora Lyuba Duprat.

Ao relembrar o local onde tinham as aulas, Berenice narra: “[...] na primeira sala, onde havia os livros, as estantes, alguns objetos, ela sempre tinha uma estante muito linda, objetos de cristal, de louça... ela classificava assim”. Mais adiante, na entrevista, sobre como era a casa de Lyuba, ela responde:

[...] a casa dela era cheia de recordações... [sorrindo] Cheia de livros, a primeira sala onde nós ficávamos, era a mesa com as cadeiras, depois eram livros, livros, livros. Depois tinha o quarto dela, a parte mais reservada da casa, e tinha uma sala onde ela recebia visitas que não eram assim... visitas sociais, onde ela tinha uma escrivinha que pertenceu à família dela também. Depois tinha a cozinha, que sempre que eu chegava para aula, na primeira hora da tarde, ela me esperava para tomar cafezinho... ela sempre me esperava, aí nós tomávamos ali na cozinha e depois íamos para a primeira sala.

Michel de Certeau, Luce Giard e Pierre Mayol, na obra *A invenção do cotidiano: morar, cozinhar*, mostram a importância do espaço doméstico para os indivíduos e, principalmente, como ele pode ser visto como informante dos seus habitantes.

[...] um lugar habitado pela mesma pessoa durante um certo tempo esboça um retrato semelhante, a partir dos objetos (presentes ou ausentes) e dos costumes que supõem. O jogo das exclusões e das preferências, a disposição do mobiliário, a escolha dos materiais, a gama de formas e de cores, as fontes de luz, o reflexo de um espelho, um livro aberto, um jornal pelo chão, uma raquete, cinzeiros, a ordem e desordem, o visível e o invisível, a harmonia e as discordâncias, a austeridade ou a elegância, o cuidado ou a negligência, o reino da convenção, toques de exotismo e mais ainda a maneira de organizar o espaço disponível, por exíguo que seja, e de distribuir nele as diferentes funções diárias (refeições, toalete, recepção, conversa, estudo, lazer, repouso), tudo já compõe um “relato de vida”, mesmo antes

que o dono da casa pronuncie a mínima palavra (CERTEAU; GIARD; MAYOL, 2013, p. 204).

A casa de Lyuba Duprat era um espaço muito frequentado, pois nele ministrava suas aulas, muito embora os cômodos mais íntimos não fossem visitados pelos alunos. A casa de Lyuba era repleta de objetos e móveis que representavam a sua proximidade com a cultura francesa repassada pela sua família, o que, por sua singularidade, fazia com que o local fosse um pequeno nicho francês dentro da cidade do Rio Grande. Tratando-se dos objetos que constituíram esse espaço doméstico e profissional da professora, temos aqui a cadeira com assento de palha na qual ela costumava sentar-se por ocasião das aulas. A cadeira está atualmente exposta junto a outro móvel que também pertenceu a Lyuba, em uma espécie de vitrine da *Salle de Documentation* Lyuba Duprat (Figura 8).



Figura 8: Cadeira com assento de palha, sem data. Acervo da SLD.  
Fonte: Foto da autora. 2014.

“Ela tinha a mesa com as cadeiras, depois ela tinha um recanto onde ela sentava que era uma cadeira para ela ficar mais confortável, perto da janela. Ela também usava muitas lupas, ela tinha muitas lupas... por causa da visão” (Berenice Avancini, entrevista). Segundo Nubia Hanciau, a cadeira passou a ser uma marca registrada de Lyuba, pois além de a utilizar para dar aulas, era uma cadeira que a professora gostava de utilizar para suas leituras. Cleusa Almeida também reconhece a cadeira que Lyuba usava ao vê-la. Flavio Hanciau, ao visualizar a mesma imagem, relembra:

[...] a cadeira, sim... era a cadeira do dia-a-dia, muito confortável, com um formato anatômico muito bom, podes ver que ela está inteira. A gente sentava para assistir às aulas, ela ficava em um canto da sala, e sentava do lado da mesa, e essa era uma das cadeiras que ela utilizava para as aulas dos alunos. Às vezes ela sentava para ler jornal, e puxava uma lâmpada antiga, mas que dava uma boa luz focalizada, ela usava na cadeira de balanço e nessa cadeira, elas não ficavam junto à mesa, mas no canto, afastadas. Quando ela estava na cadeira de balanço, a gente ficava nessa cadeira e assim podia conversar com ela.<sup>19</sup>

As lupas lembradas por Berenice Avancini também foram grandes aliadas de Lyuba, principalmente durante os últimos anos de profissão, quando, com o avançar da idade e com a perda gradual da visão, ela só conseguia corrigir os textos e ler os livros com esse recurso. Esses objetos também são lembrados por Ricardo: “O lazer dela era ler, e quando ela começou a ter dificuldade para ler, começou a comprar lupas, lupinhas, etc.”. Algumas lupas também fazem parte do acervo da *Salle de Documentation*. Antes da mudança do Instituto de Letras e Artes em 2013, ficavam expostas dentro do móvel que também era de Lyuba.

Ainda sobre sua vida enquanto professora, outra característica lembrada como marcante pelos entrevistados

---

<sup>19</sup> Entrevista de Flavio Hanciau, em 12 de janeiro de 2015. Rio Grande, RS. Todas as referências a Flavio Hanciau neste livro correspondem a essa entrevista.

é a sua postura rígida, expressa não só pela exigência de exercícios e lições de casa, mas também pela pontualidade de seus alunos:

[...] nós fazíamos os temas, o “*devoir*”, e ela marcava ao lado o que estava errado e tínhamos de reescrever. Acho que isso era um método lá da França [...] às vezes a gente chegava dois minutos antes, sentava e esperava acabar a outra aula. Se atrasasse cinco minutos ela já ligava para saber por que não tinha ido, ou se atrasou. (Ricardo Soler, entrevista).

Essa característica foi marcante também para Tabajara Lucas de Almeida:

[...] as notícias sobre ela diziam que ela era uma pessoa muito rígida, às vezes até rude com os alunos, que a gente tinha que ter um pouco de estrutura para ser aluno dela. Então essa foi a minha primeira falsa impressão [*risos*]. A gente foi lá, a Cleusa, minha mulher, foi junto, e começamos a fazer aula com ela. Descobrimos que ela era uma pessoa extremamente culta, na verdade, muito cordial, muito refinada no tratamento conosco. Era sim uma pessoa rígida, mas conosco, talvez por causa da idade, ela nunca foi de mudar. [...] Talvez porque realmente nós éramos um casal disciplinado, e eu acho que ela exigia um pouco disso dos estudantes. Um pouco de dedicação e disciplina. E nós, por nossa formação pessoal, éramos assim, e nós cumpríamos com o roteiro que ela dava com o maior prazer.

Depois do falecimento de Lyuba, na cerimônia de abertura da *Salle de Documentation* que leva o seu nome, o professor Tabajara escreveu um texto em sua homenagem: “Sei que a senhora não tolera atrasos, o não cumprimento de compromissos, [...] Assim, atrasei um pouco a nossa correspondência e espero ser devidamente compreendido e perdoado”. Nesse sentido, a autora Guacira Louro (2012) nos indica o que talvez possa ser um dos motivos pelo qual Lyuba era rígida com seus alunos. Segundo a autora, havia certa pressão para que a figura de mulher frágil fosse transformada em mais “endurecida” quando se tratava de professoras. Elas

deviam saber controlar os seus sentimentos e fragilidades, exercer a autoridade como professora para assim poder controlar seus alunos e turma, da mesma forma que deviam servir de exemplo a eles. “Ela devia ser disciplinadora de seus alunos e alunas e, para tanto, precisava ter disciplinado a si mesma. Seus gestos deveriam ser contidos, seu olhar precisaria impor autoridade” (LOURO, 2012, p. 467).

Assim, as professoras eram ensinadas e moldadas para serem respeitadas frente aos alunos, passando uma imagem de autoridade e de respeito. Essa justificativa é destacada, inclusive, por Tabajara Almeida em sua entrevista: “Ela era uma pessoa que viveu em um tempo diferente do nosso, as regras de disciplina e de educação dela eram diferentes, mais rígidas do que as nossas”. Por outro lado, há de se destacar que o fato de ter estudado na França durante quatro anos acabou por levar Lyuba Duprat a incorporar uma educação e didática francesas, diferentes em vários aspectos da brasileira.

A educação e a cultura francesas são vistas como mais rígidas com seus alunos e crianças, uma rigidez que não é restrita apenas no âmbito escolar, mas que se estende também aos espaços domésticos. Várias reportagens jornalísticas demonstram as diferenças entre o ensino francês, americano e também brasileiro. As crianças francesas são conhecidas pela sua disciplina e atenção, frutos desse sistema educacional. Essa experiência é narrada não só por jornalistas, mas também por brasileiros e norte-americanos que foram morar na França, a exemplo do caso de Pamela Druckerman, que publicou o livro *Bringing up Bébé*, traduzido para o português como *As crianças francesas não fazem manha* (2012). A autora demonstra como a educação francesa é rígida em diversos aspectos, fazendo com que as crianças tenham mais respeito pelos adultos, mais disciplina em suas atividades e sejam mais exigentes com a qualidade dos estudos.

Esses traços não desqualificam a carreira de Lyuba Duprat, bem ao contrário, pois ela acabou sendo agraciada com algumas premiações e distinções: o título de Professora *Honoris Causa* concedido pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG, em 1992, e a inscrição no *Guinness Book* – Livro dos

Recordes do Brasil – em 1994, apontada como “a brasileira que exerce o magistério há mais tempo, desde 1916”<sup>20</sup>.

O título de Professora *Honoris Causa*<sup>21</sup> foi uma homenagem e um reconhecimento a uma professora local que não só prestou grande parte da sua vida ao ensino, mas também colaborou com o incentivo à cultura e à educação na cidade. Motivos destacados pelo Conselho Universitário (CONSUN) da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, na época, como justificativa à homenagem. No texto do relatório da Câmara do CONSUN podem ser lidos outros motivos da homenagem:

- Ao dedicar sua vida à ciência e a arte da comunicação, a Profa. Lyubá tomou para si a responsabilidade de promover o crescimento intelectual de uma comunidade.
- É a aproximação do indivíduo com povos diversos que o faz aprender outros mundos, situando-o num conjunto mais amplo que envolve também o seu e lhe confere identidade. Isto é o que a Professora Duprat faz com competência e raro entusiasmo há 75 anos.
- Há longo tempo ela atua em nossa Universidade se considerarmos os inúmeros docentes desta casa que passaram por suas mãos e que reproduzem seu saber.
- Em última análise, também esta é a maneira de resgatarmos o prestígio social e político do professor, que se não parte de nossos dirigentes, recebe o reconhecimento da própria classe. (Relatório da 2ª Câmara do CONSUN n. 03/92, 1992)

---

<sup>20</sup> Informação extraída do certificado do *Livro dos Recordes*, disponível na *Salle de Documentation* Lyuba Duprat.

<sup>21</sup> Esse título não é mais concedido pela Universidade. Segundo o atual Estatuto da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, (Artigo 62), os títulos honoríficos são dados para “distinguir profissionais de alto mérito e personalidades eminentes, na forma do Regimento Geral da Universidade”. Na FURG existem dois títulos honoríficos: Doutor *Honoris Causa*, que “poderá ser conferido a qualquer indivíduo que tenha contribuído, de forma expressiva e destacada, para o avanço do ensino, da pesquisa ou da extensão, assim como para o desenvolvimento da Universidade Federal do Rio Grande, e Docente Emérito, “a qualquer docente aposentado da Universidade Federal do Rio Grande que tenha contribuído de forma expressiva e destacada para o avanço do ensino, da pesquisa ou da extensão” (ESTATUTO FURG, p. 20, disponível em [www.furg.br](http://www.furg.br)).

Sobre esse título, o prêmio recebido da FURG e a cerimônia de entrega, Tabajara Almeida comenta, em entrevista:

[...] ela ficou contente de ser reconhecida, mas tem uma coisa que eu percebi: que isso não tinha mais tanto valor para ela. Ela foi por gentileza com a Universidade e um pouco, talvez, resquício de vaidade que ela pudesse ter, mas eu não acredito que isso tivesse um verdadeiro valor para ela. A essa altura, acho que ela já sabia o valor que tinha, e a dedicação com a educação... Então ninguém precisava mais dizer isso para ela. Ela foi por educação, porque ficava feio recusar uma honraria dessas na cidade em que ela vivia. Mas eu não acredito que isso tenha deixado ela sem dormir aquela noite, compreende?

A fala de Almeida aponta para uma característica também frequentemente lembrada pelos entrevistados: apesar de seu conhecimento e experiência, Lyuba se dedicava ao ensino da língua e cultura francesa muito mais pelo seu amor àquilo do que por uma espera de reconhecimento. A relutância de falar de si e dos seus prêmios, já mencionada anteriormente em uma das matérias jornalísticas, também aponta para essa característica de humildade e modéstia. Quando recebeu o título da FURG, Lyuba recebeu telegramas de amigos que ela guardou e hoje estão com a professora Nubia Hanciau. Junto com esses telegramas, Lyuba guardava uma reportagem do jornal *Agora* de 1992, que noticiava a concessão do título na FURG:



Figura 9: Recorte do jornal *Agora*, Rio Grande, 04/04/1992.

Fonte: Acervo pessoal de Nubia Hanciau

A notícia traz uma descrição do currículo da professora homenageada, intitulada pelo jornal como “A mais antiga professora de Rio Grande e talvez do Brasil”. Além disso, segundo a reportagem, a cerimônia de homenagem foi realizada durante a 3ª Festa do Mar, festa típica da cidade. Nessa reportagem, o jornal também relembra a outra homenagem já mencionada – as Palmas Acadêmicas. Já o reconhecimento do recorde aconteceu em 1994. O certificado do *Guinness Book* está na Sala de Documentação:

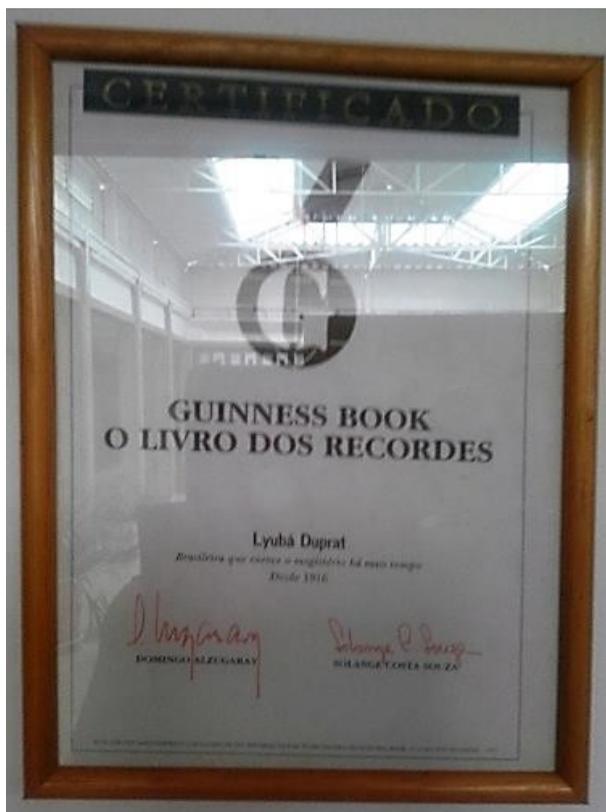


Figura 10: Certificado *Guinness Book Brasil*, 1994. Acervo da SLD.  
Fonte: Foto da autora, 2014.

A inserção da professora no Livro dos Recordes foi, além de um reconhecimento da sua longa vida profissional, mais uma marca na lembrança dos entrevistados, e o quadro com o certificado torna-se a materialização dessa homenagem e de suas lembranças. Outros objetos que também eram parte do universo profissional de Lyuba hoje pertencem ao Museu da Cidade do Rio Grande. Alguns desses objetos também foram mostrados durante as entrevistas (Figura 11):

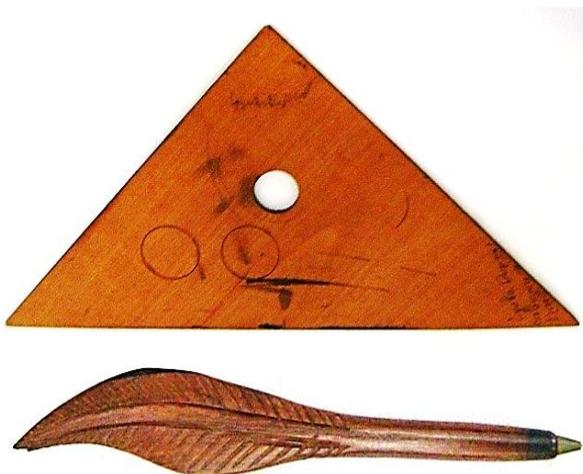


Figura 11: Esquadro de madeira e caneta esferográfica, sem data.  
Fonte: Museu da Cidade do Rio Grande.

Os objetos acima não provocaram grandes lembranças e narrativas, sendo apenas identificados por alguns como pertencendo a ela. Tabajara e Cleusa se lembram da mesa cheia de objetos que ela utilizava durante as aulas e também mencionaram que ela utilizava a outra extremidade da caneta (Figura 11) para abrir cartas. Ao visualizar o esquadro de madeira, Flavio Hanciau narra: “[..] ela usava para sublinhar os textos, o jornal, coisas que interessavam, ela sublinhava. Um desses esquadros com que ela sublinhava os textos ficava na gaveta da mesa da sala de aula”.

Outro objeto que também pode ser considerado do universo profissional ou da rotina é um dos abridores de cartas (Figura 12).



Figura 12: Abridor de carta com estojo, sem data.  
Fonte: Museu da Cidade do Rio Grande.

[...] esse é abridor, ela tinha uma quantidade de abridores, brincávamos com ela que cada dia ela utilizava um, mas tinha vários e de tempos em tempos utilizava alguns diferentes. Tinha algumas caixas em que ela guardava esses objetos, e usava sempre que recebia uma carta, uma correspondência. (Flavio Hanciau, entrevista).

Apesar de não lembrar especificamente do abridor de cartas, Regina Carmem rememora: “Ah! Ela tinha tantas coisas assim em cima da mesa, e não era uma escrivadinha, era uma mesa mesmo, e atrás tinha esse móvel que era mais alto, quando a gente entrava tinha um corredor e esse móvel ficava assim, era mais alto”. Posteriormente Regina relembra: “Pois é, eu me lembro que ela tinha sim, para cortar correspondência sempre ali em cima da mesa...”. Assim, esses pequenos objetos do cotidiano da professora, que compunham o cenário profissional onde os entrevistados recebiam suas aulas, traduzem um passado carregado de camadas invisíveis. A cadeira e a lupa representam o hábito de leitura; a régua, suas correções e apontamentos em jornais; o abridor de cartas, a rotina de correspondências e o costume em variar o uso dos abridores.

Como aponta Octave Debary, “o objeto usado diz alguma coisa ao mesmo tempo em que evoca o que foi, o passado” (2010, p. 6). É possível que sem a representação dos objetos durante a entrevista, algumas particularidades da

rotina de sua proprietária não fossem lembradas. Mas acima de qualquer referência utilitária, os objetos relacionados ao ser professora eram também fortemente associados ao conhecimento, estudo e dedicação à cultura francesa. E não apenas os objetos apresentados até o momento no texto, mas o conjunto de coisas que compunham a casa de Lyuba.

O ambiente preparado para ministrar as aulas era um convite ao mergulho na cultura e valorização da cultura francesa. Do tocar à campainha ao abrir a porta e esperar, as conversas em francês e o universo material que circundava os que ali entravam, marcaram a vida dos entrevistados. Essa imersão no mundo proporcionado por Lyuba Duprat, suas aulas e sua casa, também é vista pelos narradores como um marco na formação pessoal e profissional deles. Tabajara Almeida, no intuito de demonstrar o seu sentimento e as influências decorrentes de sua relação com Lyuba, conta:

[...] Vou te dar um exemplo, eu sempre gosto de usar essa imagem... Eu fui ao pátio da casa dela, ela abriu uma porta e disse: *'Olha aqui o que tem do outro lado do pátio'*. E do outro lado tinha um mundo de ideias, de cultura, de coisas, um mundo que era novo para mim, num certo sentido. A gente via filmes franceses, lia traduções de livros franceses, mas não tínhamos noção da cultura que a gente estava recebendo.

O novo mundo era, na realidade, o mundo que Lyuba havia construído para si: seu universo particular parcialmente compartilhado para o exercício de sua profissão. Referências afetivas, familiares e de construção de um passado que a guiava no presente. Eram os objetos que, paralelamente à presença de Lyuba e do falar francês, montavam o cenário adequado para ela e para os alunos.



**Exemplo:** com dificuldades para enxergar e caminhar, 'Madame Lyuba' lecionou o quanto pôde  
Figura 13: Fotografia de Lyuba em jornal, 1994.

Fonte: *Zero Hora*. Acervo pessoal de Nubia e Flavio Hanciau

Em 1991, a professora foi assunto de uma extensa matéria no jornal *Zero Hora*, intitulada “*Um exemplo de amor ao magistério*”.

[...] em 75 anos de magistério ela nunca faltou às aulas ou fez greve. Não desanimou quando o ensino da Língua Francesa saiu do currículo obrigatório nas escolas do Brasil. Nem decidiu guardar para si toda a cultura que possui quando uma aluna pediu emprestado e não lhe devolveu o livro que ganhou do amigo Apparicio Torelly, o Barão de Itararé. Madame Lyubá Duprat, 91 anos, a caminho dos 76 anos de magistério, é professora de Francês e de História da Arte em Rio Grande. Respeitada pela comunidade rio-grandina, vai receber, em agosto, o título de professora *Honoris Causa* pela Fundação Universidade do Rio Grande (FURG), conforme sugestão do professor João Carneiro Lages. [...] No Brasil esta homenagem somente é oferecida a pessoas com curso superior – o que não é o seu caso – ou de grande destaque, como os poetas Mario Quintana e Cora Coralina. A fila de alunos que por ela passou se perdeu no tempo e atravessou o continente [...] São vários os

professores universitários que, para aprimorar conhecimentos, frequentam aulas com Madame Lyuba (BASTOS, 1991, p. 50).

Quando Lyuba faleceu, os jornais tornaram a ressaltar as qualidades docentes de Lyuba; o jornal *Agora*, periódico de maior circulação na cidade do Rio Grande, no dia 18 de outubro de 1994, noticiou:

[...] Faleceu ontem, aos 94 anos de idade, a professora Alice Liubá Duprat, que durante toda a sua vida dedicou-se ao magistério, em especial ao ensino de Francês e de História da Arte. [...] Filha de pessoas que pensavam à frente de sua época, quando muito poucas mulheres estudavam e trabalhavam, Madame Liubá, como fazia questão de ser chamada por seus alunos, estudou na França e ao retornar ao Brasil por volta de 1917, foi representante da Aliança Francesa e atuou na formação de diplomatas, no Itamarati. Foi responsável pela instalação, no país, do curso de História da Arte, no Rio de Janeiro. Ao retornar a Rio Grande passou a lecionar em sua própria casa, o que fez durante 77 anos. No ano passado, foi citada no Guinness Livro dos Recordes, como a mais antiga professora em atividade no Brasil. Tinha então, três alunos nas duas disciplinas. (Jornal *Agora*, 18/10/1994, p. 1)

Se a construção de sua vida profissional foi pautada no conhecimento adquirido em Paris, e também perpetuada com a sua volta ao Brasil, seja por meio do ensino da língua e cultura francesa ou pelas viagens, percebemos que as coisas que ela possuía no seu ambiente de trabalho e no ambiente doméstico eram representativas dessa construção. Para além de uma simples profissão, o francês tornou-se um estilo de vida, uma forma de ver o mundo. Essa aproximação, conforme veremos a partir de agora, não era restrita ao âmbito doméstico e profissional, mas se estendia enquanto forma de andar, vestir e falar.

## Entre luvas, redes e vestidos: feminino, beleza e vaidade

*A roupa tende, pois, a estar poderosamente associada com a memória ou, para dizer de forma mais forte, a roupa é um tipo de memória. Quando a pessoa está ausente ou morre, a roupa absorve sua presença ausente. (STALLYBRASS, 2000, p. 18)*

A última característica explorada é uma das mais presentes nas narrativas dos entrevistados e também no acervo do Museu da Cidade do Rio Grande: a vaidade de Lyuba Duprat. Conforme já apresentado em alguns trechos deste trabalho, frequentemente a professora era reconhecida e lembrada por objetos que compunham a sua aparência, pela forma com que se apresentava para o público. Diferentemente dos objetos do âmbito privado de sua casa, ou do espaço onde trabalhava, aqueles vinculados à aparência visual e identitária de Lyuba eram facilmente vistos por rio-grandinos e cariocas que cruzavam com a professora. Não raro encontramos pessoas que se referenciavam à professora Duprat como a senhora dos “veuzinhos” e luvas. Para o sociólogo Michel Maffesoli, a vaidade das pessoas se

[...] manifesta na publicidade, no enfeite, na embalagem [...], mais que uma simples superficialidade sem consequências, inscreve-se num vasto jogo simbólico, exprime um modo de tocar-se, de estar em relação com o outro, [...] de fazer sociedade (MAFFESOLI, 1996, p. 161).

Dentre a variedade de objetos que pertenceram a Lyuba Duprat existentes no Museu da Cidade do Rio Grande, há uma presença significativa daqueles que facilmente podem ser categorizados como pertencentes ao universo da vaidade e cuidado com a aparência: batom, frisador de cabelos, chapéu, bolsa, espelho etc. Esse conjunto de objetos pode ser entendido como “estojo de identidade” para o controle de sua aparência pessoal (GOFFMAN, 1974, p. 28).

Apesar de o conceito de Goffman ter advindo de seus estudos em instituições totais<sup>22</sup>, o conceito de “estojo de identidade” aborda a preocupação que o ser humano tem com a sua aparência física. A atenção com a imagem pessoal é também um dos fatores elencados por Pierre Bourdieu (2007) como aspecto de distinção social. Para ele, as despesas e a dedicação de tempo para a beleza e vestuário são também características de uma diferenciação social.

Na classe dominante, pode-se distinguir, simplificando, três estruturas de consumo distribuídas em três itens principais: alimentação, cultura e despesas com apresentação de si e com representação (vestuário, cuidados de beleza, artigos de higiene, pessoal de serviço) (BOURDIEU, 2007, p. 174).

Bourdieu afirma que as roupas marcam não só uma diferença de gênero, de profissão, mas de hierarquia. Para o autor, o número de compras cresce à medida que subimos no nível hierárquico. E com relação às roupas femininas, Bourdieu destaca que os *tailleurs* e conjuntos são a diferenciação máxima, pois são peças mais caras e que fortalecem a categoria de distinção entre os demais grupos. Além disso, o valor estético está associado ao valor moral como uma forma de mostrar os bons modos e os bons costumes, e é a representação de uma legitimidade (BOURDIEU, 2007).

Por outro lado, além do conceito de “estojo de identidade”, poderíamos aplicar também o conceito de “sistema de objetos” de Baudrillard (2000). Para o autor, “sistema de objetos” são constelações, universos de objetos que se

---

<sup>22</sup> O conceito de “instituições totais”, trazido por Erving Goffman, trata de estabelecimentos que são divididos, por ele, em cinco agrupamentos. Primeiro, aquelas instituições que guardam pessoas vistas como incapazes e inofensivas (orfanatos, asilos, etc.). Segundo, aquelas que não sabem cuidar de si mesmas e que são vistas como ameaça para a sociedade, mesmo que sem intenção, como hospitais, sanatórios, etc. O terceiro seriam as instituições que protegem a sociedade de pessoas com más intenções, como prisões. Em quarto, os quartéis, navios, etc. Em quinto lugar, aqueles que servem como refúgios, os mosteiros, conventos, etc. (GOFFMAN, 1974).

conectam por sua função, por uma prática e por seu valor simbólico (IGLESIA, 2011). De acordo com Iglesia, buscando relacionar o conceito de sistemas de objetos de Baudrillard (2000), este sistema de objetos adquire coerência quando observamos que os mesmos atuam como índices, tais como os definidos por categorias, como, por exemplo, *viajar*: composto pela mala, roupas, mapas etc. (IGLESIA, 2011, p. 18). Nesse caso, os objetos de Lyuba presentes aqui seriam aqueles associados a um sistema de *vaidade (cuidado pessoal, de embelezamento)* composto por: luvas, leques, *voilette*<sup>23</sup>, bolsas, pó de arroz, *tailleur* preto, sapatos, acessórios de unha e cabelo etc.

Esse sistema se mostrou extremamente forte e presente nas memórias dos entrevistados, constituindo um forte indício representativo da professora, de sua personalidade e aproximação com a cultura francesa. Com a análise das entrevistas e fotografias foi possível dizer que Lyuba se diferenciava e era reconhecida por essa característica na cidade do Rio Grande. Como exemplo, podemos utilizara notícia de seu falecimento no jornal *Zero Hora*, em que a jornalista encerra a notícia e descreve Lyuba com as seguintes palavras,

[...] **vaidosa**, a professora se tornou uma **figura folclórica** em Rio Grande. Dos anos em que viveu em Paris herdou o domínio da língua francesa e um **estilo peculiar**. Antes de ter pneumonia, era comum ver a professora passeando pelo calçadão, sempre **de luvas, sapato de salto e seu inseparável chapeuzinho com véu**. (LEME, 1994 – grifo nosso).

Aqui, as palavras em negrito destacam exemplares materiais da indumentária, representações e vestígios de um estilo particular que compunham seu “estojo de identidade”.

---

<sup>23</sup> Segundo o *Glossário de Terminologias do Vestuário* do Instituto Federal de Brasília, organizado por Cleide Lemes da Silva Cruz, *voilette* vem do francês e é o “tipo de véu que cobre o rosto, parte dele ou apenas um detalhe de véu envolvendo uma pequena parte da cabeça. O véu sempre aparece em conjunto com um chapéu, ou qualquer outro acessório de cabeça, até mesmo fixado apenas no penteado” (CRUZ, 2013).

Segundo os entrevistados, apesar da idade avançada, Lyuba não deixava de se preocupar com a aparência e em estar bem arrumada.

No final dos anos 20 e início dos anos 30 Lyuba usava alguns elementos que, segundo Stevenson (2012), eram características da época: cabelo curto à *la garçonne* e sapatos de pulseira bicolores que ficavam valorizados pelas “saías à altura da panturrilha”, de modo que “os sapatos usados pela mulher dos anos 20 tornaram-se pontos mais focais e eram escolhidos como acessórios para um traje” (STEVENSON, 2012, p. 100). Um dos sapatos de Lyuba eram uma leitura da estilista Coco Channel para os sapatos de pulseira – ela criou os sapatos bicolores em preto e branco para evidenciar os pés e o contraste entre as duas cores (STEVENSON, 2012). A moda europeia chegava às mulheres brasileiras principalmente através das revistas femininas, que traziam as tendências que eram adaptadas da moda europeia. Na citação abaixo, Maluf e Mott (1988) comentam a divulgação dos penteados na *Revista Feminina* na década de 20:

[...] na virada do século a moda eram os rebuscados “penteados ornamentais” com as ondas conseguidas artificialmente com um ferro de frisar. Duas décadas depois, os cortes indicavam que as mulheres não mais se contentavam com a antiga imagem de “frequentadoras do teatro e dos jantares”. Estavam esculpindo uma silhueta de mulher moderna. Em dezembro de 1924 a *Revista Feminina* já indagava se o cabelo curto não seria “um sintoma da emancipação do belo sexo”. Devia ser, já que a própria revista identificava, pelo corte dos cabelos, a escultora, a literária, a estudante, a datilógrafa, a sportswoman. (MALUF; MOTT, 1998, p. 370).

Lyuba usava os penteados com cabelo curto, quando jovem, e com o avançar da idade, o cabelo preso com coque. O ritual associado ao penteado e à rotina de beleza de Lyuba é lembrado por Berenice Avancini ao olhar a fotografia do frisador de cabelo, objeto que pertencia a Lyuba e que hoje faz parte do acervo do Museu da Cidade do Rio Grande.

Berenice relembra de como ela fazia para chegar ao penteado ao olhar a fotografia abaixo (Figura 14) e diz:



Figura 14: Frisador de cabelo, sem data.

Fonte: Museu da Cidade do Rio Grande

[...] ah, ela usava muito! Às vezes, se eu passasse de manhã na casa dela, para deixar alguma coisa que ela gostasse de comer ou coisa assim, ela sempre estava com... a gente chama de papelote, ela chamava de *bigoudis*. Ela enrolava no próprio dedo, e não colocava papel, colocava aqueles grampinhos, sabe? Então toda essa parte ela fazia de *bigoudis* e atrás ela tinha um coquinho. E depois quando a gente chegava para aula, ela já tinha desmanchado aquilo e o cabelo ficava sempre arrumado. E usava para sair sempre a *voilette*.

O reconhecimento do objeto desperta memórias do seu uso e da rotina de embelezamento da professora. A *voilette* lembrada por Berenice como um dos elementos que Lyuba usava para ir à rua tornou-se marca registrada de Lyuba junto com dois outros elementos: luvas e sombrinha, pois estes três objetos são sempre lembrados pelos entrevistados e também pelo depoimento da sua aluna Maria Helena Souza, mostrado anteriormente. Berenice, quando perguntamos se outras pessoas também utilizavam os objetos na época em Rio Grande e se Lyuba usava realmente a *voilette*, respondeu: “Usava. Luvas e sombrinha. [...] Não, só ela [usava]. Ela não tinha uma mancha na pele. Com 94 anos, que foi a idade que ela faleceu, ela não tinha nada de mancha”.

Ricardo Soler também relembra e destaca a maneira como Lyuba se vestia e os objetos que estavam sempre

presentes no seu repertório de indumentárias e “estojo de identidade”:

[...] e depois o que eu acho que contribuiu, é que o tempo passou, mas nisso parece que ela parou, com relação à moda e a se vestir, ela parou ali e era fiel. Uma coisa que eu me lembro dela dizer, era que gostava muito do preto, que era clássico e que não saía de moda nunca. Às vezes eu vejo as roupas que ela usava... esses dias eu até vi e disse para minha mulher: **“Olha, parece a roupa da Lyuba”**. Porque moda é assim, vai, volta, mas ela sempre se manteve na moda, uma característica dela. Não usava sapato alto, no máximo um saltinho pequeno, mas salto alto nunca vi. Mas a principal característica **dela é a luva, a bolsa e o veuzinho dela**.

O reconhecimento de Ricardo das roupas utilizadas por Lyuba traduz o poder memorial e identitário da indumentária. Regina Carmem também conta, na primeira parte da entrevista, que ela era conhecida na cidade como uma legítima francesa e que “quando ela saía na rua todo mundo olhava, todo mundo... ela era muito conhecida pela roupa, pelo chapéuzinho com véu, pelas luvinhas”.

Michelle Perrot faz uma análise sobre a importância que a roupa tem para a memória e construção da personalidade feminina. Segundo ela,

[...] uma luva, um lenço, são para ela relíquias das quais só ela sabe o preço. A monotonia dos anos se diferencia pela toailete que fixa também a representação dos acontecimentos que fazem bater o coração: “Naquele dia eu usava...” ela diria. A memória das mulheres é uma memória trajada. A vestimenta é a sua segunda pele, a única da qual se ousa falar, ou ao menos sonhar. A importância das aparências faz com que as mulheres sejam mais atentas ao seu léxico. O máximo que elas podem se permitir é o rosto do outro. (PERROT, 1989, p. 14).

Perrot nos mostra de que forma os acessórios e as roupas estão muito associados à construção de uma imagem e

memória feminina. Mesmo que aqui não tenhamos uma memória narrada pela própria Lyuba Duprat, as entrevistas corroboram a ideia da autora ao demonstrarem a representatividade memorial e identitária das roupas. Mais do que uma memória trajada, trata-se de uma identidade baseada no traje, fortemente marcante e perpetuada através dos objetos e de seus alunos.

Além disso, verificamos que itens como a *voilette*, luvas e demais acessórios utilizados por Lyuba Duprat e que se fixaram como representação de sua pessoa social, remetem ao que Sant'Anna define: “os calçados e os adereços serviam como prova maior de beleza e distinção [...] a elegância trazida pelo porte do chapéu, o esmero das luvas e do leque” (SANT'ANNA, 2013, p. 106). No caso de Lyuba Duprat, o uso dessas peças vai mais além: elas representam uma elegância francesa, algo que não era possível encontrar com facilidade no cenário brasileiro e, principalmente, rio-grandense. Era utilizado no aspecto de distinção social (BOURDIEU, 2007), de afirmação e de aproximação da cultura francófona.

Igualmente, é importante observar o que fala Mariana Rodrigues, de que a elegância vai além da aparência e do que é visível, ela expõe o que é “intrínseco ao sujeito, a sua alma” (RODRIGUES, 2011, p. 10). O corpo e, conseqüentemente, a roupa são lugares de expressão do que é interno, da personalidade do sujeito, assim como as demais ações dos sujeitos, como a maneira de andar e falar (RODRIGUES, 2011).

Assim, é possível perceber que há um reconhecimento da professora Lyuba como uma pessoa diferenciada, destacada na sociedade local. Algumas vezes, seus trajes eram vistos como uma distinção inclusive de nacionalidade, fazendo com que muitos a confundissem com uma francesa *legítima*. Em outro momento da entrevista, Ricardo Soler conta como o fato de Lyuba ter morado em Paris influenciou na maneira de se comportar e também de se vestir,

[...] lá [França] eles tinham muito esse hábito, ela morou em Paris durante a *Belle Époque* e era a maneira como se

arrumavam lá. Porque ela usava aquelas luvas, podia estar o sol que tivesse, mas ela estava com as luvinhas e os veuzinhos dela. Acho até que uns dos veuzinhos dela foi para o museu, não tenho certeza, e a sombrinha – isso aí era a característica dela, e a bolsa.

Para o antropólogo Daniel Miller (2013), a indumentária é extremamente marcante e fator essencial na formação de personalidade e identidade dos indivíduos. Segundo ele, as roupas servem como uma categoria de diferenciação, não só de gênero, mas de “classe, nível de educação, cultura de origem, confiança ou timidez, função ocupacional em contraste com o lazer noturno” (MILLER, 2013, p. 21). Miller ainda afirma que a indumentária serve como uma linguagem que diz quem somos, qual a nossa personalidade e identidade.

A ideia de Miller é desmitificar o conceito de que a indumentária, o seu estudo e consumo, são coisas estritamente superficiais e fúteis. Para o autor, “as roupas não são superficiais, elas são o que faz de nós o que pensamos ser” (MILLER, 2013, p. 22). É também por isso que estes objetos da indumentária são tão marcantes nas memórias dos entrevistados, porque eles mostram ser importantes para definir a personalidade e a identidade de Lyuba Duprat.

O estudo de Peter Stallybrass, em seu livro *O casaco de Marx*, corrobora essa ideia, quando afirma que “[...] a roupa tende, pois, a estar poderosamente associada com a memória ou, para dizer de forma mais forte, **a roupa é um tipo de memória**. Quando a pessoa está ausente ou morre, a roupa absorve sua presença ausente” (STALLYBRASS, 2000, p. 18 – grifo nosso). No caso das entrevistas, para além das fotografias dos objetos do museu, a visão de fotografias de Lyuba usando suas roupas e acessórios fez com que os entrevistados criassem outras conexões memoriais com momentos e curiosidades sobre ela, mas também com outros objetos que não foram nem mostrados nas fotografias. “As roupas são máquina de comunicar” (MAFFESOLI, 1996, p. 161), elas funcionam como uma espécie de armadura, de signo e de

componentes da vida cotidiana, do corpo social e da teatralidade humana (MAFFESOLI, 1996).

O historiador e arqueólogo Artur Barcelos (2009), em seu artigo “De cultura material, memória, perdas e ganhos”, pontua algumas situações presenciadas por ele, no âmbito pessoal e profissional, que atestam as camadas simbólicas, memoriais e imateriais das coisas. Em um dos momentos apresentados por ele, ao se encontrar na casa de sua mãe enquanto ela estava no hospital em tratamento, envolto pelo universo material da casa, resolveu vestir uma camiseta que havia presenteado à mãe e estava guardada no guarda-roupa dela:

[...] ainda sem uma razão em especial, vesti aquela camiseta e, antes de adormecer, pensei muito sobre o curioso daquele momento, **cujo principal elemento que me unia a minha mãe não era sua enfermidade ou a preocupação com sua condição, mas aquela camiseta**, que fora minha, pertencia agora a minha mãe e que voltava ao meu corpo, 18 anos depois, em uma situação tão inesperada e adversa. (BARCELOS, 2009, p. 28 – grifo nosso)

A partir da experiência do autor e de seu relato, percebemos que as roupas servem não só como representações identitárias, mas como formas de unir corpos, tempos e memórias. Tal como salienta Peter Stallybras no trecho acima citado, a partir da camiseta Barcelos esteve presente com a sua mãe, quase como um abraço.

Entretanto, não só as roupas servem como representação das pessoas, como seus usos estão relacionados a funções, identidade e apropriação, e isso é reforçado pela fala de Berenice. Em uma das fotografias ela identificou o colar, estilo “coleira”, e a blusa que Lyuba usava. Notamos que, pela fala da entrevistada, a roupa tinha um significado, uma marca, também percebida na fotografia (Figura 15):



Figura 15: Fotografia 3x4 de Lyuba Duprat, sem data.  
Fonte: Museu da Cidade do Rio Grande

[...] ela tinha uma coleção de blusas fantásticas. Ela tinha o rosto muito bonito, e, para ela, o que envelhecia muito uma mulher e que chamava a atenção era o pescoço. Então ela tinha blusas lindas de organza, de seda, de cambraia... e usava muito coleiras, de veludo, com pedras... Aqui está uma!

Cabe salientarmos que tais lembranças e associações dão novos sentidos às fotografias e objetos. As narrativas conseguem desvendar as camadas do tempo e do desconhecido, abordando detalhes, histórias e contextos que não são visíveis aos olhos comuns. Tal como também apresenta Barcelos (2009) ao salientar que o que separa os objetos manuseados por ele durante sua vida ou que pertenceram a sua mãe de meros objetos, é a sua mediação. O conhecimento da história e do sentido das coisas para além de sua materialidade e função é que permite que os objetos adquiram a categoria de relíquia, de suporte de memória, de

importante. As lacunas preenchidas pelas narrativas é que diferenciam o objeto semióforo do objeto comum, e o mesmo acontece quando Berenice Avancini analisa a foto da espátula de unhas (Figura 16), pertencente à professora, e relembra:

[...] Ah sim, ela tinha as unhas perfeitas. Ela não pintava as unhas, nem usava base. Só as unhas lixadas, não muito curtas, tinham uma pontinha. Ela dizia que os professores tinham que ter as unhas impecáveis, porque o aluno sempre olha para a professora, para o rosto e para as mãos. Porque os professores falam com as mãos também. Muita coisa assim que ela dizia e que a gente não esquece.



Figura 16: Espátula de unhas, sem data.

Fonte: Museu da Cidade do Rio Grande

Tanto Berenice quanto Regina dizem, em suas entrevistas, lembrar muito das mãos da professora Duprat. Regina Carmem rememora:

[...] eu lembro muito das mãos dela, das unhas dela, ela tinha as unhas bem fininhas assim, sempre sem nenhum esmalte. Só no final, claro quando a pessoa fica mais velha, a unha ia ficando assim meio riscadinha... Olha, se eu fechar os olhos eu me lembro dela direitinho com as unhas, incrível! Porque eu gosto muito de mãos, eu adoro, estou sempre olhando as mãos das pessoas e eu me lembro das mãos dela.

Através das entrevistas os objetos ganham sentido. É possível (re)conhecer a materialidade das coisas, do acervo do museu representado nas fotografias aqui apresentadas, as tessituras simbólicas, memoriais e imateriais. Há muito de Lyuba em cada objeto, e através das narrativas recolhidas percebemos que eles, de fato, compunham e por vezes eram

protagonistas na vida da professora. Para Octave Debarry, trata-se da imaterialidade contida na materialidade que, segundo o autor, utilizando o conceito de Didi-Huberman, é chamada de “resto noturno”, “cuja revelação à consciência confere valor à noção de trabalho da memória. O valor e o poder do objeto acionam uma memória involuntária, escondida, presente no vazio de uma garrafa [...]” (DEBARY, 2010, p. 42). Ao refletir sobre o momento de retornar à casa de sua mãe depois do seu falecimento, Barcelos aponta que:

**Mesmo invisível aos meus olhos, minha mãe estava ali, em todos os cantos e recantos daquele apartamento. Estava na xícara que permanecera sobre a pia da cozinha, com o resto seco de seu último café.** Estava em suas revistas de palavras cruzadas, deixadas na mesa da sala, com uma caneta marcando a última página em que ela se distraiu preenchendo os quadros do crucigrama. Estava em suas roupas penduradas no varal, perto da janela da cozinha. Estava na cadeirinha de plástico, a primeira e última feita com a nova técnica que ela aprendera. Estava na cama desfeita da última noite, interrompida pelo infarto que a levara, às presas, de volta para o hospital. Por meio daquelas “coisas”, a vida de minha mãe ficara suspensa. Um instante no tempo, seus últimos dias de interação com o mundo físico, marcados indelevelmente pela forma como ela manipulou, dispôs, produziu e descartou **as coisas que a cercavam e eram ela ao mesmo tempo.** (BARCELOS, 2009, p. 30 – grifo nosso).

O que percebemos a partir do relato do autor é a capacidade de *extended-self* articulada por Ulpiano Meneses. Trata-se da presença através das coisas, um preenchimento da ausência física de sua mãe pelas coisas que eram dela, pela materialidade. Nesse caso, os objetos transcendem não apenas o caráter de evocação memorial, mas são, praticamente, *a pessoa em si*. Notamos algo semelhante nas falas dos entrevistados ao atribuírem sentido e reforçarem a presença de Lyuba Duprat nas coisas que pertenciam a ela. No entanto, nem todos os objetos levados para as entrevistas são evocadores de memória e associados à sua antiga dona; há objetos que os

entrevistados acabam não reconhecendo. Todavia, mesmo que isso ocorra, em alguns casos eles remetem a outros objetos e outros acontecimentos que marcaram suas memórias narradas durante a entrevista. É o caso do espelho (Figura 17):

[...] Ah, o espelho... é engraçado que essa mesa aqui [aponta para o móvel] ficava em frente ao quarto dela, e tinha um espelho que era da mãe dela todo trabalhado e desenhado no cabo também [...] E no dia em que ela morreu, tiraram o corpo dela do quarto e eu saí e bati com a cortina, e o espelho caiu no chão e quebrou... é, tem... essas coisas... (Ricardo Soler, entrevista).



Figura 17: Espelho de mão, sem data.  
Fonte: Museu da Cidade do Rio Grande.

O mesmo espelho traz uma narrativa diferente na entrevista de Flavio Hanciau:

[...] o espelho era da cômoda do quarto, onde tinham objetos de uso da Lyuba, quando ela adoeceu e caiu, entramos no quarto para ajudar e cuidar dela, pois ela ficou acamada, e me lembro de ter esse espelho ao lado da cama possivelmente para o seu uso diário.

Interessante observar que os dois entrevistados associam o espelho ao falecimento da professora. Trata-se de um objeto que, apesar de cotidiano e de, conforme apresenta Hanciau, pertencer a um conjunto de coisas de uso diário de embelezamento, são colocados em outro momento: o do fim. O papel representativo e inerente dos objetos no contexto da morte é abordado. Outro caso aconteceu com Regina Carmem:

quando ela visualizou a fotografia do batom vermelho, fez a seguinte observação:

[...] ah... é, mas ela só usava assim um pó de arroz, às vezes ela estava tão branca, tão branca. Aí eu dizia: “Vamos... *Se a senhora quiser eu arrumo, porque a senhora botou demais*”, ela dizia “*Ai minha filha, mesmo?*” “*É, a senhora botou demais, está quase assim um cadaverzinho*” [risos] Ela dava risada, ia lá e tirava, porque ela gostava muito de pó de arroz, tinha uma pele muito linda, branquinha, branquinha.

O batom em si não foi lembrado, mas a sua materialidade possibilitou recordar do pó de arroz. E Regina faz isso de maneira alegre, descontraída, relembando de quando Lyuba utilizava demasiadamente o produto. Essas conexões e trabalhos de memória que os objetos provocam nos entrevistados vão ao encontro da ideia de Silveira e Lima: “o objeto [...] fala sempre de um lugar, seja ele qual for, porque está ligado à experiência dos sujeitos com e no mundo, posto que ele representa uma porção significativa da paisagem vivida” (2005, p. 40). Nesse sentido, os dois (objetos e entrevistados) contam sobre as histórias e experiências de Lyuba.

Quando perguntamos se Lyuba era uma pessoa vaidosa, Ricardo responde: “Muito...! Usava muito pó, não saía sem maquiagem, sem o pó de arroz. Não era de pintar a unha. Mas, assim, andava sempre de elegância. Ali era a elegância personalizada, uma pessoa elegante”. Da mesma maneira, Berenice dá a dimensão de como ela era dedicada aos ritos de beleza e preocupada com a sua aparência no dia a dia:

[...] sempre arrumada, sempre com a pele perfeita, com as unhas perfeitas, com o cabelo perfeito. Como eu te disse, se eu chegasse fora de hora, como eu já tinha mais intimidade, eu me atrevia... passava pela rua, como a gente morava na mesma rua, eu batia ou sei lá... às vezes se eu comprasse alguma coisa e quisesse deixar para ela almoçar e ela dizia

“Me pegaste desprevenida, nem me ligaste antes”. E eu: “Não, nem vou entrar... só vou deixar”.

Era uma característica forte de Lyuba e que está presente nas narrativas dos entrevistados. Seu universo feminino e vaidoso também pode ser observado nos objetos que estão, principalmente, no Museu da Cidade do Rio Grande: as roupas, acessórios, batom, bolsa, objetos de higiene e de cuidado pessoal. A seguir (Figura 18), outros objetos que também fazem parte do Museu e demonstram esse universo:



Figura 18: Bolsa de festa, penteadeira, batom vermelho e leque, sem data.  
Fonte: Museu da Cidade do Rio Grande.

Alguns dos objetos da Figura 18, pertencentes a esse “estudo de identidade”, também foram lembrados pelos entrevistados, embora as narrativas e memórias evocadas tenham sido mais sintéticas. Nubia Hanciau, quando viu a fotografia da bolsinha, lembrou-se do objeto: “Ai! A bolsinha... isso aqui era a bolsinha de festa dela, essa bolsinha eu me lembro dela em festa”. Assim como Tabajara e Cleusa Almeida, que apesar de dizerem que não se lembravam do batom vermelho, rememoram a vaidade dela:

[...] eu não conheci esse objeto, mas isso sim me lembra alguma coisa para dizer sobre ele, que é a *coquetterie* dela. Ela era *coquette*, era vaidosa, fisicamente assim... o veuzinho, isso era uma coisa francesa, parisiense de se arrumar, eu acho, de se enfeitar, não ficar nunca relaxada do ponto de vista dela, isso me lembrou esse aspecto.

A associação com a aparência, vaidade e roupas de Lyuba é novamente relacionada com a cultura francesa. A frase do entrevistado traduz claramente as inesgotáveis conexões que os objetos podem fazer: “Eu não conheci esse objeto, mas isso me lembra alguma coisa para dizer sobre ele [...] isso me lembrou esse aspecto dela”. São os objetos, novamente, fazendo pontes memoriais com outros objetos e acontecimentos que não estão na fotografia. Sobre esse fator, o autor Marcus Dohmann afirma:

[...] o fluxo dos sentidos e imagens que os objetos veiculam através dos canais de comunicação é capaz de despertar aspectos singulares nas reminiscências dos indivíduos, pelas recordações de vivências passadas que alternam tensões entre esquecimentos e saudosismos, nos sentidos e sensações reavivados pela lembrança material. (DOHMANN, 2013, p. 33).

Assim, a materialidade das coisas afeta os indivíduos, criando conexões e despertando sentimentos e recordações. Voltando para os objetos do espectro da indumentária de Lyuba, outros lembrados por alguns dos entrevistados foram os leques. O Museu da Cidade do Rio Grande possui vários deles identificados como sendo seus e alguns foram mostrados durante as entrevistas.

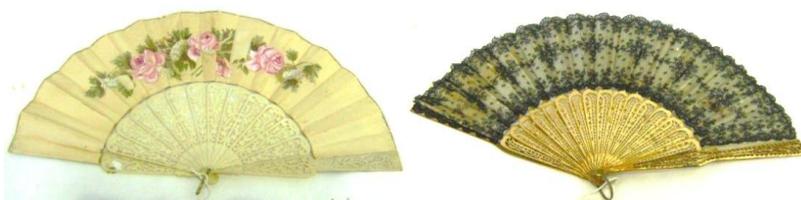


Figura 199: Leques, sem data.  
Fonte: Museu da Cidade do Rio Grande.

Tabajara Almeida diz: “Ah sim, isso sim nós a vimos usando: o leque... é Paris, *Belle Époque...*”. Já Berenice Avancini, Regina Dolci e Flavio Hanciau relembram de outros fatos sobre os leques. Berenice narra: “Isso aqui tudo ela tinha

na sala, numa vitrine. Na sala, o armário todo envidraçado ela chamava de vitrine e ela colocava todos os objetos que ela tinha, que pertenceu à família, ou que foi da mãe, das irmãs, dela também”. Regina rememora um fato parecido, apesar de não ter precisão sobre os leques:

[...] o leque! Ela tinha um leque que ficava exposto [...], acho que ficava em cima, que ela chamava *étagère*... [...] pois é, era uma coisa meio alta, eu acho que tinha um leque que ficava em cima. Ou ele ficava numa cristaleira... me lembro que tinha um leque aberto... a gente vai ficando mais velha e vai ficando esquecida [risos].

A mesma informação é compartilhada por Flavio Hanciau:

[...] Nessa vitrine ela tinha um número grande de exposição de leques, não era para uso do dia a dia, mas para ornamentar a sala. Não a sala que recebia os alunos, mas na sala central da casa dela, aquela peça mais escura que ela muito raramente convidava para ir ali, onde tinham as fotografias do pai e da família, e tinha uma cristaleira que tinham vários. E me lembro de outros, de todos os formatos.

Essas memórias fragmentadas e detalhes nos dão um traçado sobre a rotina e o ambiente que a professora e seus alunos frequentavam. A lembrança dos entrevistados sobre os leques e demais objetos expostos em uma espécie de cristaleira, faz-nos lembrar a relação entre as mulheres e seus objetos, trazida por Michelle Perrot:

[...] as mulheres se dedicam à matéria mais humilde: à roupa e aos objetos, bugigangas, presentes recebidos por ocasião de um aniversário ou de uma festa, bibelôs trazidos de uma viagem ou de uma excursão, “mil nadas” povoam as cristaleiras, pequenos museus da lembrança feminina. As mulheres têm paixão pelos pequenos museus da lembrança feminina. As mulheres têm paixão pelos seus porta-joias, caixas e medalhões onde encerram seus tesouros: mechas de cabelo, joias de família, miniaturas que, antes da fotografia, permitem aprisionar o rosto do amado. Mais tarde, fotografias

individuais ou de família, em porta-retratos ou álbuns, esses herbários da lembrança, alimentam uma nostalgia indefinidamente declinada. Álbuns de desenhos ou de cartões-postais memorizam as viagens (PERROT, 1989, p. 13).

A cristaleira, lembrada por Berenice, Regina e Flavio, está presente no trecho de Perrot como um possível local onde as mulheres preservam suas memórias e vestígios materiais, pequenos tesouros e relíquias mantidos e expostos.

A fala dos entrevistados é sempre norteadada pelos aspectos da rotina e características de Lyuba Duprat e não meramente pela funcionalidade dos objetos. Essa teoria é apresentada por Alessandra Micalizzi (2010), quando advoga que os objetos nos possibilitam criar conexões para além do uso a que eles se destinam, conexões memoriais que não ficam restritas apenas na sua função, mas possibilitam que aprisionemos as emoções e memórias aos objetos, “**objetificando a memória**” (MICALIZZI, 2010, p. 3, tradução livre da autora – grifo nosso).

Uma das características mais evidentes de Lyuba foi a sua vaidade, representada através de uma objetificação da memória, conforme aponta Micalizzi, através de objetos pouco comuns nas ruas de Rio Grande daquele período: as luvas, *voilette* e chapéu. Essas peças eram parte do figurino das mulheres na primeira metade do século XX, no período já abordado da *Belle Époque*, mas Lyuba transcendeu o seu uso, incorporando tais peças como indispensáveis e emblemáticas no seu figurino, de modo que faziam parte da sua imagem. Por isso é uma das características mais lembradas não só pelos entrevistados, mas também pelas reportagens em jornais e revistas.

Próximo ao dia em que Lyuba Duprat completaria 100 anos, o jornal *O Peixeiro* publicou texto de autoria de Nubia Hanciau lembrando a professora. Nesse texto de homenagem, alguns elementos da indumentária trazidos neste capítulo voltam a ser destacados e lembrados:

Ela teria cem anos neste 27 de junho, Lyuba Duprat, uma das rio-grandinas mais ilustres, nascida em 1900, com o

século, e falecida noventa e quatro anos depois, a maioria deles dedicados ao ensino da língua e cultura francesas. Os que resistiram ou transitaram por Rio Grande até 1994 **têm certamente presente na memória a figura vestida com *tailleur* negro, luvas, saltos altos e a inseparável *voilette* (pequeno véu) sobre os olhos**. Conhecida não apenas por ser filha do Dr. Augusto Duprat, pediatra de renome na cidade, mas, principalmente, pela sua **personalidade marcante**, Lyuba Duprat era tão feminina quanto culta, aspectos que pareciam dissociados numa época que era quase impossível a existência de uma mulher “liberada”. (HANCIAU, 25/06/2000 – grifo nosso)

Aqui chamamos a atenção, principalmente, aos mesmos objetos lembrados pelos entrevistados: os sapatos, as luvas e o chapéu com o véu e, ainda, o *tailleur* preto. Esses objetos foram marcantes não só nas memórias dos entrevistados, mas acabam fazendo parte de uma imagem e referência local à professora Lyuba, conforme será desenvolvido posteriormente. O uso de alguns objetos e traços que mostram a sua feminilidade pode ser observado na Figura 20:



Figura 20: Lyuba Duprat e Flavio Hanciau, sem data.  
Fonte: Acervo pessoal de Nubia Hanciau.

A fotografia mostra Lyuba Duprat usando um dos seus *tailleurs*, com o lenço amarrado no pescoço (um dos artifícios para esconder as marcas da idade no pescoço), a *voilette* presa no coque e o pó de arroz – alguns dos elementos lembrados pelos entrevistados. A preocupação em esconder o pescoço, lembrada por Berenice Avancini, também é trazida por Regina Carmem:

[...] depois que ela ficou mais velha, tinha sempre o pescoço coberto, porque ela dizia que uma mulher quando fica com o pescoço enrugado não pode ficar mostrando, pois era muito feio. Então ela botava aquele lenço e enrolava assim, até para dar aulas no final...

Regina Carmem lembra disso sem o auxílio imagético das fotografias de objetos ou da própria professora, ela traz na sua narrativa, enquanto fala sobre a personalidade de Lyuba, seu cuidado com a beleza e seu estilo de vida.

O que foi possível perceber nas entrevistas é que muitos objetos e atividades rotineiras da professora eram conectados, segundo os entrevistados, a uma aproximação com a cultura francesa. Essa influência pode ser vista não apenas no conhecimento da língua, mas em pequenos gestos diários e em sua vestimenta. Por ser algo tão marcante nas narrativas e por mostrar o contexto em que os objetos de Lyuba estavam imersos, compondo essa francesidade na vida da professora, é que agora analisaremos como aconteceu essa aproximação de Lyuba Duprat com a cultura francesa.

## **A aproximação com a cultura francesa**

De maneira geral, um dos fatores que percebemos mais evidenciado nas entrevistas e na memória (e sua construção) sobre Lyuba Duprat é a aproximação dela com a cultura francesa. Essa inspiração francófona fez parte da construção de sua identidade e, ainda, da sua “máscara social”. Dentro dessa aproximação, talvez a característica que, por diversas razões, represente e tenha desempenhado um forte papel imagético e memorial da professora é todo o aparato visual e de beleza,

associado ao período da *Belle Époque*. No Brasil, esse momento (final do século XIX e início do XX) foi marcado por transformações de cunho social, cultural e econômico que perduraram, praticamente, até o início da Primeira Guerra. Segundo Nicolau Sevcenko, um dos aspectos mais evidentes desse período era a influência francesa na vida cultural das cidades e seus moradores (SEVCENKO, 1998, p. 26).

A capital da recém-proclamada República Brasileira, Rio de Janeiro, foi o centro de maior apropriação da cultura francesa para representar e trazer novos ares para o país e sua nova forma de governo. Mas a capital não foi a única nesse processo, e cidades como Rio Grande e Pelotas também foram envolvidas por uma busca de modernização de hábitos, costumes e um estilo de vida francês (MATTOS, 2006; ORTIGARA, 2013). Desse modo, a cultura francesa acabou influenciando cultural e simbolicamente as famílias mais abastadas do período, “determinando os modelos da vida social e cultural, através das suas referências intelectuais e filosóficas, como as da pintura, da decoração, da culinária e da moda” (MATTOS, 2006, p.1). Segundo Doin *et al.* (2007), a *Belle Époque* brasileira foi marcada por uma busca de consumo de símbolos calcados nos conceitos de civismo, progresso e modernização. Para isso era preciso reformular a organização urbana, social, com costumes culturais dignos de uma sociedade civilizada condizente com as mudanças do século, e a sociedade francesa era vista, naquele momento, como a maior representante de uma civilização moderna.

Nicolau Sevcenko demonstra, na introdução do terceiro volume do livro *História da vida privada no Brasil*, como o início do século XX foi influenciado pela cultura francesa na *Belle Époque*. Com a inauguração da Avenida Rio Branco no Rio de Janeiro, os cariocas transitavam por essa e por outras avenidas com trajes franceses e, nas vésperas da Primeira Guerra Mundial, “as pessoas ao se cruzarem no grande bulevar não se cumprimentavam mais à brasileira, mas repetiam uns aos outros: ‘Vive la France!’” (SEVCENKO, 1998, p. 26).

Casas comerciais, bancárias e de prestação de serviços passavam a estampar títulos afrancesados ou que também

indicavam o reconhecimento e a importância do progresso. Entretanto, a presença francesa não se dava apenas nos nomes das casas de comércio. O eco desse espírito ressoou fortemente no interior opulento, atuando na profunda modificação de hábitos e costumes, tornando-se símbolo do processo civilizatório, no sentido dado por Norbert Elias, ou seja, segundo um constante moldar e disciplinar de hábitos e comportamentos, que se estendem desde as pequenas regras de atitudes e etiquetas até a normatização e coerção que garantem o controle do Estado e do poder público municipal (DOIN *et al.*, 2007, p. 100).

Nesse sentido, a influência da cultura francesa em Lyuba Duprat vem não só do período histórico em que viveu, mas daquilo que ela própria associava às origens familiares, de que era sucessora e representante. Lyuba viveu durante a *Belle Époque* na França, no “centro civilizatório” do século XX que inspirou o Brasil e outros países. Essa francesidade estava presente na forma como ela se apresentava ao mundo externo e, tal como aborda Goffman (1985), a construção social da pessoa dá-se pela elaboração de marcas pessoais, sempre resultado de eleições feitas pelo sujeito sobre o que irá representá-lo e como. É nesse sentido que se pode abordar a ideia de francesidade associada à figura de Lyuba Duprat. Mais do que uma opção de vida ou algo que se caracterize como inato, a vinculação com a cultura francesa deu-se em parte pela associação da ideia de França como o centro da cultura ocidental, local de propagação de “normas civilizatórias”, entre elas a etiqueta, os hábitos de comer e vestir e a diplomacia.

A influência dos costumes franceses no Brasil no início do século também é marcada pela educação, pois

[...] os bons modos, tanto na cultura como na educação e na vida mundana, eram regulados pela maneira parisiense de ver e de ser. Assim, o idioma francês era falado nas cortes europeias, dominando o gosto e a elegância da fala e da expressão (MATTOS, 2006, p. 1),

A concepção do “ser e saber” francês está diretamente relacionada ao que se entendia por bom gosto e boa educação na época. Sobre o mesmo período, Gilberto Freyre afirma:

[...] tudo que era português foi ficando “mau gosto”; tudo que era francês ou inglês ou italiano ou alemão foi ficando “bom gosto”. Grandes cargas de panos, móveis, louças, artigos de luxo franceses, inundaram os portos do Brasil, logo que a França pôde competir com a Grã-Bretanha na conquista do mercado brasileiro (FREYRE, 1977, p. 336).

Além da vivência em terra francesa, Lyuba Duprat carregava no sobrenome e na maneira de ser uma expressão francesa que se concretizava com o ensinamento da língua. Essa associação entre a identidade de Lyuba e a França está, em parte, por reconhecer nesse passado uma memória genética, ancestral, o “berço Duprat”. A transmissão de uma memória familiar é, ao mesmo tempo, a transmissão de uma identidade, pois, segundo Joël Candau, “transmitir uma memória e fazer viver, assim, uma identidade não consiste, portanto, em apenas legar algo, e sim uma maneira de estar no mundo” (2012, p. 118). Essa maneira de estar no mundo é vivida por Lyuba, baseada em suas raízes francesas, que se verifica por intermédio de seus objetos e narrativa dos entrevistados. Além disso, para Candau, a busca sobre o mito das origens e das raízes familiares tem um papel primordial na definição das identidades, tanto individuais quanto coletivas (CANDAU, 2012, p. 96).

Pierre Bourdieu também afirma que a família e a educação recebida no âmbito doméstico, desde a infância, são primordiais para a concretização de um indivíduo com uma cultura mais forte, profunda e não superficial (BOURDIEU, 2007). Dessa forma, a educação e a influência familiar que Lyuba Duprat teve foi, provavelmente, um dos fatores que também incentivou e influenciou a aproximação e busca por uma cultura e identidade francesas.

Podemos dizer que, de maneira geral, a população rio-grandina a identificava dessa forma, como uma francesa –

fato que é trazido nas narrativas dos entrevistados e em conversas realizadas durante a pesquisa. Regina Carmem é uma das entrevistadas que menciona essa confusão de nacionalidades ao relembrar sobre quando teve o interesse em começar a ter aulas particulares de francês:

[...] me falaram que tinha essa professora... porque na realidade todas as pessoas pensavam que ela era francesa mesmo, pelo nome e tudo. Mas depois, claro, com a convivência a gente descobriu que era brasileira, mas tinha estudado muito tempo na França.

Neste trecho podemos perceber que Regina demonstra o que parecia ser um entendimento geral da cidade – que Lyuba era mesmo francesa. Essa característica se revela não só nas entrevistas, mas também nos cursos e conteúdos das reportagens jornalísticas. O nome, sobrenome e o jeito de ser e vestir denunciavam essa diferenciação cultural quando comparada aos demais rio-grandinos. Enquanto narrava sobre a sua relação com a professora Lyuba Duprat, Flavio Hanciau sublinha o contraste dela frente aos demais conterrâneos:

[...] quando saía na rua em Rio Grande, usava aquele traje bem elegante, elegante para uma época, era a “*vieille France*”<sup>24</sup>, com a sua *voilette*, e às vezes eu a convidava para almoçar comigo, eu chegava no restaurante com a Lyuba e as pessoas chegavam a parar para vê-la, porque ela impressionava: branquinha, clarinha, com aquele sorriso sempre nos lábios, e a simpatia.

A senhora Regina também relaciona os hábitos e a educação de sua professora com a cultura francesa. Em suas palavras: “[...] ela era uma pessoa muito refinada, ela era uma francesa! Era uma francesa que tinha nascido no Brasil por acaso, mas ela era uma francesa legítima!”. Os entrevistados a associaram com a cultura francesa não somente em relação à sua maneira de vestir e andar, mas também por seus

---

<sup>24</sup> “França antiga”. Tradução livre da autora.

hábitos domésticos e cotidianos, como também mostra Regina Carmem na segunda parte de sua entrevista:

[...] em cima da mesa dela ficava tanta coisa que tu não podes imaginar. Quando chegávamos para aula ela botava os livros que estava lendo para o lado, sempre tinha aquela bandejinha com os cálices para ela oferecer, então era tudo assim, bem coisa de francês mesmo, os franceses são assim, têm um monte de coisas na casa.

Percebemos, portanto, que não só o universo material da indumentária ou a língua eram identificados como costumes franceses. Os objetos domésticos e seu cotidiano eram também vinculados ao estilo francês, a bandeja, os cálices, o ritual de receber eram também identificados como franceses. A residência da professora era, conforme tratamos anteriormente, um reflexo de seu estilo de vida, do seu universo particular e, portanto, de sua relação com a França. Esse aspecto é salientado por Flavio Hanciau, quando afirma que ao frequentar as aulas e a residência da professora Lyuba Duprat era possível “viver a França em Rio Grande”, o que é visto por ele como algo único, singular e que anteriormente só seria possível conhecer através dos livros e filmes.

O que fazia a residência de Lyuba Duprat ser um referencial da França na cidade do Rio Grande eram os sistemas de objetos que ela possuía, seu cotidiano e todas as referências culturais presentes na sua rotina, além dela própria. Quando não realizava mais as suas viagens à França, a aproximação com o velho mundo era fortalecida, segundo Flavio Hanciau, “através dos livros, das lembranças, dos objetos; ela mantinha uma França ativa na vida dela, e, claro, cada vez que encontrava alguém que falava francês”.

Nesse caso, o próprio entrevistado dá a dimensão da importância dos objetos de Lyuba Duprat para essa conexão entre a professora e a França. Eles representavam para ela sua herança familiar e cultural, o país onde estudou e adquiriu seus conhecimentos, e a maneira com que ela se identificava e se via no mundo.

Em Rio Grande, havia outras famílias de origem francesa, entre estas a família Ruffier. Em trecho do diário do engenheiro Jorge Ruffier<sup>25</sup>, ele conta sobre o encontro das duas famílias e as aparências dos Duprat:

A noite do mesmo dia havia uma reunião na casa do dr. Duprat, o médico que a Cie. havia contratado para a assistência médica de todo o pessoal. Era um médico de descendência francesa muito competente e, sobretudo, muito consciencioso. A reunião se realizava em honra ao chefe da casa que fazia anos no mesmo dia. Ali encontrei a senhora Gertie Lawson que muito insistiu para que eu fosse visitá-la. **As filhas do Dr. Duprat Aline, Lyuba, Ailza, assim como o filho Augusto Luiz, me lembravam as famílias européias.** Fizemos um pouco de música e cantei uns *lieds* que conhecíamos em casa. (RUFFIER, Jorge. Diário pessoal, 14 de maio de 1912, *apud* ORTIGARA, 2013 – grifo nosso).

A partir do diário do engenheiro é possível compreender o cenário familiar e social em que Lyuba cresceu e conviveu e como tais hábitos se perpetuaram na sua vida. Jorge Ruffier era brasileiro, filho de francês; viveu durante grande parte da sua vida na Europa, mas estava no Brasil e acabou lembrando das famílias europeias através da família Duprat. Esta é a interpretação de alguém que, podemos dizer, tinha legitimidade para realizar tal associação, por seu conhecimento sobre a cultura europeia e francesa, enquanto morador e filho de francês. Entretanto, devemos pensar o que isso representava para Lyuba e para os demais. O que significava essa

---

<sup>25</sup> Segundo sua bisneta Andrea Maio Ortigara (2013), Jorge Ruffier era engenheiro da Cie. Française du Port de Rio Grande do Sul. Nascido no Rio de Janeiro em 1885, era cidadão francês reconhecido pelo consulado da cidade. Foi para a Europa antes de completar um ano de idade e lá viveu até 1903, quando retornou para o Brasil com sua família. Em 1910 foi contratado pela Cie. Française, empresa que construiu os molhes da barra na cidade do Rio Grande. O trecho do diário aqui apresentado foi gentilmente disponibilizado para esta pesquisa por Andrea, cujo trabalho de mestrado é uma das referências para interessados na presença e influência francesa no Brasil e, especialmente, na cidade do Rio Grande.

aproximação com a cultura francesa que ela buscou durante a sua vida?

No caso específico de Rio Grande, cidade reconhecida pelo seu porto e com influência açoriana e portuguesa muito expressiva, as referências francesas existiam e eram buscadas, principalmente, por uma camada social que detinha maiores condições financeiras. A geógrafa Andrea Maio Ortigara (2013) advoga que, no início do Período Republicano, e posteriormente com a Primeira Guerra Mundial, as relações com a França foram intensificadas, o que gerou certa modificação nos hábitos e na vida cotidiana da cidade do Rio Grande. Para a autora, a cultura lusitana perdia espaço para a francesa, fazendo com que esta última ganhasse força no local como símbolo de “superioridade social” (ORTIGARA, 2013, p. 150).

A presença de imigrantes franceses aumentou significativamente na cidade do Rio Grande com as obras de construção do novo porto marítimo, na primeira década do século XX. A Cie. Française du Port de Rio Grande do Sul trouxe para a cidade diversos engenheiros, mestres de obras e outros profissionais, com suas respectivas famílias (MARTINS, 2016). Entretanto, conforme salienta Martins (2016) e Ortigara (2013), a inspiração dos costumes europeus e franceses era influenciada muito mais pelo contexto nacional e internacional do que pela chegada e presença do número de franceses em Rio Grande.

No caso de Lyuba, apesar de ser de família de origem francesa, é o período em que mora em Paris que, segundo os alunos e entrevistados, potencializa essa francesidade de Lyuba Duprat. Entender o contexto cultural em que a professora estava inserida e a forma com que ela se aproximou dos conhecimentos franceses é importante, na medida em que nos fornece igualmente o contexto em que os objetos estão inseridos em sua vida. Os objetos de Lyuba estão diretamente conectados com a cultura francesa que ela expõe, assim como a escolha de suas coisas está associada ao seu gosto pela França.

Nesse caso entram principalmente os objetos da indumentária, pois a roupa e os acessórios que Lyuba usava

na rua, em público, são um dos ícones que mostram e fortalecem esse imaginário. Como podemos ver nas páginas anteriores, os objetos mais lembrados de forma livre e espontânea pelos entrevistados foram, principalmente, os da indumentária. O véu, as luvas, a sombrinha e a bolsa eram marca registrada da professora e hoje funcionam como seus evocadores memoriais e identitários. Além disso, são os ícones visíveis e materiais que mais afirmam sua francesidade aos olhos do público.

Segundo o professor Lars Svendsen, baseado nos conceitos de Alison Lurier, a importância da indumentária “é pelo menos tão grande quanto a de todas as línguas faladas, ‘pois inclui todos os artigos de vestuário, penteado e decoração do corpo já inventados’” (SVENDSEN, 2010, p. 72). Logo, a vestimenta é uma forma de expressão e de identidade de grupo. Para o autor, ela é quase uma língua, um vocabulário com toda a sua complexidade (SVENDSEN, 2010, p. 72). Todavia, é o que veremos posteriormente, no caso de Lyuba Duprat trata-se também de uma escolha, de um referencial por ela elencado na criação de uma personagem, de uma construção social.

## **As memórias e objetos nas narrativas – uma análise**

Pode-se perceber que, apesar de todos os entrevistados serem ex-alunos de Lyuba, os objetos mais reconhecidos e que evocam mais memórias não são aqueles associados à vida profissional, ou seja, ao ofício de educadora, mas sim à performance pessoal, à forma como se apresentava ao público e as representações que disso derivaram (a francesidade, a elegância e a cultura). Em base nessa análise, é possível estabelecer relação com o conceito de “máscara social”, conforme veremos posteriormente, que se vincula a valores e distinções sociais – tal como aborda Bourdieu –, que se sobrepõem ao aspecto didático-pedagógico e conteúdos ministrados, como o conhecimento de arte, música, gastronomia, “boas maneiras”, comportamento etc. (BOURDIEU, 2007).

Sobre o resultado obtido das entrevistas e o poder evocativo que os objetos da indumentária imprimiram nos entrevistados, podemos pensar em algumas variáveis que possivelmente interferiram nesse processo de evocação de memória. Uma delas é a maior quantidade de objetos associados a esta imagem ao mesmo tempo pessoal e pública, do que propriamente aos vinculados ao exercício do ensino de francês. Por outro lado, também podemos pensar na frequência com que estes eram visualizados pelos estudantes. Alguns dos objetos mostrados não são reconhecidos por nenhum dos entrevistados, como é o caso de um porta-escovas de dentes.

O desconhecimento desse objeto também leva a refletir sobre os objetos que ficavam em cômodos mais íntimos: o quarto, banheiro e cozinha. O acesso a esses cômodos era mais restrito e, conseqüentemente, seria mais difícil que os entrevistados lembrassem dos objetos que os compunham. Tal como afirma Bachelard (1993), estes cômodos são lugares mais secretos e íntimos, que guardam os segredos e intimidades do dono da casa. Michel de Certeau diz que “este território privado, é preciso protegê-lo dos olhares indiscretos, porque cada um sabe que o mínimo apartamento ou moradia revela a personalidade de seu ocupante” (CERTEAU; GIARD, 2013, p. 203). Podemos comprovar esta hipótese e a preservação da intimidade de alguns cômodos através da fala de Regina Carmem quando visualizou o porta-escovas de dentes:

[...] na realidade eu nunca entrei na cozinha e no banheiro dela, nunca. Nós só íamos até uma sala porque era um corredor comprido e tinha livro, livro, livro. [...] O quarto mesmo eu nunca fui, às vezes quando ela estava deitada ela levantava e a gente não ia ao quarto.

Por outro lado, Flavio Hanciau narrou que teve o privilégio de acompanhar a professora Lyuba Duprat em uma intimidade a que poucos tinham acesso, entretanto mesmo assim não reconheceu o referido objeto. O acesso ao banheiro da casa era restrito e, dessa forma, a visualização dos objetos que pertenciam a esse espaço também o era. Por outro lado,

também existem aqueles objetos pessoais particulares, que mesmo os amigos mais próximos não tinham conhecido, pois eram guardados em locais reservados que preservassem a sua integridade.

Podemos pensar que o museu pode ter recebido objetos que Lyuba não usava com frequência, guardados em espaços pouco frequentados inclusive por ela. Essa é uma das hipóteses levantadas, inclusive por Flavio Hanciau, quando reflete que provavelmente alguns objetos mostrados nas fotografias durante as entrevistas tivessem sido retirados de um “quartinho” que havia nos fundos da casa.

[...] ela tinha no fundo da casa, no jardim, um quartinho onde havia milhares de caixas e caixotes com uma fantástica quantidade de coisas, objetos, correspondências, materiais. Acho que ela não jogava nada fora e ia guardando tudo em caixas. Mas ela me dizia quando ia lá: “Um dia espero ter tempo para arrumar esse quarto aqui”. Mas acho que nunca aconteceu. (Flavio Hanciau, entrevista).

A antropóloga Anelise Guterres apresenta, em seu texto “A morada e a casa: materialidade e memória no processo de construção do patrimônio familiar” (2013), a história de duas mulheres que moram na cidade de Porto Alegre e se encontram em situações parecidas: vão mudar de casa e, ainda, estas serão demolidas. Na pesquisa etnográfica a autora busca acompanhar e compreender a triagem feita pelas pessoas sobre o universo de objetos divididos em dois grupos: os que ficam e os que vão junto, ou seja, os que serão descartados e os que continuam acompanhando, silenciosos, a trajetória de cada pessoa. O “quartinho”, espécie de depósito de fragmentos do passado, torna-se um lugar de forte presença de memória e de esquecimentos, é aquele local onde as emoções voltam como um turbilhão de lembranças do passado e remexer nos objetos ali guardados faz com que ela reviva esse passado, nem sempre algo agradável. Assim, a autora continua:

[...] era na bagunça que eles se constituíam como agentes da lembrança. E eram agentes dos mais poderosos. Eles haviam sido descartados ao acaso para que ficassem justamente

longe do alcance cotidiano, pois remetiam a viagens longas, por vezes doloridas. Quando chegamos, foi preciso que ela destrancasse a porta com uma chave para que pudéssemos ingressar no cômodo (GUTERRES, 2013, p. 285).

Nessa perspectiva, talvez os objetos guardados no quartinho, em caixas, fizessem parte do passado da professora, do acúmulo material que muitos de nós realizamos ao longo da vida – as referências memoriais –, mas que também se constitui no local de esquecimentos, de inutilidade. Por estarem guardados em caixas, não eram reconhecidos pelos frequentadores da casa de Lyuba Duprat; isso era possível, provavelmente, apenas por ela.

Também é importante indicar que, apesar de alguns objetos não terem sido levados para as entrevistas, mas visualizados somente através das fotografias, foram constantemente lembrados: a *voilette*, as luvas, a sombrinha, o pó de arroz e o colar de pérolas. Segundo a análise que Erving Goffman propõe em seu livro *A representação do eu na vida cotidiana*, é possível entender e associar esse conjunto de elementos utilizado pela professora Lyuba como partes de uma “fachada pessoal” (GOFFMAN, 1985), conceito proposto pelo autor, constituído por vários equipamentos que identificam o sujeito. Para ele, categorias como vestuário, idade e aparência são formadoras desse “cenário” pessoal que os sujeitos criam e utilizam para serem identificados e diferenciados frente aos outros.

Para Goffman, os sujeitos criam imagens de si em uma espécie de máscara social. A “fachada pessoal” é de uma “representação” contínua (GOFFMAN, 1985). Para tanto, os indivíduos utilizam cenários quase fixos para compor seus personagens. A imagem e o personagem que criamos são vistos pelo autor, e por suas referências teóricas, como a maneira como nós mesmos nos vemos e queremos ser vistos pelos outros – a máscara torna-se o verdadeiro “eu”, o que queremos ser (GOFFMAN, 1985, p. 27).

Além da indumentária, Erving Goffman mostra que o cenário criado pelos indivíduos está presente não só nos trajes

personais, mas também na criação dos cenários domésticos e profissionais, “compreendendo a mobília, a decoração, a disposição física e outros elementos do pano de fundo que vão constituir o cenário e os suportes do palco para o desenrolar da ação humana executada diante, dentro ou acima dele” (GOFFMAN, 1985, p. 29).

Dessa forma, não só os objetos vestidos e trajados por Lyuba Duprat compõem e dão vida e sentido a sua “personagem”, conforme propõe o autor, mas todos os elementos e objetos domésticos também contribuem para que essa imagem seja fortalecida, tanto para o próprio sujeito, quanto para seu público. Segundo a interpretação do autor, trata-se de uma mensagem, uma forma de se comunicar e de se relacionar com os outros através de uma “máscara”, de um “personagem” e de seus “cenários” (GOFFMAN, 1985).

A criação da “fachada” e da “máscara” da professora está basicamente relacionada à sua imagem, descendência e representação francesa. Assim, a maioria dos objetos trazidos nesta pesquisa são testemunhos e elementos que fortaleceram a criação de uma identidade e de uma imagem francesa de Lyuba Duprat, hoje lembradas pelos entrevistados da mesma forma.

Nesta análise, também percebemos que muitos objetos funcionaram enquanto sociotransmissores da memória de Lyuba, principalmente aqueles elencados anteriormente. Sua representação permitiu que os entrevistados realizassem um exercício memorial e favoreceu conexões entre presente e passado, conexões que viraram narrativas memoriais (CANDAU, 2009). Entretanto, para o autor, eles só funcionam de forma eficaz como compartilhadores de memórias quando há a existência de receptores, indivíduos que estão preparados para receber e decodificar as informações repassadas pelos sociotransmissores. Além disso, para Candau, quanto maior a quantidade de sociotransmissores, mais fácil de compartilhar memórias. Dessa forma, funcionaram como sociotransmissores os objetos materiais, as fotografias, os discursos, as reportagens em jornais e revistas e todos os outros elementos que

carregaram e auxiliaram no compartilhamento de memórias de Lyuba Duprat.

Em relação aos objetos que pertenciam à vida profissional da professora, os mais lembrados pelos entrevistados foram: a cadeira de palha pertencente ao acervo da *Salle de Documentation* Lyuba Duprat e o abridor de cartas do Museu da Cidade do Rio Grande. Estes dois objetos foram reconhecidos por seus ex-alunos. Ambos trouxeram nas narrativas seus hábitos de leitura, o cenário onde Lyuba ministrava suas aulas, e os demais objetos que compunham a sua vida profissional. Dentro desse universo, as lupas utilizadas por ela para auxiliar na leitura, apesar de não terem sido mostradas durante as entrevistas, também foram lembradas pelos entrevistados, assim como os objetos anteriormente elencados.

Dentre as semelhanças narrativas podemos incluir o cuidado e a preocupação da professora com a sua imagem pessoal, sua rotina de embelezamento e todos os elementos materiais que compõem tal característica. Também é recorrente a menção à capacidade profissional de Lyuba, sua exigência frente aos estudantes, a dedicação e o rigor. Estes são pontos em comum partilhados pelos ex-alunos, mas, obviamente, influenciados pela memória e identidade individual de cada um.

A partir disso, seria possível dizer que os ex-alunos entrevistados possuem uma memória coletiva e compartilhada sobre a professora Lyuba Duprat? Pensando na aplicação desse conceito, o autor Joël Candau (2006) considera que precisamos ter cuidado ao afirmar a existência de uma memória coletiva. Para ele, as memórias compartilhadas existem, mas a memória coletiva pode ser abstrata e ilusória. Esta ilusão pode acontecer devido à confusão que fazemos entre o compartilhamento de memórias e de metamemórias. O conceito de metamemória, criado por Candau, diferencia a memória propriamente dita da representação de sua memória. Para o autor, a metamemória seria

[...] uma parte da representação que cada indivíduo faz de sua própria memória, o conhecimento que ele tem e, de outra parte, o que ele diz. É uma memória reivindicada, ostensiva.

Porque é uma memória reivindicada, a metamemória é uma dimensão essencial da construção da identidade individual ou coletiva. Em sua forma coletiva, é a reivindicação compartilhada de uma memória que se supõe ser compartilhada (CANDAU, 2009, p. 51).

Assim, pela similaridade dos elementos narrativos e características mencionadas sobre Lyuba Duprat através dos entrevistados, podemos interpretar que há uma metamemória compartilhada, cujo discurso expressado pelos narradores é, muitas vezes, compartilhado. Entretanto, devemos lembrar que a memória narrada não é, necessariamente, a memória existente. Pois, segundo Candau, a expressão da memória refere à memória realmente existente, porque a totalidade da lembrança nunca é evocada e verbalizada, visto que deixamos nas “sombras do esquecimento” alguns aspectos da nossa vida pessoal e da relação com o outro (CANDAU, 2009, p. 49). Além disso, segundo o autor, é mais fácil que um grupo ou sociedade compartilhem esquecimentos do que lembranças, “sem dúvida a memória coletiva é mais a soma dos esquecimentos que a soma das lembranças” (CANDAU, 2006, p. 64).

Por isso, torna-se mais difícil a afirmação da existência de uma memória coletiva entre os ex-alunos entrevistados, mas podemos afirmar que existem similaridades entre as narrativas, tanto de fatos narrados sobre as características e histórias de Lyuba na primeira parte da entrevista, quanto de lembranças evocadas sobre os objetos mostrados na segunda parte. Podemos afirmar, segundo o conceito de Candau (2006, 2009), que existem semelhanças memoriais manifestadas que demonstram a possível presença de uma memória coletiva, na qual os sociotransmissores possuem fator primordial nesse compartilhamento.

Tratando dos objetos utilizados na pesquisa, muitos funcionaram como pontes de memória. Segundo Octave Debarry (2010), eles fizeram conexões não só com as lembranças armazenadas por aquele objeto e o sujeito que está por trás

dele, mas também como uma ponte que conecta a outros objetos e histórias. Pois, como afirma Alessandra Micalizzi,

[...] os objetos, que também são equipados com uma biografia que se confunde com a daqueles que entraram em contato com eles, podem ser considerados pequenos mundos narrativos, de histórias relacionadas à memória autobiográfica (MICALIZZI, 2010, s/p).

Além disso, os objetos serviram como fontes para entender os sujeitos e, como propõe Ulpiano, “a biografia dos objetos introduz um novo problema: a biografia das pessoas nos objetos” (MENESES, 1998, p. 93). Por meio da narrativa dos entrevistados ao visualizar e relembrar a cultura material de Lyuba, foi possível traçar uma história de vida e detalhes da rotina da professora, o que talvez não acontecesse sem a presença representativa dos objetos. Essa capacidade narradora e evocadora também é lembrada por Dohmann, quando diz que:

[...] hoje, os objetos podem ‘dizer’ muitas coisas sobre seus possuidores. Nenhuma exceção a esta classificação, até os mais austeros, criados sem nenhum objetivo que não seja apenas servir discretamente. Todos emitem mensagens mesmo que para contextos culturais específicos. (DOHMANN, 2013, p. 38)

As narrativas associadas aos vestígios materiais de Lyuba possibilitaram delinear sua trajetória social. Mesmo que nelas existam muitas semelhanças nas narrativas e memórias evocadas pelos entrevistados, cada indivíduo confere à sua narrativa uma série de categorias – suas próprias bagagens memoriais, interpretações e experiências vividas com os sujeitos – que estão atreladas às narrativas, servindo para mediar os processos memoriais. Assim, “recordar, assim como esquecer, é, portanto, operar uma classificação de acordo com as modalidades históricas, culturais, sociais, mas também bastante idiossincráticas” (CANDAU, 2012, p. 84).

Neste capítulo foi possível verificar como foi a primeira parte da trajetória de vida destes vestígios, como eles foram utilizados pela sua proprietária, o que representavam para ela e o que eles representam para os entrevistados hoje. A partir deste momento buscaremos, então, compreender a continuação da trajetória de vida destes objetos, suas outras funções e o aspecto patrimonial e museal que carregam consigo.

## Capítulo III

### Pontes que levam ao patrimônio: a patrimonialização dos objetos de Lyuba Duprat

*Esta chama dentro de cada um, despertada por um simples olhar para dentro do próprio ser: existe algo mais aquecedor? Trata-se de uma chama interna contida em tudo aquilo que nos faz parte, que contém um pouco de nós; aquilo que aquece o coração e por isso chamamos de patrimônio (SOARES; SCHEINER, 2010, p. 18).*

O terceiro capítulo apresenta o encerramento de um ciclo e o começo de outro – aquele que aponta para uma nova “vida” dos objetos (DEBARY, 2010). Analisaremos os processos de musealização e patrimonialização dos objetos de Lyuba Duprat. As instituições que hoje salvaguardam parte dos vestígios materiais que pertenceram a Lyuba serão analisadas separadamente, com o objetivo de entender as formas de preservação e o processo de transformação de objetos pessoais em acervos no interior de cada instituição.

A relevância em acompanhar e interpretar a trajetória dos objetos é salientada por José Reginaldo Gonçalves (2009) ao afirmar que, tendo em vista a grande circulação que os objetos têm na vida social, é importante acompanhar e descrever analiticamente os seus deslocamentos, trajetórias, transformações e reclassificações sociais.

[...] acompanhar o deslocamento dos objetos ao longo das fronteiras que delimitam esse contexto é, em grande parte, entender a própria dinâmica da vida social e cultural, seus conflitos, ambiguidades e paradoxos, assim como seus efeitos na subjetividade individual e coletiva. (GONÇALVES, 2007, p. 15).

Acompanhar os objetos de Lyuba Duprat depois de seu falecimento permitiu “perceber os processos sociais e simbólicos por meio dos quais esses objetos vêm a ser transformados ou transfigurados em ícones legitimadores de ideias, valores e identidades assumidas por diversos grupos e categorias sociais” (GONÇALVES, 2007, p. 24). Conforme salientado anteriormente, uma parcela dos objetos que compunham o sistema material de Lyuba Duprat foi doada para o Museu da Cidade do Rio Grande, um espaço dedicado a salvaguardar a memória e história da cidade.

Segundo Maria Cristina Bruno, os museus podem ser caracterizados como espaços onde a sociedade, ao longo da história, buscou proteger e ancorar suas referências culturais, “os seus ancoradouros para os indicadores de suas memórias e, sobretudo, o cenário que ampara e contextualiza os seus valores, apresenta as suas manifestações de poder e divulga suas conquistas e dramas culturais” (BRUNO, 2009, p. 16). Apesar de o conceito de museu e suas funções estarem em contínua transformação e adaptação aos questionamentos do presente, os museus podem ser entendidos como locais que representam a humanidade na sua passagem pelo tempo, seus vestígios materiais, suas culturas e suas identidades. Para Bruno Soares e Tereza Scheiner (2010), os museus são espaços que transmitem e, ao mesmo tempo, discutem os conceitos de patrimônio, memória e identidade. Para os autores, o museu também pode ser visto como um espelho, uma representação tanto de si quanto do outro, de um exercício de alteridade (SOARES; SCHEINER, 2010).

Os espaços museológicos sofreram crescimento e expansão nas últimas décadas, ao redor do mundo. Poulot (2013) e Candau (2012) demonstram como a busca memorial e patrimonial se manifesta na criação quase incessante de museus, de todos os tipos, em quase todos os locais do mundo. Os museus, como representação dos sujeitos, acabam criando “metáforas do mundo, refletem as pessoas naquilo que lhes é mais caro” (SOARES; SCHEINER, 2010, p. 15). Segundo Poulot, vivemos um “desejo de museu” (2013, p. 103), em que o colecionismo é permeado por uma busca de

musealização, ou seja, um desejo de atribuir o caráter museal às coisas materiais e imateriais.

Os museus enquanto espaços de memória infundem sobre os objetos uma função social, um significado e um sentido distinto do que possuíam originalmente. Quando eles saem do seu espaço de origem (no caso de Lyuba Duprat, a casa) e passam a pertencer a instituições memoriais/patrimoniais, é inevitável que se altere seu *status* e funcionalidade, visto que os objetos estão ali como representativos de alguém ou de um grupo de pessoas que se entende merecedor de ser lembrado dentro das instituições museais, conforme se lê:

[...] as coleções museológicas nos sugerem indícios sobre as relações existentes entre a construção de formas de representação de temáticas e sujeitos e a formação de acervos de cultura material, a partir do momento em que concebemos como um processo social e atribuição de determinados significados, que ocorre desde a seleção de objetos até a construção de discursos sobre a cultura material enquanto patrimônio cultural digno de ser preservado no espaço museal (GOMES; OLIVEIRA, 2010, p. 44).

Como destaca a historiadora Zita Possamai (2001), quando o objeto dá entrada em um museu, passa por um processo que o diferencia dos objetos que estão fora do museu. Os museus, de acordo com Octave Debary (2010), dão às coisas uma segunda chance, uma segunda vida, pois talvez a maioria dos objetos, se não estivessem dentro de acervos, seriam descartados ou acomodados em lugares “sem vida”, em silêncio e sem utilidade. Em sintonia com Debary, Joaquim Pais de Brito (2010) sustenta que quando o objeto é doado para o museu, ele recebe uma “nova vida”, e nesse momento ele permite entender não só sobre o seu ciclo de vida material, mas o das pessoas, grupos, tempos e espaços a que pertenceu.

Abraham Moles afirma: “por definição, todo museu efetua uma seleção no mundo dos objetos, senão ele seria levado a admitir que o *mundo* é o *museu* dele próprio [...], isto é, seria negar a sua própria existência” (MOLES, 1981, p. 75). Nesse caso, o autor aponta para a reflexão da problemática

de atribuir tudo, sem distinção, aos museus. Cabe salientar que apesar de, atualmente, tudo ter a potencialidade de se tornar um objeto musealizado e patrimonializado, nem todos o são. A escolha do que vai adquirir o caráter museológico passa por uma seleção prévia, uma atribuição de significado, baseada em questões individuais e coletivas, que forma o olhar museal e identifica: isso é digno de museu. Uma peça passa, então, pela seleção e atribuição do doador, seja este um indivíduo único ou motivado por um grupo, e, posteriormente, pelo museu enquanto instituição gerida por pessoas. Cabe salientar que não se trata de um exercício automático: ao serem identificados pela pessoa que doa um objeto ao museu, não necessariamente torna-se aquele objeto um acervo do museu. Na maioria das vezes, seguindo as diretrizes museológicas, os museus possuem comissões de avaliação de acervo, que decidem se uma peça será ou não incluída em suas coleções e, assim, musealizada.

A musealização se resume em um “processo (ou conjunto de processos) por meio dos quais alguns objetos são privados de sua função original e, uma vez revestidos de novos significados, adquirem a função de documento” (MATHEUS LOUREIRO, 2013, p. 11). O museólogo Bruno Brulon, em seu artigo “Passagens da museologia: a musealização como caminho”, apresenta a construção do conceito musealização e as etapas que compõem esse processo. Para o autor, “musealizar é mudar algo de lugar; às vezes no sentido físico, mas sempre no sentido simbólico. É recolocar, ou dispor para revalorizar. Reordenar, sem a perda de sentidos, mas visando a aquisição de informação ou de sua potencialidade” (BRULON, 2018, p. 190). O autor, ao analisar o surgimento do conceito através dos estudos de Stránský, Peter Van Mensch e outros teóricos da Museologia, como a brasileira Marília Xavier Cury, propõe que a musealização difere da patrimonialização – não são sinônimos.

[...] enquanto a patrimonialização, expressão demasiado vaga, designa um tipo de preservação passiva, a musealização, ao contrário, dependeria de uma abordagem ativa, que perpassa três ramificações previstas na teoria da

Museologia proposta pelo autor: a seleção, a tesauroização e a comunicação (BRULON, 2018, p. 196).

Nesse caso, para o autor, citando Marília Cury, a musealização como um processo de valorização dos objetos passa por quatro momentos: 1) seleção 2) inserção no museu 3) seleção para exposição e 4) comunicação (BRULON, 2018). O autor demonstra a construção do conceito de musealização no campo da Museologia, e afirma que tal processo é contínuo, pois ao ser musealizado o objeto está em um ciclo eterno de interpretação, comunicação, pesquisa, documentação, sujeito a mudança e alteração de significados. Como aponta o autor, uma das etapas contínuas da musealização é a pesquisa (BRULON, 2018), assim como a conservação e comunicação fazem parte de toda a vida da peça ao estar no museu.

A pesquisa nos acervos museológicos contribui na concretização do museu enquanto espaço de diálogo e conhecimento dinâmico, que não está nunca completamente concluído, pois há sempre uma nova visão sobre uma peça. Os museus são espaços, portanto, que permitem a troca de informações, sentimentos, significados e valores entre os indivíduos e o acervo museológico. Baseada no conceito de Pomian, a autora Letícia Julião entende que os objetos passam a se comunicar quando são inseridos dentro dos espaços museológicos: “[...] o invisível comunicado pelos objetos pode se referir às mais diversas entidades: antepassados, deuses, mortos, homens, acontecimentos, circunstâncias, eternidades” (JULIÃO, 2006, p. 102). Para a autora, a pesquisa histórica dentro do museu é de suma importância para o bom funcionamento da instituição e gerência do acervo, pois através da pesquisa é possível compreender muito mais do que sua funcionalidade. Julião afirma que

[...] os objetos adquirem o caráter de documento somente no momento em que o homem sujeito que conhece, lhes atribui esse valor. Nesse processo, os museus constituem o espaço, por excelência, no qual se institucionaliza a transformação dos objetos em documentos e bens culturais (JULIÃO, 2006, p. 99).

Para Pomian (1984), o objeto que está dentro de um museu é destituído de suas funções originais e de suas atividades econômicas, para locais fechados, expostos ao público, recebendo cuidados especiais para a sua conservação – funções que fazem dele também uma relíquia. “Logo, pode-se afirmar que os objetos que se tornam peças de museu têm um valor de troca sem terem um valor de uso” (POMIAN, 1984, p. 54). Segundo Gonçalves (2007), ao serem vistos enquanto patrimônios culturais, os objetos passam a fazer parte de um cenário que nos inventa, representa e cria conexões entre os grupos sociais, suas histórias e identidades (GONÇALVES, 2007, p. 29).

A musealização possibilita, também, não só o contato entre os sujeitos e os vestígios materiais, mas também as pesquisas que buscam entender essa relação com a cultura material, as representações simbólicas, e tratar o objeto e demais tipologias de acervo como documento (SANTOS, 2012, p. 51). Nesse caso, a musealização dos objetos permitiu conhecer sobre a sua trajetória biográfica, conforme aponta Kopytoff (2008), e também a relação que parte do público tem com tais objetos expostos.

## **Museu da Cidade do Rio Grande**

O Museu da Cidade do Rio Grande (MCRG) está localizado em uma parte do antigo prédio da Alfândega da cidade de Rio Grande, tendo sido fundado em 1984, mas seu projeto de criação data de 1971 (ANJOS, 2012, p. 16). O Museu foi fundado e é mantido pela Fundação Cidade do Rio Grande (FCRG)<sup>26</sup> e inicialmente contou com o apoio de outras

---

<sup>26</sup> Fundação Cidade do Rio Grande foi criada em 1953 por um grupo de engenheiros e outros profissionais que tinham como principal objetivo a criação de uma Escola de Engenharia. Segundo Anjos (2012, p. 19), em 1953 a Fundação contava com oito instituidores: Prefeitura Municipal do Rio Grande, Ipiranga S/A Cia. Brasileira de Petróleos, Cia. União Fabril e Cia. Fiação e Tecelagem Rio Grande, Câmara de Comércio da Cidade do Rio Grande, Luiz Loréa S/A Comércio e Indústria, Abadalla Nader e Cunha Amaral e Cia. Ltda.

instituições – o Executivo Municipal, a Mitra Diocesana e as Empresas Petróleo Ipiranga, além da Superintendência da Receita Federal (ANJOS, 2012).

Na dissertação de mestrado em Geografia intitulada *Acervo e sociedade: Museu da Cidade do Rio Grande – RS*, Danielle Manczak dos Anjos apresenta e analisa dois documentos do momento de criação do museu nos quais fica evidenciado que

[...] a principal missão da instituição seria a de salvaguardar a história da cidade, a história da indústria, do comércio, das realizações públicas, das lutas para conter as invasões, da navegação, da pesca, dos jornais, da fotografia, da telefonia, dos clubes sociais, das artes, das famílias etc. [...]. (ANJOS, 2012, p. 22)

Assim, o Museu da Cidade do Rio Grande se constituiu a partir de um discurso museológico baseado no interesse de quem o criou, ou administra, e que é expresso através de suas exposições e demais formas de comunicação entre museu e público. Portanto, a seleção dos objetos que pertencerão ou não ao acervo está calcada na missão institucional e no discurso de cada instituição. O MCRG possui duas coleções: Coleção Histórica (onde estão localizados os objetos de Lyuba Duprat) e Coleção Sacra. A primeira fica localizada no prédio da Alfândega e a segunda na Capela São Francisco de Assis. A justificativa da divisão do acervo em duas coleções baseia-se, segundo Anjos, nos objetos

[...] que faziam parte de um cotidiano, mas que geraram uma biografia de si próprios e, quando entraram no acervo do museu, tomaram uma nova roupagem, agora não mais como meros objetos, mas sim como acervo, onde através de sua biografia poderíamos prospectar sua função posterior (ANJOS, 2012, p. 88).

Nesta citação notamos que a própria autora, ao falar da constituição do acervo, chama a atenção para os objetos que anteriormente faziam parte de um cotidiano: eles agora

“não são mais meros objetos”, mas através de sua trajetória é possível compreender mais sobre eles e os sujeitos envolvidos. Outra informação importante no trecho é que a grande maioria dos objetos que foram doados ao MCRG pertenceram ou foram doados pela aristocracia da cidade (ANJOS, 2012, p. 88-91) – eles mostram o cotidiano de famílias tradicionais e mais abastadas<sup>27</sup>.

Tendo em vista a teoria e os conceitos apresentados por Ulpiano Bezerra de Meneses, no artigo sobre a constituição de um museu da cidade ideal, os objetos que pertenceram a Lyuba Duprat – testemunhos de uma vida doméstica que evidenciam o cotidiano feminino ligado aos rituais de beleza e vestimenta da professora –, se adequariam à categoria chamada por ele de “habitação”, na qual, para o autor, estariam todos aqueles objetos que atestam o jeito de morar, de viver da cidade, eletrodomésticos, portas, janelas, móveis que mostram os gostos, preferências locais e influências culturais (MENESES, 1984, p. 202).

Nesse caso, é possível, portanto, que a aceitação da doação dos objetos de Lyuba e sua inclusão no acervo do MCRG esteja baseada nesse entendimento: testemunhos de uma vida doméstica e de uma forma de viver e morar, bem como representativos de uma família tradicional e de uma personagem conhecida na história local. Conforme destaca Danielle dos Anjos (2012), a maioria dos objetos do museu foi adquirida sob a forma de doação das famílias locais – que levavam seus objetos até as dependências dos museus para que fosse firmada a doação. Assim constituiu-se o acervo e a organização no Museu da Cidade do Rio Grande, “montado aos poucos: fotografias, documentos, objetos de cunho pessoal, de maquinaria, entre tantos outros que faziam parte do cotidiano da população. O acervo foi trazendo à tona a memória da cidade retratada nesses objetos doados” (ANJOS, 2012, p. 90). Os objetos de Lyuba Duprat, professora

---

<sup>27</sup> Em 2014 o cenário era diferente, e as políticas do Museu desde então buscam suprir e preencher as lacunas deixadas pela composição do acervo com exposições e demais atividades que insiram os demais grupos locais no Museu, dando conta da variedade identitária e étnica local.

local renomada e singular, por fazerem parte do seu cotidiano, mostram, de certa maneira, como ela e o grupo ao qual ela pertencia se inserem nesse contexto.

Os objetos de Lyuba Duprat foram doados ao Museu da Cidade do Rio Grande após a sua morte pelos seus inventariantes, Ricardo Soler e Ilza Rodrigues. Os detalhes sobre o processo de doação e repasse para o museu foram obtidos através das entrevistas realizadas durante a pesquisa com Ricardo Soler, que afirma ter sido o autor, junto com a senhora Ilza Rodrigues, da iniciativa de enviar alguns objetos para o Museu. Segundo ele, frente à quantidade de coisas que Lyuba possuía em sua casa e algumas para eles com grande valor histórico, monetário e também afetivo, concluíram que o melhor destino para parte daquele espólio seria a doação para o Museu.

Ricardo informou que a direção do Museu, na época, foi contatada e mobilizada para que, junto com os inventariantes, fizessem a triagem de quais objetos interessariam à instituição museal. Dentro desse grupo de materiais que saíram da casa de Lyuba e foram para o Museu local, encontra-se grande variedade de tipologias: móveis, objetos decorativos, objetos de higiene, utilitários domésticos, indumentária, documentos, entre outros.

Quando perguntamos se em algum momento Lyuba mencionou o desejo de que seus objetos fossem doados para o MCRG, Ricardo respondeu imediatamente que não, nunca falou sobre isso. A vontade, segundo ele, surgiu mesmo dos inventariantes enquanto lidavam com a grande quantidade de bens deixados pela professora depois do falecimento: “[...] então, um lugar que a gente pensou que preservaria a memória dela, porque eu acho que ela foi uma figura histórica, seria o museu, por isso que nós resolvemos doar para lá”. Esta frase traduz a vontade e o desejo de preservação da memória de Lyuba Duprat por parte dos inventariantes e que é oficializada quando seus bens são aceitos e catalogados dentro do Museu. A preservação de seus objetos no MCRG indica a preservação de uma memória, de um discurso e também de alguns esquecimentos, como qualquer processo

de patrimonialização. Indica também a importância que ela tinha para as pessoas próximas a ela, principalmente seus inventariantes, como eles a viam não só pessoalmente, mas dentro do cenário local da cidade, entendendo-a como sendo importante, uma figura histórica rio-grandina.

No processo de seleção “do que vai e do que fica”, temos uma triagem, uma ressonância (GONÇALVES, 2013; GUTERRES, 2013). Lê-se de Anelise Guterres no seu texto “A morada e a casa: materialidade e memória no processo de construção do patrimônio familiar”, o caso de duas matriarcas que, por serem identificadas e cumprirem o papel de “guardiãs da memória” das famílias, ficaram responsáveis por selecionar o que deveria ser preservado ou descartado no momento de mudança para uma nova casa:

[...] a materialidade da casa e os objetos nela guardados carregavam essas histórias. As lembranças evocadas por eles foram construídas sobre um novo arranjo no processo de mudança da casa. A partir dela as relações familiares foram ressignificadas e organizadas numa nova narrativa. (GUTERRES, 2013, p. 280).

Tanto nas mudanças de casa, quanto nos levantamentos, inventários e seleções *post-mortem*, esse processo de reconhecimento do que vai ser mantido e guardado é primordial para a construção de um patrimônio de uma memória familiar, onde a dicotomia entre o lembrar e o esquecer estão presentes. Já exposto anteriormente, o relato do arqueólogo Artur Barcelos apresenta o caráter representativo e memorial dos objetos no momento do luto. Eles passam a representar a pessoa em si, seus hábitos e costumes, sua vida na não ausência dela. Mas nem sempre a seleção de preservação dos objetos está permeada de lembranças, mas também de esquecimentos e silêncios. Para Janine Rossato, a memória e o esquecimento são conceitos que vivem juntos (2011, p. 20), os dois são a base para a busca de uma preservação patrimonial e memorial das coisas ao nosso redor. Para a autora, evitar a destruição da memória através da patrimonialização é, automaticamente, buscar preservar quem

somos e as nossas referências culturais e identitárias (ROSSATO, 2011). Nesse sentido, a busca pela preservação da memória de Lyuba Duprat através da transferência de seus pertences para locais como o Museu da Cidade do Rio Grande exemplifica as formas de política e seleção da memória, que são inerentes em todas as ações patrimoniais.

A vontade de preservação de uma memória é intrínseca no processo de patrimonialização e musealização. É esse sentimento que faz com que busquemos uma patrimonialização geral das coisas, fenômeno estudado e analisado por Dominique Poulot, Joël Candau e outros. Candau defende a construção de “casas de memórias” (CANDAU, 2006), relacionadas à vontade de conservar e de guardar na memória as experiências humanas, onde existe o pensamento de herança, de transmissão da “representação do passado e o legado para gerações futuras” (CANDAU, 2006, p. 95). As casas de memória, para Candau, seriam os espaços onde há o intuito de transmitir memórias, de herança cultural e memorial e, assim, acabam também funcionando como sociotransmissores.

Convém lembrar a análise feita por Zita Possamai (2001) sobre os motivos que levam as pessoas a doar objetos para os museus, utilizando o Museu de Porto Alegre como estudo. A autora diz que a motivação da doação não é homogênea em todos os doadores, e que é difícil colocá-los como um grupo coeso que compreende aqueles objetos como de “grande valor”, seja sentimental, histórico ou monetário. É possível que alguns deles, conforme concluiu a autora, sejam levados até as instituições museológicas após uma limpeza de cômodos, de esvaziamento daquilo que não é mais útil. Para estes, o museu funciona como uma espécie de depósito para “coisas velhas”, que em algumas ocasiões não são reconhecidas pelo doador como importantes, apenas como antigas. Por outro lado, há aqueles que identificam o museu e aquilo que pretendem doar, com uma carga simbólica e memorial forte, e pretendem preservar através da inserção no museu a sua história ou de outra pessoa, perpetuar para as outras gerações por atribuírem sentido, afeto e valor de

reliquia àquele objeto.

A contribuição do trabalho de Possamai está calcada, principalmente, na desconstrução de pressupostos de que todos os objetos são levados para os museus com a mesma intenção: identificação de um patrimônio, de um objeto memorial e afetivo, de uma relíquia. A autora não só demonstrou que essa ideia não é compartilhada por todos os doadores, como também argumenta que cabe à instituição museológica fazer a segunda seleção, interpretar aquela peça e incluí-la, ou não, em seu acervo. Para isso, é preciso que o museu tenha bem delineada a sua missão e um Programa de Aquisição e Descarte. No caso dos objetos de Lyuba Duprat no MCRG e seus doadores, percebemos que há uma concordância no discurso de Ricardo Soler e na proposta do Museu, ambos (doadores e instituição) identificam nos objetos de Lyuba aspectos memoriais, históricos – e também afetivos – e decidem coletivamente quais peças serão incluídas no acervo.

Ao dar entrada no Museu, entre 1994-1995, esses objetos receberam uma ficha catalográfica, em que deveriam constar informações básicas e detalhadas sobre a peça. A ficha pode ser comparada a uma certidão de nascimento – é ela que fornece para a Instituição e os pesquisadores os dados básicos referentes àquele material catalogado, por isso a precisão das informações é tão importante; além disso, é um dos documentos que confirma a posse e a existência da peça no Museu, “[...] contribuindo também, no caso dos museus, para a preservação da memória coletiva da sociedade, já que a disseminação dessa memória contribui de forma efetiva para sua preservação” (YASSUDA, 2009, p. 47).

A ficha de uma peça é um dos atributos da documentação museológica, área da museologia que busca compreender e dinamizar a organização e sistematização de informações dos museus e de seus acervos. Segundo Rosana Nascimento (1994), a documentação em museus foi baseada em técnicas e princípios da Biblioteconomia: “[...] de forma geral a documentação é conceituada como um conjunto de técnicas necessárias para a organização, informação e a apresentação dos conhecimentos registrados, de tal modo que

tornem os documentos acessíveis e úteis” (NASCIMENTO, 1994, p. 32). Ao compreender a ficha enquanto documento primário de identificação e documentação da peça, as informações ali presentes são fundamentais para a sua identificação dentro do museu e para sua comunicação. Sem informação, um objeto pode ficar “perdido”, desconexo do seu contexto e de toda a sua trajetória. O fenômeno da dissociação de informação é um dos percalços museológicos que deve ser ao máximo evitado, tal como apresentam os manuais de gestão e planejamento museológico. Abraham Moles, em seu texto “Objeto e comunicação”, apresenta um exemplo de ficha catalográfica do Museu Bucareste. Para ele, a ficha utilizada no museu evidencia “[...] a função do objeto no interior do museu referido, em uma passagem para a estética” (MOLES, 1972, p. 30).

É através da ficha catalográfica que tanto o museu quanto o pesquisador podem acessar a biografia cultural dos objetos, ou indícios dela. Entretanto, uma ficha catalográfica completa em todos os campos não é uma tarefa fácil de realizar e, infelizmente, não condiz com a realidade de muitos museus. Ao considerarmos o estado dos estabelecimentos, o número de funcionários e a precariedade estrutural de muitos museus brasileiros, a exigência de uma ficha completa ou até mesmo com dados básicos torna-se ainda mais difícil.

No caso do Museu da Cidade do Rio Grande, as fichas eram preenchidas à mão por funcionários ou estagiários e algumas vezes escritas bem posteriormente à conclusão da doação, dificultando o compilamento de informações concisas e um preenchimento padrão. Por isso, nem todos os objetos que pertenceram a Lyuba Duprat possuem essa informação na sua ficha, alguns possuem apenas os nomes dos doadores e inventariantes e, assim, por conhecimento dos funcionários do museu é que se chega ao nome de Lyuba Duprat, pela via dos seus inventariantes. Essa ausência de documentação é identificada por Nascimento (1994) como problemática não só por ser ponto fundamental e primordial do processo museológico e legal, mas por criar empecilhos informativos à comunicação da peça. É preciso que a documentação das

peças compreenda e englobe informações contextuais, buscando “ultrapassar o simples ato de coletar informações que nada comunicam” (NASCIMENTO, 1994, p. 31). Nesse caso, as pesquisas históricas, antropológicas e interdisciplinares nos acervos contribuem para uma documentação mais completa que transcenda aspectos materiais e, assim, uma melhor comunicação do acervo.

No que tange aos objetos de Lyuba Duprat no Museu da Cidade do Rio Grande, sem considerar o desmembramento das peças, que seria basicamente conjuntos que podem ser desmontados da parte principal e todo o seu conjunto (exemplo: perfume, tampa do perfume e caixa do perfume), o Museu possuía em 2013 cerca de 70 objetos de menor dimensão identificados como sendo da professora de francês, sem considerar os móveis. Esse número está baseado nas informações que a instituição apresentava até o início de 2013 quando se iniciou esta pesquisa. Esses objetos foram identificados através da ficha catalográfica, tanto em suporte de papel quanto em planilha digital<sup>28</sup>.

É preciso relembrar que a seleção de quais objetos seriam utilizados na pesquisa foi norteadada por duas circunstâncias: 1) naquele momento o Museu encontrava-se fechado ao público e com parte de suas atividades restritas, em decorrência das reformas e remodelação do prédio e das exposições; 2) dentro do processo de remodelação do espaço museológico, a equipe também estava no início do processo de revisão do acervo, de sua documentação e criação de um

---

<sup>28</sup> O processo de identificação e reorganização estava sendo realizado pela equipe técnica do museu durante esta pesquisa (2013 – 2015). Todos os materiais de ambas as coleções (Histórica e Sacra) estão sendo revisados numericamente, fotografados e recebendo uma ficha digital em um banco de dados. Conforme foi dito nos capítulos anteriores, os objetos utilizados na pesquisa e nas entrevistas foram aqueles que durante esse processo de reorganização do acervo já haviam sido catalogados e fotografados pelos funcionários da instituição. Essas fotografias foram disponibilizadas gentilmente pela equipe do Museu para a realização desta pesquisa. Não foi possível utilizar os demais objetos, pois atrapalharia o processo de catalogação do Museu, principalmente porque o Museu estava fechado para reformas no momento da pesquisa. Reinaugurado em 2016.

Banco de Dados, e apenas uma pequena parcela das peças estavam catalogadas e fotografadas. Foram estas peças, já identificadas, catalogadas e fotografadas, que utilizamos para a pesquisa e durante as entrevistas. As fotografias foram feitas dentro do Museu, com o intuito de registrar cada detalhe da peça, de vários ângulos, para que no Banco de Dados da instituição seja possível saber qual o seu estado de conservação e se há ou não algum dano no material.

Dentre os pertences de Lyuba Duprat que estão no museu, dos quais não havia fotografias até a conclusão desta pesquisa, em 2015, destacam-se: chaleira, açucareiro, pratos de porcelana, passaportes, cartas, botas de cavalgar, balança para pesar cartas, bengala, vidro de perfume, armário de madeira e cadeira de balanço. Entretanto, salientamos ser possível que outras peças, além das utilizadas nas entrevistas e aqui referidas, estejam no acervo do MCRG; entretanto, levando em consideração o momento de início e encerramento da pesquisa e a realidade do Museu à época, elas não foram utilizadas.

As fotografias das peças de Lyuba no Museu foram realizadas com o intuito, conforme já salientado, de documentar a materialidade do objeto em todos os seus detalhes. Após a medição, higienização e preenchimento de informações ausentes na sua ficha, a peça é colocada em uma superfície de fundo branco, juntamente com o seu número de identificação, e fotografada em diferentes ângulos. Todo o registro e catalogação que o acervo museológico sofre quando dá entrada na instituição, segundo Zita Possamai, fazem dele uma peça de museu e “marcam a mudança do estatuto do objeto comum como peça do museu [...] ele passa a ser inviolável, intocável e, por isso, sagrado” (POSSAMAI, 2001, p. 9).

No momento de conclusão da pesquisa (2015), os objetos de Lyuba encontravam-se na Reserva Técnica do Museu, portanto restritos ao acesso do público, principalmente porque a instituição estava fechada para reforma. A reserva técnica é o local onde as peças do acervo são acondicionadas de forma organizada, buscando respeitar normas e diretrizes da conservação das peças e da peculiaridade de cada

material. Segundo Bachettini, Primon e Gastaud (2015), as reservas técnicas são importantes não só por armazenarem grande parte do acervo e “tesouro” dos museus que não estão em exposição, mas por apresentarem as formas de preservação e cuidado que as instituições têm com seus acervos.

Realizar pesquisas e outras atividades com peças que estão dentro da reserva possibilita uma maior dinâmica e movimentação do acervo, bem como o preenchimento de lacunas de informação. A disponibilização das fotografias das peças de Lyuba Duprat do Museu pode ser compreendida como uma forma de comunicação e cumprimento de atividades museológicas, mesmo que o museu estivesse fechado. Nesse caso, a investigação de objetos que ainda não foram expostos ao público pode realizar essa mediação. Através da pesquisa e de seus resultados, o público pode ter acesso a uma peça que está fora de circulação no museu temporariamente ou, ainda, estar acessível para pessoas que não teriam condições de visitar o museu *in loco*.

Entretanto, com a reabertura da Coleção Histórica do Museu da Cidade do Rio Grande, em 2016, alguns objetos que pertenceram a Lyuba Duprat utilizados nesta pesquisa, e outros que ainda não haviam sido fotografados, hoje fazem parte da exposição do Museu, como é o caso da sua cadeira de balanço, muito lembrada pelos entrevistados e também presente em algumas das fotografias de Lyuba Duprat.

É a partir dessa perspectiva que podemos compreender a contribuição das narrativas dos entrevistados também para o Museu da Cidade do Rio Grande. Elas, juntamente com esta pesquisa, possibilitam ao Museu obter informações inexistentes até o momento e que podem ser utilizadas futuramente em atividades que envolvam as peças estudadas, ou os demais objetos de Lyuba Duprat salvaguardados na instituição. Além disso, é possível criar uma rede de assuntos, pessoas e lugares que ultrapassam a personagem estudada nesta pesquisa, mas estabelecendo ligações que tangenciam a influência francesa na cidade do Rio Grande e no Brasil, de maneira geral, nos costumes e hábitos do século XX; sobre a história da educação na cidade, principalmente sobre o ensino

particular e da língua francesa, vestígios materiais e fotográficos que apontam para outros fatores não abordados nesta pesquisa, mas que podem incentivar trabalhos futuros.

A compreensão do processo de musealização dos objetos de Lyuba Duprat no MCRG apontou também para as motivações primárias dos doadores e da própria instituição. Iniciando pela identificação por parte dos inventariantes e doadores da professora como digna de ser musealizada, até a escolha das peças que a representariam dentro do Museu, passando por último pela seleção da instituição.

### ***Salle de Documentation Lyuba Duprat***

Criada um ano após o falecimento da professora homenageada, a *Salle de Documentation*<sup>29</sup> Lyuba Duprat salvaguarda alguns dos objetos que pertenceram à professora. A ideia da criação da sala surgiu logo após o óbito de Lyuba, e os responsáveis pela criação mantiveram sob sua responsabilidade os objetos que fariam parte desse acervo. A idealizadora do projeto e coordenadora por vários anos do espaço foi a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Nubia Hanciau, também entrevistada nesta pesquisa, e através das conversas oriundas dos encontros com a professora é que foi coletada a maioria das informações aqui apresentadas.

O principal objetivo em analisar a *Salle* está baseado no fato de este ser mais um dos espaços onde a memória de Lyuba Duprat está representada e musealizada através de seus objetos e fotografias. Entretanto, diferentemente do Museu da Cidade do Rio Grande, a *Salle* apresenta algumas peculiaridades passíveis de investigação, principalmente por ser um espaço oriundo do desejo de homenagear e preservar o legado de Lyuba, tal como aponta o documento de criação da sala, datado de 31 de maio de 1995, direcionado ao diretor do Departamento de Letras e Artes:

---

<sup>29</sup> Até a conclusão deste livro (maio de 2019) a sala era coordenada pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Kelley Duarte; com ela trabalham alguns bolsistas estudantes do curso de Francês da mesma Universidade. O horário de funcionamento pode ser encontrado na porta de entrada e é feito um agendamento especial para aqueles que desejam fazer pesquisas contínuas.

**Com o objetivo de impedir o esquecimento e de perpetuar a memória da Professora Lyuba Duprat**, cuja importância no ensino da língua francesa foi reconhecida em âmbito internacional (Palmes Académiques), nacional e local [...], os professores de francês propõem ao colegiado do DLA a instalação de uma sala de documentação situada no espaço físico desse departamento. A referida sala, que dependerá apenas de um remanejamento entre os professores da área, terá o nome de *Salle de Documentation Lyuba Duprat*, e além de abrigar parte do acervo da emérita professora, doado a este departamento, reunirá outras doações ao setor francês (BÉLANGER *et al.*, 1995, s/ página – grifo nosso)<sup>30</sup>.

A criação da sala foi aprovada no colegiado do Departamento de Letras e Artes – DLA, conforme o regulamento da Universidade, e posteriormente, analisada e aprovada pelo Conselho Universitário (CONSUN). Nesse documento também consta a intenção de que a sala seja inaugurada no “dia 17 de outubro do corrente ano, data do primeiro aniversário da morte desta professora modelar, reconhecida internacionalmente” (Of. DLA n.º 081/95). Posteriormente, o relatório do processo da Câmara do CONSUN relata a aprovação da criação da *Salle* e a ata do mesmo conselho, número 237, no parecer número 10/95 da 1ª Câmara, traz a seguinte observação:

A Relatora, Cons.<sup>a</sup> Eva Lizety, pelo fato de a Prof.<sup>a</sup> Lyuba já ter recebido, por aprovação deste mesmo Conselho, o título de Professora *Honoris Causa*, considerou desnecessário o acréscimo de informações sobre sua pessoa, **publicamente reconhecida como digna das maiores homenagens** (Ata n.º 237, 1995 – grifo nosso).

Sobre a homenagem prestada a Lyuba Duprat e o seu nome na *Salle de Documentation* da FURG, é interessante

---

<sup>30</sup> São autores e signatários do documento referido os seguintes professores: Alain Bélanger, Mariza Zanini, Normélia Parise, Nubia Hanciau e Sylvie Dion. Dessa forma, são estes os nomes conhecidos e presentes no documento que mostra a intenção de criação da *Salle de Documentation Lyuba Duprat* na FURG.

refletir a respeito da importância do nome em circunstâncias como a trazida aqui e da relação entre nome, memória, identidade e homenagem. Para o antropólogo Joël Candau (2012), colocar o nome de alguém nesses lugares pode ser um exemplo de dever de memória. Dever de memória que, para Paul Ricoeur (2007), é onde a memória, o patrimônio e a identidade trabalham em conjunto para evitar o esquecimento; dizer “você deve lembrar, é o mesmo que dizer você não deve esquecer” (RICOEUR, 2007, p. 100). Além disso, sobre a escolha do nome para os locais que buscam a preservação da memória de alguém, afirma Candau:

[...] em todos os casos a nomeação, a memória e a identidade estabelecem relações muito fortes. Todo dever de memória passa em primeiro lugar pela restituição de nomes próprios. Apagar o nome de uma pessoa de sua memória é negar sua existência; reencontrar o nome de uma vítima é retirá-la do esquecimento, fazê-la renascer e reconhecê-la, conferindo-lhe um rosto, uma identidade (CANDAU, 2012, p. 68).

Nesse caso, as escolhas que acompanharam, desde o princípio, o surgimento e concretização da *Salle* apresentam fortes indícios de memória, apontando para um dever de memória, um desejo de preservação e homenagem e um reconhecimento dentro do espaço universitário para uma professora que atuava no âmbito particular e privado. Cabe salientarmos que a criação do espaço era mais uma forma de reconhecimento à trajetória profissional e contribuição ao ensino e cultura de Lyuba Duprat, como a Universidade mesmo já havia reconhecido ao lhe conferir o título de Professora *Honoris Causa*. Além disso, segundo os relatos coletados durante a pesquisa, Lyuba havia lecionado a muitos dos professores que compunham, naquele momento, o quadro de professores não só do curso de Francês da Instituição, mas também de outros cursos, institutos e departamentos.

Para François Hartog, toda ação preservacionista está relacionada ao desejo de preservar, em um primeiro momento, algo para nós mesmos, para o momento presente e

também para as gerações futuras (HARTOG, 2006, p. 271). Nesse caso, corroborando as ideias do autor, podemos entender a criação da *Salle* como um desejo de preservar para a geração que conheceu Lyuba Duprat e com ela aprendeu, mas também o desejo de perpetuar sua memória através dessa homenagem. Ao aprovar a criação da *Salle de Documentation*, o Conselho Universitário, por meio da Resolução número 007/95, resolveu: “atribuir a uma sala do Departamento de Letras e Artes, destinada à guarda de doações da homenageada e de outros materiais pertinentes ao estudo da francofonia, o nome de *Salle de Documentation Lyuba Duprat*”.

Destaca-se que estão citados os objetivos de guarda de materiais da professora Lyuba e, principalmente, ser um espaço que incentive a pesquisa sobre a língua e cultura francesas – e isso pode ser percebido não só através da constituição do acervo, mas também pelas atividades e projetos exercidos no local. A coleção bibliográfica da sala, em grande parte, é formada por livros que pertenceram a Lyuba Duprat, inclusive algumas obras raras, e todos estes materiais são disponíveis para pesquisa e consulta do público.

Na abertura do espaço, a professora Nubia Hanciau presidiu a cerimônia (Figura 21) e proferiu um discurso, do qual alguns trechos são transcritos a seguir, a fim de continuar compreendendo e analisando a criação desse espaço:

**[...] Ao homenageá-la, mantendo viva sua memória e fazendo prosseguir sua história** com a inauguração desta sala, nossa proposta junto à FURG, além de mais uma vez **reconhecer seu mérito**, cria um espaço de informação, cultura e convívio para alunos, professores e comunidade em geral. **E, numa visão mais ampla, valoriza as mulheres professoras pioneiras. [...] Precursora, ousada e carismática em seu tempo, Lyuba não perdia oportunidade para muitas vezes radicalizar.** Ensinou Francês para crianças e diplomatas, sem negligenciar os conhecimentos de Cultura, Civilização e História da Arte, que se constituíam em contrato com a vida; e ela só deixou de cumpri-lo quando seu corpo e sua mente cessaram de

trabalhar e quando o coração, debilitado pela idade, não resistiu mais ao comando enérgico que ela sempre impôs diante da vida. [...] Disse Proust em *À sombra das raparigas em flor* que a maior parte da nossa memória está fora de nós, numa viração de chuva, num cheiro de quarto fechado, numa sala... em toda parte onde encontramos de nós mesmos o que a nossa inteligência desdenhara... A memória não é apenas uma das faculdades mais importantes do pensamento, ou a capacidade de lembrar. Ela mantém a unidade de nossa personalidade e, sobretudo, constitui-se em nossa história. (HANCIAU, Nubia. Homenagem a Lyuba Duprat, 17/10/1995, Universidade Federal do Rio Grande – FURG, grifo nosso)



Figura 21: Leitura de discurso da professora Nubia Hanciau, 1995.  
Fonte: *Salle de Documentation Lyuba Duprat*

Tabajara Almeida também participou da cerimônia lendo um texto de sua autoria:

[...] não sei se os anjos ficam lendo por cima do ombro da gente quando se escreve, mas sei certamente que comparecem às cerimônias que os homenageiam. Por isso resolvi ler esta carta. [...] Desculpe-nos pela traição de dar-lhe o nome de uma sala na Universidade, apesar de todas as suas recomendações contrárias. Com o tempo

aprendemos a entender suas negativas, que queriam dizer “sim, eu aceito, mas não foi por isso que eu fiz tudo que fiz. Que fique bem claro”. Nós a amamos, mande notícias. (ALMEIDA, 1995).

Aqui, os discursos também acabam funcionando como sociotransmissores (CANDAU, 2009), pois transmitem uma mensagem sobre a professora Lyuba. Tal mensagem é recebida pelos presentes à cerimônia (receptores) e, de certa forma, acaba abrangendo todos os objetos e atividades relacionadas à *Salle*. Os dois discursos, além de funcionar como propagadores de uma ideia, possivelmente contribuíram para a construção de uma memória coletiva relacionada à homenagem, principalmente pela presença das qualidades profissionais e pessoais da professora trazidas e propagadas pela oralidade. Pois, conforme propõe Halbwichs (1990), a memória individual é influenciada pelo coletivo e atualizamos nossa memória de acordo com o social, com o meio e com a visão dos outros sobre aquilo. Por mais que o conceito de memória coletiva seja complexo e revisado por pesquisadores da memória, sabemos que a memória individual é influenciada pelo meio e pelo coletivo, e, para que haja uma memória ou metamemória coletiva, a presença de sociotransmissores é de grande importância.

Todos os atos envolvendo a criação da *Salle de Documentation*, desde os motivos da criação, justificativas em atas e documentos, discursos, placas e exposição são atos de memória: “não existe um verdadeiro ato de memória que não esteja ancorado nos desafios identitários presentes” (CANDAU, 2012, p. 150). Assim, esse conjunto de ações demonstra, além da homenagem e comemoração, a possível existência de uma referência identitária por parte desse grupo de professores criadores da sala com o nome da professora Lyuba Duprat.

Após a abertura do espaço, a criação da *Salle* foi noticiada nos jornais locais – veículos que também atuaram reforçando a ideia de que a criação de um espaço como este fortalece e eterniza a memória e o nome da professora Lyuba. Na reportagem do *Diário Popular* de 30/06/1995, “*Furg cria*

*sala de documentação*”, encontramos frases que corroboram a ideia de que a sala é um espaço memorial: “a ideia é impedir o esquecimento e perpetuar a memória da professora Lyuba Duprat”. Nesse sentido, o próprio jornal atua como compartilhador desse discurso, fortalecendo e propagando os objetivos da sala. A *Salle de Documentation* Lyuba Duprat passa a ser, então, um lugar de homenagem e comemoração e cumpre também com o dever de memória.

É importante lembrar que a *Salle de Documentation* não é um museu. No entanto, passa a ser um espaço memorial e também patrimonial, atribuindo ao seu acervo outros sentidos, atuando como fortalecedor de um discurso e auxiliando em evitar o esquecimento da professora Duprat. O acervo é composto por livros, materiais didáticos e alguns objetos que eram do seu cotidiano profissional: cadeira, lupas, estante, canetas, cadernos, gravuras e outros. Desde o princípio muitos deles estavam organizados em forma de exposição, com legendas, textos informativos, fotografias e reportagens de jornais que apresentavam ao visitante um pouco da história da professora e de seus vestígios.

Até 2018 a *Salle de Documentation* Lyuba Duprat estava localizada no pavilhão anexo ao Instituto de Letras e Artes (ILA), antigo Departamento de Letras e Artes (DLA) da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). A porta de entrada da *Salle* recebia os seus visitantes e pesquisadores com um aviso e uma explicação sobre o espaço, além da placa que leva o nome da homenageada.

A presença do aviso é relevante, na medida em que contextualiza a criação do espaço e apresenta a homenageada àqueles que não a conheceram. Nesse caso percebemos que desde a recepção aos usuários da sala, o local está ligado à memória e homenagem da professora, principalmente neste trecho:

[...] trata-se de uma conquista de pessoas idealistas que buscam resgatar a memória dessa importante personalidade rio-grandina. Portanto, este espaço deve ser respeitado e preservado; assim, além de honrar a homenageada, seus benefícios atingirão a muitos por muito tempo. (Texto

localizado na porta da *Salle de Documentation* Lyuba Duprat em 2014)

O espaço estava aberto ao público em geral, mas seus usuários, segundo a equipe atual, são praticamente os estudantes dos cursos de Letras da FURG. Dentre a numerosa quantidade de livros que pertenceu à professora Lyuba, existe um livro em particular que é destacado tanto pela professora Nubia Hanciau quanto pela atual equipe que lá trabalha: *O Rei de Roma*, de Octave Aubry, traduzido por Lyuba e publicado em 1937. Na *Salle de Documentation* podemos encontrar o exemplar que pertenceu a ela com sua assinatura.



Figura 22: Folha de rosto do livro *O Rei de Roma*, traduzido por Lyuba Duprat.

Fonte: Foto da autora, 2014. Acervo da *Salle de Documentation* Lyuba Duprat

Também fazem parte do acervo bibliográfico da SLD obras doadas por outras instituições e também por pessoas como a senhora Heloísa Ayres Soares e José Jerônimo Soares Neto, que doaram livros em 2001. Além dos livros, destacam-se documentos importantes da vida da professora – diários, livros de anotações, mapas e figuras usadas nas suas aulas e outras anotações pessoais e informações.

Em 2014 uma parte do acervo da SLD estava exposta em uma vitrine e podia ser vista por todos que transitam pelo prédio. Agrupados, os objetos criavam um espaço pessoal de Lyuba Duprat, com os móveis, fotografias e postais que contam um pouco sobre a trajetória da professora, conforme pode ser visto na Figura 23:



Figura 23: Objetos e fotografias – *Salle de Documentation* Lyuba Duprat, 2014

Fonte: Foto da Autora, 2014

Estão nessa vitrine a estante de madeira, a cadeira de palha citada no capítulo anterior e três fotografias, da esquerda para direita: turma de colegas no Liceu Victor Duruy, foto colorida de Lyuba sentada em sua cadeira de balanço e outra igual à anterior, mas de corpo inteiro. Abaixo o certificado do *Livro dos Records* e dentro do móvel outras fotografias marcantes da trajetória da professora, como o

momento do recebimento do título *Honoris Causa* pela FURG. Entretanto, as fotografias, postais e objetos que estão expostos ao olhar dos visitantes e transeuntes do pavilhão ficariam um tanto desconexos caso não houvesse nenhum tipo de legenda sobre os materiais expostos. Nesse caso, a sala possui textos que contextualizam a história da professora bem como dos móveis expostos, com pequenas histórias de uso.

Portanto, mesmo não sendo um museu, a *Salle* passa a ter um caráter museal e conseqüentemente transfere esse caráter para os objetos que ali estão salvaguardados. Afinal, os objetos e fotografias expostos nesse local deixam de ter a sua função original e adquirem caráter museal, expográfico e narrativo. Sobre a criação de lugares para memória, Joël Candau afirma:

[...] de uma maneira geral, todos os traços que têm por vocação “fixar” o passado (lugares, escritos, comemorações, monumentos, etc.) contribuem para a manutenção e transmissão da lembrança de dados factuais, estamos assim, em presença de “passados formalizados”, que vão limitar as possibilidades de interpretação do passado e que, por essa razão, podem ser constitutivos de uma memória “educada”, ou até mesmo “institucional”, e, portanto, compartilhada (CANDAU, 2012, p. 118).

A *Salle de Documentation* é um espaço que auxilia no compartilhamento do passado e da memória da professora Lyuba Duprat. Ela pode ser vista, então, como um lugar de memória segundo o conceito de Pierre Nora (1984), pois é um local onde a memória trabalha, onde ela é cristalizada e possui distanciamento entre presente e passado (NORA, 1984).

Além disso, por ser um espaço onde há intenção de memória, podemos mais uma vez pensar a *Salle* a partir da reflexão de Joel Candau, quando ele diz que “topofilias e toponímicas”, a memória e a identidade, se concentram em lugares, e em “lugares privilegiados”, quase sempre com um nome, e que se constituem como referências perenes percebidas como um desafio ao tempo (2012, p. 157). A *Salle*

seria, então, uma referência da professora Duprat dentro da Universidade, que busca, através de sua exposição, acervo e atividades, e com o auxílio dos sociotransmissores (jornais, discursos, objetos, fotografias, etc.), lutar contra o tempo e o esquecimento. Em 2019 a SLD foi transferida para o novo prédio do Instituto de Letras e Artes da Universidade, buscando acomodar todos os laboratórios e núcleos de documentação e pesquisa em um mesmo local.

Entretanto, nem todos os objetos de Lyuba foram transferidos para o Museu ou para a *Salle de Documentation*. Alguns foram vendidos para angariar fundos e outros doados para amigos e ex-alunos que lhe eram próximos, ou em vida por ela própria ou depois do seu falecimento por seus inventariantes. Cabe aqui pensar nas seguintes questões: como foi a trajetória desses objetos até a residência desses amigos? De que forma eles compõem o cenário doméstico dos seus novos donos? Eles atuam como representantes de sua antiga dona ou se mesclam nos objetos domésticos da casa? Quais as diferenças em termos simbólicos e memoriais frente aos salvaguardados nas duas instituições? A partir de agora, apresentaremos de forma inicial esses questionamentos que surgiram durante a realização deste trabalho, defendendo a ideia de que mesmo não estando em um museu, os objetos nos espaços domésticos podem transmitir mensagens e memórias e, portanto, podem ter um significado especial para seus proprietários.

### **“En l’honneur de...”: objetos e imagens no cenário doméstico<sup>31</sup>**

Tratamos até aqui dos processos de musealização que os objetos de Lyuba Duprat sofreram quando foram transferidos para duas instituições memoriais/patrimoniais: Museu da Cidade do Rio Grande e *Salle de Documentation*. A partir deste momento discutiremos ainda sobre um cenário diferente dos anteriores, pois aqui analisaremos o processo

---

<sup>31</sup> Em tradução livre: “Em honra de...”.

de transferência desses objetos para novos espaços domésticos: a residência de ex-alunos e amigos. Percebemos neles a existência de uma profunda relação de afeto.

São os objetos afetivos, conforme o conceito apresentado por Véronique Dassié. Sobre eles recai um cuidado que ultrapassa o valor econômico; adquirem um valor patrimonial, são âncoras memoriais que conectam memórias e identidades dos sujeitos e suas famílias (DASSIÉ, 2013, p. 3). Por outro lado, esses objetos, as memórias, esquecimentos e afetividades neles presentes, são também representações do “eu” dos sujeitos, representativos de sua posição social e também de sua intimidade (DASSIÉ, 2013, p. 3).

Rafael Iglesia (2011) afirma que no âmbito privado, cada móvel e cada canto da casa é investido de uma função e também de uma dignidade simbólica. Para o autor, todos os seres e objetos estão conectados dentro da casa, eles são cúmplices do cotidiano familiar e dos seus hábitos e carregam um valor afetivo que é marcado por sua presença (IGLESIA, 2011, p. 16). Somos cercados por objetos patrimoniais dentro da nossa casa/família. A esse respeito, Ferreira afirma que “[...] são, portanto, as narrativas pessoais que dão aos objetos dilacerados pelo tempo, [...] o sentido de patrimônio” (FERREIRA, 2008, p. 37). Assim, a relação afetiva que temos com as coisas que nos são patrimoniais é mediada pelas narrativas pessoais que envolvem sua materialidade. Nesse caso, os objetos que eram de Lyuba Duprat estão novamente mediados no tempo e no espaço pela narrativa de seus novos donos.

Portanto, apesar de vários amigos e familiares terem em suas residências objetos e lembranças de Lyuba, estudamos apenas os encontrados nas casas de Ricardo Soler e do casal Nubia e Flavio Hanciau. Cada peça, conforme analisaremos no decorrer do capítulo, foi obtida em momentos e tempos distintos. Alguns repassados pela própria professora ainda em vida, uns foram comprados de Lyuba e outros recebidos como *souvenirs* pelo seu inventariante depois da morte de Lyuba.

Importante analisar que os atuais donos dos objetos têm forte relação com esses vestígios materiais e a maioria

apresenta funções híbridas dentro do espaço doméstico: mesmo sendo representativos de Lyuba, são utilizados em suas funções normais, fazem parte da casa e estão misturados com os outros utensílios domésticos; já outros são expostos, evocando uma espécie de altar de homenagem. Apesar de a casa dos ex-alunos não ser uma instituição memorial e patrimonial oficial, tal como o Museu e a *Salle*, é relevante pensarmos na forma como os objetos são tratados, principalmente porque apareceram nas narrativas dos entrevistados. A justificativa desse acompanhamento dos objetos até o espaço doméstico de seus ex-alunos está calcada na importância em compreender os constantes deslocamentos e trocas de funções e significados dos objetos. Além disso, conforme Ulpiano Meneses,

[...] para traçar e explicar as biografias dos objetos é necessário examiná-los “em situação”, nas diversas modalidades e efeitos das apropriações de que fizeram parte. Não se trata de recompor um cenário material, mas de entender os artefatos na interação social (MENESES, 1998, p. 92).

Os objetos que pertenceram a uma pessoa podem passar a representá-la e carregam consigo o que as caracterizava. Para pensar sobre esse aspecto, alguns fatores serão analisados: qual a relação entre os atuais donos e esses objetos? Onde eles estão localizados na casa? O que poderia fazer deles objetos patrimoniais familiares? Se alguns dos objetos da casa dos entrevistados são utilizados de acordo com as suas funções originais, a maioria deles carrega ao mesmo tempo uma carga memorial e simbólica que ultrapassa o valor de uso. Sobre a utilidade e o significado de alguns objetos, Gonçalves (2005) advoga que mesmo nos casos em que os objetos continuem funcionando na finalidade para a qual foram fabricados, alguns acabam adquirindo uma função mágico-simbólica e religiosa. “Não são, desse modo, meros objetos” (GONÇALVES, 2005, p. 18), possuem uma *personalidade* que está diretamente relacionada com a personalidade de seu proprietário, conceito que pode ser

associado ao de *extended-self*, desenvolvido pelo historiador Ulpiano (1994), que demonstra que os objetos podem ser vistos enquanto extensões de seus proprietários.

Durante a visita à casa do casal Nubia e Flavio Hanciau, cada objeto mostrado por eles trouxe consigo uma série de histórias e memórias “por trás” da sua materialidade. O casal contava pouco a pouco sobre a rotina do uso daquele objeto, desde o seu uso por Lyuba até a inserção na rotina do casal e sua casa. Para Verónique Dassié, em seu livro *Objets d'affection: une ethimologie de l'intime*, a história dos objetos e suas trajetórias devem ser reconstituídas a partir dos testemunhos de seus guardiões (DASSIÉ, 2010, p. 18). É o que pretendemos aqui: retomar outras histórias e a trajetória desses objetos a partir da narrativa de seus atuais guardiões.

O primeiro objeto apresentado e que esteve presente nas narrativas dos entrevistados faz parte do universo de materiais e objetos que Lyuba Duprat utilizava para cuidar de sua aparência e imagem pessoal. Trata-se do colar de pérolas (Figura 24), que está sob a guarda de Nubia Hanciau. Está presente em alguns dos retratos da professora, é identificado por Nubia como o *indefectível colar* e é guardado em um lugar reservado, resguardando seu valor simbólico e material.

Esse colar era um dos utilizados por Lyuba durante sua vida, também na composição de um *look* sofisticado e refinado. Durante a entrevista de Ricardo Soler, ao recordar sobre as roupas e acessórios que a professora usava e que marcaram a sua identidade e memória, ele narra: “Ela tinha um colar de pérolas que ela usava sempre, de uma volta... tinha outro também, colar bonito com várias voltas”. Nesse caso, essa peça está salvaguardada na casa de Nubia e Flavio, protegida quase como numa “reserva técnica” de museu, onde apenas as pessoas autorizadas podem entrar, e quase ninguém pode manusear.



Figura 24: Colar de pérolas que pertencia a Lyuba Duprat, hoje de Nubia Hanciau, sem data.

Fonte: Foto de Nubia Hanciau, 2014.

De maior dimensão, outro objeto emblemático na casa do casal é uma chapeleira (Figura 25) que pertenceu a Lyuba Duprat. Nela encontram-se, também, um porta-retrato com uma fotografia de Lyuba, dois moedeiros e uma bengala que pertencera ao pai de Lyuba, Augusto Duprat.



Figura 25: Chapeleira de Lyuba Duprat e demais objetos na casa da família Hanciau.

Fonte: Foto da Autora, 2014. Acervo pertencente a Flavio e Nubia Hanciau

Sobre a bengala, Flavio Hanciau narrou durante a entrevista o momento em que recebeu o objeto:

[...] no final da vida ela me presenteou. É interessante, porque depois que eu me casei, ela me oferecia sempre a bengala do pai, e o chapeleiro. Eu sempre dizia que gostava, mas que não queria nada dela, apenas a companhia, a alegria. Então, numa tarde ela disse: *“Você vai levar, hoje você vai levar, é importante que tu leves”*. E naquela madrugada ela faleceu. Parecia que ela pressentiu que algo ia ocorrer. A bengala eu guardo aqui na minha casa, com o

chapeleiro, com o porta-moedas. Porque ela pegava uma moedinha de dez centavos e dava para a pessoa que passava na casa dela, que era sempre agraciada com uma moedinha, e até nisso ela tinha uma atitude interessante, porque ela se preparava para cada momento, para as pessoas que chegavam à casa dela.

A fala do entrevistado traduz a importância simbólica e afetiva disposta em cada um dos objetos da fotografia (Figura 25). Do lado esquerdo do móvel encontra-se um pequeno quadro com a seguinte frase: “*Visiteur, qui es tu? Si tu es un ami, du fond du coeur sois te le Bienvenue. Qui vient en ami arrive trop tard et part trop tôt!*”<sup>32</sup>. Podemos dizer que, levando em consideração a localização desse conjunto de objetos, a seleção, a disposição e a organização, é representativo de uma homenagem a Lyuba na casa de Flavio e Nubia Hanciau, principalmente pelos elementos que o compõem: a foto, a bengala, o quadro em francês e os objetos em sua posição original, carregados de simbolismo, afetividade e intenção.

O significado desses objetos nos conduz à reflexão acerca da sua imaterialidade, sua possível “alma”. O antropólogo Marcel Mauss (2003) nos revela, em sua obra *Sociologia e antropologia*, mais especificamente no capítulo intitulado “Ensaio sobre a dádiva”, como um grupo de indígenas das regiões da Polinésia realiza uma forma de troca e contrato, em que estes não são realizados somente por objetos, mas também por serviços, festas, banquetes etc. (MAUSS, 2003, p. 191). Ao observar essa troca de “presentes” que inicialmente parece ser voluntária, mas torna-se quase obrigação aos membros do grupo, principalmente na retribuição do dom, Mauss percebeu que esses presentes tinham um *hau*. O *hau* é o espírito das coisas, não só dos objetos, mas também das florestas e animais (MAUSS, 2003, p. 197). O que podemos aproximar de nossa pesquisa, basicamente, é a questão espiritual e simbólica que os

---

<sup>32</sup> Tradução livre da autora: “Visitante, quem é você? Se você é um amigo, do fundo do coração, seja bem-vindo. Quem vem como amigo chega tarde demais e nos deixa muito cedo”.

indivíduos atribuem aos objetos – essa transmissão de dons, esse vínculo criado pela troca, é também um vínculo de almas, “pois a própria coisa tem uma alma, é uma alma. De onde resulta que apresentar alguma coisa a alguém é apresentar algo de si” (MAUSS, 2003, p. 200).

Assim, presentear alguém com algum objeto que foi seu, é dar um pouco de si para a pessoa, é doar-se junto com a materialidade. Eles passam a ser representativos do seu doador e receptor; assim, “aceitar alguma coisa de alguém é aceitar algo de sua essência espiritual, de sua alma; a conservação dessa coisa seria rigorosa e mortal, pois [...] essas coisas vêm da pessoa, não apenas moralmente, mas física e espiritualmente” (MAUSS, 2003, p. 200). A percepção de Mauss colabora para compreendermos as interações entre os atuais portadores, como é o caso de Nubia e Flavio, com os objetos que eram de Lyuba Duprat. No caso do chapeleiro e da bengala, Flavio explica o contexto em que recebeu, como presente, as coisas de Lyuba. O fator marcante da narrativa da relação entre os objetos e o momento do falecimento da professora, pode contribuir para que esse conjunto material adquirisse um sentido ainda mais especial e simbólico. Nesse caso, o cuidado para com os objetos de Lyuba, a sua organização estratégica na entrada da casa, pode ser visto como uma referência direta ao papel ocupado por ela na vida do casal, e seus objetos estão ali como representações materiais dela e de sua contribuição.

Seguindo as análises em pauta, em várias sociedades a atribuição espiritual dos objetos pode ser encontrada e foi explorada tanto por Marcel Mauss (2003), quanto por Bronislaw Malinowski em seu estudo sobre a *kula*<sup>33</sup>. A existência de uma alma nos objetos também foi investigada por antropólogos brasileiros. José Reginaldo Gonçalves, no livro *A alma das coisas*, descreve como os objetos estão presentes nas nossas vidas e que, apesar disso, parece que, diferentemente de outros grupos, desaprendemos a falar a

---

<sup>33</sup> Espécie de comércio intertribal praticado por comunidades das ilhas da Nova Guiné, atividade estudada pelo antropólogo Bronislaw Malinowski.

sua língua. Para o autor, não é que as coisas não falem, apenas desaprendemos a falar a sua língua, mesmo assim “é provável que a alma das coisas ainda nos afete secretamente” (GONÇALVES, 2013, p. 8).

[...] é preciso também não esquecer que, enquanto portadoras de uma “alma”, de um “espírito”, as coisas não existem isoladamente, como se fossem entidades autônomas; elas existem efetivamente como parte de uma vasta e complexa rede de relações sociais e cósmicas, nas quais desempenham funções mediadoras fundamentais entre a natureza e cultura, deuses e seres humanos, mortos e vivos, passado e presente, cosmos e sociedade, corpo e alma, etc. Essa possibilidade nunca desapareceu completamente de nosso horizonte moderno (GONÇALVES, 2013, p. 8).

As ideias de Gonçalves ratificam as apresentadas pelos autores Flavio Silveira e Manuel Lima Filho (2005). Para eles, os objetos fazem parte de um universo criado por nós, e ao atribuímos valores simbólicos a eles, os objetos recebem uma aura, uma fonte de comunicação que fala sobre quem somos e nosso lugar no mundo. Eles também são “vias de comunicação relacionadas a determinadas experiências culturais” (SILVEIRA; LIMA FILHO, 2005, p. 38). São esses sentidos que os objetos possuem que lhes permitem ser evocadores memoriais “e experimentar a tensão entre esquecimentos e lembranças, a partir do contato com a materialidade da coisa e os sentidos possíveis que ela encerra consigo” (SILVEIRA; LIMA FILHO, 2005, p. 38).

Entretanto, conforme nos lembra Thierry Bonnot (2014), os objetos não nascem com tais funções e significados, estes são atribuídos durante sua trajetória de vida social e sua relação com os sujeitos. Eles proporcionam que realizemos essas diversas relações com a sua materialidade, uma imaterialidade que é repassada e ressignificada pelos sujeitos, mediada por lembranças e esquecimentos.

Voltando aos objetos de Lyuba na casa do casal Hanciau, destacamos o conjunto de licoreiro (Figura 26) que, segundo os entrevistados, Lyuba usava para servir vinho do

porto para seus alunos e visitas. Foi lembrado pela maioria dos ex-alunos durante as entrevistas, e Ricardo Soler comentou:

[...] isso era religiosamente, ela recebia muitas amigas, então o pessoal ia visitá-la à tarde, e era recebido com uma bandejinha com cálices de cristal e vinho do Porto, isso era sagrado. Trazia e oferecia para gente. E tinha outra coisa que eu acho muito interessante... um detalhe: no corredor ela tinha uns joguinhos de criança, então quem ia visitá-la com criança, ela já tinha os brinquedos para poder ficar conversando com a pessoa. Então ela pensava nisso.



Figura 26: Licoreiro e cálices de cristal, sem data.

Fonte: Foto da Autora, 2014. Acervo pertencente a Flavio e Nubia Hanciau

O licoreiro fica agora na sala principal da casa, no balcão onde o casal acomoda parte de suas taças e bebidas. Nem sempre exposto ao olhar de quem por ali passa, às vezes está guardado para preservar sua integridade material. Ao mostrar o licoreiro, Nubia também relembra, assim como Ricardo, sobre o ritual feito por Lyuba ao recepcionar seus convidados.

Ainda nesta tipologia de objetos, o casal possui alguns copos e taças de cristal que pertenceram à professora e ficam

acomodados em uma cristaleira. Segundo Nubia, são pouco utilizados a fim de conservá-los, pois são muito delicados, importantes e simbólicos para o casal. Nesse caso, podemos perceber que o objeto foi gradualmente perdendo o seu valor de uso, principalmente considerando a fragilidade e vulnerabilidade do material do objeto e sua importância simbólica.

Os copos e taças deixam de ser utilizados como tais e passam a ficar expostos apenas ao olhar, à admiração, há um zelo e preocupação com a preservação da sua materialidade. Entram na categoria de *reliquias*, cuja preservação é extremamente importante por serem representativos de muitas invisibilidades: a sua perda ou destruição seria dolorosa para os proprietários. Conforme Véronique Dassié, a preservação dos objetos está diretamente relacionada a uma função memorial e identitária que esses vestígios têm em relação aos seus proprietários.

[...] o carinho, caminho para ser considerado como a alma tocou algum objeto, se torna a razão para a sua conservação e assume a memória do que é suposto ser preenchido. Então, esses são "objetos de afeto" na medida em que os sentimentos são o princípio do compromisso mostrado a eles e parece impossível para os seus titulares de se separar deles (DASSIÉ, 2010, p. 19).

São acima de tudo objetos afetivos que carregam em sua materialidade um universo de imaterialidade, de lembranças, histórias, narrativas, identidades e esquecimentos. Objetos de afeição são, conforme o conceito trazido por Veronique Dassié (2010), aqueles que possuem o sentimento de carinho, de proteção e onde as âncoras memoriais e identitárias são seus pontos fortes. Assim, a maioria dos objetos que hoje estão nos espaços domésticos analisados funcionam como ancoradouros memoriais e representativos de um vínculo com a professora Lyuba.

Outro objeto destacado e que está visível aos visitantes é um pequeno vaso de pedra-sabão e que acomoda cachos de uva em vidro (Figura 27). A peça está na mesa de centro da sala do casal e antes, segundo os entrevistados, fazia parte da

decoreção da sala onde Lyuba ministrava suas aulas. Segundo Nubia, seria impossível encontrar um aluno de Lyuba que não se lembrasse desse objeto, do centro de mesa.



Figura 27: Objetos decorativo: vaso de pedra-sabão e uvas de vidro.  
Fonte: Foto da Autora, 2014. Acervo pertencente a Flavio e Nubia Hanciau

Tanto este quanto os demais objetos aqui trazidos podem ser vistos como evocadores e compartilhadores de memórias da professora Lyuba e dos seus atuais proprietários. A senhora Regina Carmem, quando visualizou a fotografia acima, disse ter sentido uma forte emoção ao rever o objeto que fazia parte da decoreção da casa da professora. Flavio Hanciau relata que os cachos de uva foram um presente seu e de seu pai a Lyuba Duprat, como lembrança de uma viagem que ambos fizeram a Ouro Preto.

As histórias contadas sobre os objetos acabam transferindo os discursos e os sentimentos para sua materialidade. E aqui cabe salientarmos que, apesar de não estarem dentro de instituições memoriais, os objetos aqui apresentados demonstraram uma forte representatividade patrimonial. Conforme a citação de Bruno Soares e Tereza Scheiner na epígrafe deste capítulo, a ideia de patrimônio pode ser resumida como as coisas que aquecem a alma, o sentimento de afeto e pertencimento que permeia bens culturais – materiais e imateriais. Assim, esses objetos patrimoniais para o casal e sua família, e também entendidos como objetos afetivos e biográficos, são insubstituíveis, não são abandonados, mas passados de geração para geração ou entregues a pessoas que são muito próximas à família. Seu valor é simbólico, memorial e também espiritual (BOSI, 1994, p. 442).

Mesmo que alguns objetos tenham sido doados ainda enquanto a professora era viva, muitos deles foram recebidos pelos seus atuais proprietários com um significado, talvez, maior do que possuíam anteriormente. Além disso, nas duas residências (Ricardo Soler e casal Hanciau) há objetos que, antes de pertencer a Lyuba, eram de seu pai, Augusto Duprat. Estavam sob os cuidados da filha e posteriormente foram repassados para seus alunos e amigos, alguns ainda em vida.



Figura 28: Caneta e mata-borrão, sem data.

Fonte: Foto da Autora, 2014. Acervo pertencente a Flavio e Nubia Hanciau

É o caso da caneta com seu suporte e o mata-borrão<sup>34</sup> (Figura 28) guardados pelo entrevistado Flavio Hanciau em seu escritório. Eles não são utilizados de acordo com sua função original, mas preservados e expostos ao olhar de quem adentra no cômodo. Já Ricardo Soler guarda em sua residência os dois tinteiros que pertenceram ao médico Augusto Duprat (Figura 29):



Figura 29: Tinteiros, sem data

Fonte: Foto da autora, 2015. Acervo pertencente a Ricardo Soler.

Os tinteiros também estão no escritório do entrevistado e, durante a visita, ele contou que há um cuidado especial com tais objetos; todos os membros da casa conhecem e respeitam a sua importância. Os tinteiros, assim como os outros objetos, recebem uma “aura” dentro do espaço doméstico, uma camada simbólica e afetiva que vai além da materialidade do objeto, mas, principalmente, calcada na representação imaterial que ele simula aos indivíduos.

---

<sup>34</sup> Objeto utilizado para absorver a tinta excedente no papel, utilizado principalmente na época das canetas-tinteiro.

Outro objeto que pode ser encontrado na residência de Flavio e Nubia Hanciau é a empadeira ou porta-salgados (Figura 30).



Figura 30: Empadeira, sem data.

Fonte: Foto da Autora, 2014. Acervo pertencente a Flavio e Nubia Hanciau

Este é lembrado por Nubia como um utensílio muito usado por Lyuba, e que mostra o seu hábito de receber bem os seus convidados. Segundo os entrevistados, ela servia, em ocasiões especiais, salgados quentes dentro do recipiente. Segundo Nubia, devido à sua qualidade material, às vezes também é usado por eles, como um objeto híbrido que é utilizado de acordo com sua função original, mas também possui uma carga simbólica. O fato de alguns objetos serem utilizados de acordo com sua função original não anula os aspectos imateriais e afetivos, mas sim, de alguma maneira, acaba incluindo outros. O uso diário dos objetos, segundo Bachelard, cria vínculos entre presente e passado:

[...] os objetos assim acariciados nascem realmente de uma luz íntima; chegam a um nível de realidade mais elevado que os objetos indiferentes, que os objetos definidos pela

realidade geométrica. Propagam uma nova realidade de ser. Assumem não somente o seu lugar numa ordem, mas uma comunhão de ordem. Entre um objeto e outro, no aposento, os cuidados domésticos tecem vínculos que unem um passado muito antigo ao dia novo. A arrumadeira desperta os móveis adormecidos (BACHELARD, 1993, p. 80).

Assim como o casal Hanciau, Ricardo Soler possui diversos móveis que pertenceram à professora de francês. Alguns foram remodelados e restaurados, mas compõem, junto com outros objetos, o espaço da sala e escritório do entrevistado, conforme a Figura 31.



Figura 31: Móveis de Lyuba Duprat, sem data  
Fonte: Foto da Autora, 2015. Acervo pertencente a Ricardo Soler.

À esquerda a poltrona que pertenceu a Lyuba com uma nova estofaria e o móvel de madeira onde a professora acomodava seu telefone. À direita está um dos armários e duas pequenas esculturas. A da esquerda também pertenceu à professora e, segundo Ricardo, está na mesma disposição em que ela a mantinha sobre o móvel. Ricardo relatou que nas ocasiões em que recebe visitantes que conheceram a

professora Lyuba, ele conta um pouco da história desses móveis e objetos, fazendo referência à sua antiga proprietária. Assim, não se trata de um móvel com objetos quaisquer, mas de um conjunto de elementos que são formadores de um aparato simbólico e memorial e, de certa maneira, uma homenagem à professora na residência dos ex-alunos.

Entretanto, nem todos os objetos estão expostos ao olhar do público, alguns são mais íntimos, pois apenas as pessoas selecionadas podem vê-los. Eles possuem um lugar especial dentro da casa, e são guardados com maior segurança, como pequenos tesouros e relíquias. São carregados de valores simbólicos e imateriais. Muitas vezes estes lugares são gavetas, caixas, álbuns que guardam objetos, fotografias, documentos e tantos outros suportes que funcionam como evocadores memoriais e identitários.

[...] o armário e suas prateleiras, a escrivaninha e suas gavetas, o cofre e seu fundo falso são verdadeiros órgãos da vida psicológica secreta. Sem esses “objetos” e alguns outros igualmente valorizados, nossa vida íntima não teria um modelo de intimidade. São objetos mistos, objetos-sujeitos. Têm, como nós, por nós e para nós, uma intimidade (BACHELARD, 1993, p. 91).

Flavio e Nubia Hanciau hoje salvaguardam outros objetos de Lyuba Duprat que, diferentemente dos analisados até agora, não estão expostos ao olhar dos visitantes e não são utilizados na rotina da casa. Em primeiro lugar analisaremos uma “caixa de memória”, literalmente, pois dentro dessa caixa está guardada uma diversidade de vestígios que pertenceram à Lyuba Duprat. São vistos pela senhora Nubia como valiosos, não pelo valor financeiro, mas pela importância que tinham na vida de Lyuba e para quem os guarda atualmente. O cargo de guardião destes objetos está diretamente ligado à responsabilidade de preservar aqueles suportes materiais e, conseqüentemente, as memórias e histórias ali presentes. Por isso, justifica-se a preocupação em preservar a integridade material, pois eles são testemunhos, são documentos e pontes físicas da memória da professora Lyuba. Os “guardiões da

memória” são aqueles que se encarregam da “preservação d os traços – escritos, orais, materiais – do passado familiar” (KELLERHALS *et al.*, 2002, p. 553).

Nesse sentido, os objetos encontrados na caixa preservam e contam através da narrativa de Nubia Hanciau algumas características da professora (Figura 32).

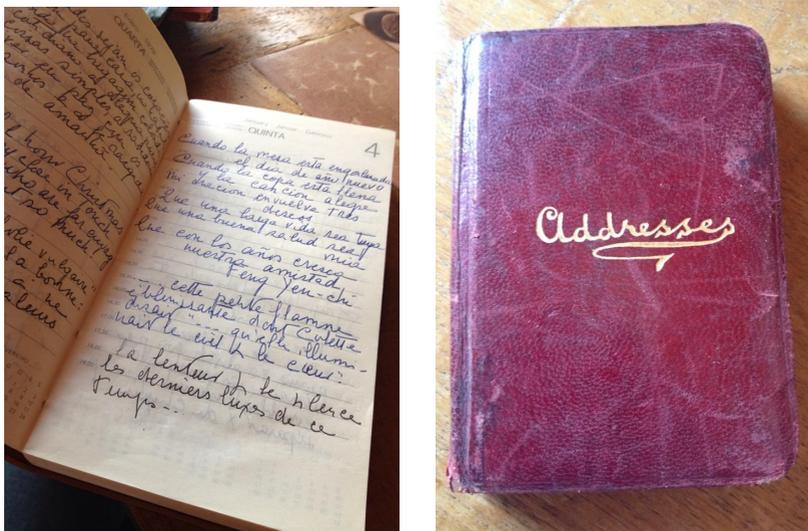


Figura 32: Caderno de anotações e de endereços de Lyuba Duprat, sem data.

Fonte: Foto da autora, 2014. Acervo pertencente a Flavio e Nubia Hanciau.

Talvez estes objetos estejam guardados para respeitar e preservar sua intimidade natural, pois são anotações que podemos categorizar como íntimas da professora Duprat. Reflexões, pensamentos, ideias que ela anotava, endereços de amigos e familiares, datas de aniversário. Esses manuscritos guardam em suas linhas e entrelinhas uma intimidade muito maior do que aqueles objetos que estão expostos ao olhar na sala de estar, e também não ficavam expostos na sala de Lyuba.

Nubia e Flavio tiveram o cuidado de guardar esses objetos em um lugar com a mesma intimidade, acobertados por uma caixa e juntos criam um contexto e nome: a caixa com as

coisas de Lyuba. Nesse pequeno universo também está guardado um manual, *Comment préparer le mate*<sup>35</sup>, que mostra um passo a passo e dicas para preparar a bebida que segundo Nubia, Lyuba apreciava. Além disso, um conjunto de figuras e folhetos sobre história da moda, teatro e comportamento, que são testemunhos dos materiais recolhidos e utilizados por Lyuba durante os mais de 70 anos de docência.

Um documento em especial, que faz parte desta caixa, também possui o caráter de relíquia: trata-se do documento original expedido em 1992 pela Câmara Municipal de Vereadores, convidando a professora Lyuba Duprat para uma cerimônia realizada para homenageá-la pelos 75 anos de atuação no magistério. Esse projeto foi de autoria do vereador Jorge Guaraci Ravara e faz parte do processo número 54.022 da citada Câmara.

Para Marcus Dohmann, mesmo que os objetos não sejam mais utilizados em sua função prática, eles continuam veiculando e transmitindo informações sobre os sujeitos e estamos sempre atribuindo valores simbólicos a eles (DOHMANN, 2013, p. 37). Os objetos são comunicadores, falam dos sujeitos neles envolvidos e continuam comunicando, tanto sobre Lyuba quanto sobre o casal que atualmente os possui. Além do documento e dos outros pertences mencionados, ainda existem outros que são guardados e agrupados na caixa.

Esta caixa guardada com afeição pelos seus proprietários é mais um local que faz parte da trajetória dos objetos e de sua biografia cultural. Eles possuem uma forte carga memorial e narrativa, e continuam funcionando como evocadores e fortalecedores da memória da professora Duprat. Em todo caso, podemos pensar que, tendo em vista a capacidade memorial e narrativa dos objetos, muitas pessoas acabam utilizando-os como mediadores e marcas de narrativas autobiográficas. Essa capacidade é explorada por Janet Hoskins em seu livro *Biographical objects: how things tell the stories of peoples' lives*. Nele a autora demonstra como um grupo de indivíduos utiliza seus objetos mais próximos,

---

<sup>35</sup> Tradução livre da autora: “Como preparar o chá”.

aqueles mais afetivos, para contar suas trajetórias de vida – são os objetos autobiográficos.

Os membros do Kodi, grupo pesquisado pela autora, conseguiram falar sobre assuntos polêmicos evitados, tais como política e assuntos sexuais, através da presença e narrativa feita pelos objetos. Baseada no conceito de “objetos biográficos” de Violette Morin, Hoskins percebeu que aqueles mais pessoais eram vistos também quase como pessoas, com características “próprias” e de seus donos. Nesse caso, também podemos pensar não só na influência que as pessoas exercem sobre os objetos, mas no sentido inverso: a influência dos objetos nas pessoas. Os objetos biográficos envelhecem com o seu dono, servem como representação da passagem do tempo e, principalmente, da sua identidade. Por outro lado, assim como os estudos de Dassié (2010) e Bonnot (2014), esses pertences se mostraram detentores de uma relação afetiva com seus donos, afetividade que os diferencia dos demais objetos.

Os objetos biográficos são reconhecidos com mais facilidade pelas pessoas próximas de seus proprietários; eles mostram-se mais representativos para sua família e amigos (HOSKINS, 1998). Dessa forma, podemos dizer que muitos dos objetos de Lyuba Duprat estudados aqui podem ser entendidos como biográficos, representativos de sua proprietária e como fortes indicadores de sua história de vida e memória. Quando repassados por ela, ou adquiridos posteriormente, continuaram sendo sua representação, recebendo novos contextos e funções.

Eles continuam sendo objetos biográficos, mesmo que fora do seu contexto de “origem”, âncoras narrativas e biográficas, e, por isso, acabam não se desvinculando totalmente da imagem de Lyuba Duprat. Sendo auxiliares narrativos, os objetos mostraram-se não só como partes de uma nova história com os proprietários atuais, mas mesclaram as histórias de vida dos novos donos com a antiga de Lyuba Duprat. Histórias de vida que passam a estar interligadas não só na memória, mas na materialidade dos objetos que foram herdados. A posição desses objetos nos seus novos lares é

também uma posição estratégica: eles estão perto do olhar, da rotina e do dia a dia das famílias dos entrevistados. Nubia Hanciau, em seu depoimento escrito, corrobora as reflexões trazidas acima:

[...]  **vemos Lyuba pelos cantos da nossa casa**, se restabelece um diálogo restaurador – mesmo que duas décadas de sua morte tenham transcorrido ano passado –, **através dos objetos legados, esparsos estrategicamente aqui e ali... Como se cada um se decompusesse em vários, um quebra-cabeça, cada peça repleta de detalhes e de possibilidades narrativas**. Eles são pretextos para um retorno, um olhar para trás, uma volta em **flashes capazes de refazer parte importante da vida**, de provocar analogias que acontecem naturalmente e não podem ser evitadas (HANCIAU, 2015, s/página – grifo nosso).

Ela destaca em seu depoimento várias características aqui aprofundadas, como a capacidade narradora que os objetos possuem, despertando memórias do papel que teve Lyuba Duprat em seu casamento, ao propiciar o encontro do casal Nubia e Flavio, como também de motivadora da sua carreira, da sua paixão pela França e pelo idioma francês. A maioria desses objetos não é mais utilizada somente em suas funções originais, mas estão envolvidos com as histórias e memórias dos sujeitos – desde o casal Flavio e Nubia Hanciau, Ricardo Soler, seus familiares e amigos e, claro, Lyuba Duprat. Eles adquiriram novas funções e “[...] no rastro das mudanças de sentido dos objetos, encontramos as ações dos sujeitos sociais, ativos construtores de memória” (GOMES; OLIVEIRA, 2010, p. 44). Assim, os novos proprietários dos pertences de Lyuba Duprat constroem e fortalecem a cada narrativa a memória da professora, principalmente a partir da perspectiva de Pomian, quando afirma que “a linguagem permite falar dos mortos como se estivessem vivos, dos acontecimentos passados como se fossem presentes, do longínquo como se fosse próximo e do escondido como se fosse manifesto” (POMIAN, 1984, p. 68).

Dessa forma, os objetos são também testemunhos, representativos de “algo” ausente. No caso, são marcadores da passagem de Lyuba na vida do casal Hanciau e de Ricardo Soler, e, de certa forma, ela permanece ali “viva”: sua memória é representada pelos seus objetos encontrados na casa. Ao acompanharmos a trajetória desses materiais até a casa dos seus amigos, percebemos que, mesmo não estando em espaços memoriais abertos ao público, eles funcionam como fortalecedores, compartilhadores de memória e sociotransmissores. Essa hipótese está baseada não só na visita e a entrevista nas duas residências e nas conversas e narrativas, mas pensando em todos os outros diálogos que provavelmente aconteceram sobre estes objetos, com outras pessoas, familiares e amigos que frequentaram a casa dos entrevistados. Assim, os objetos de Lyuba Duprat continuam com sua vida e trajetória, não restritas somente à sua função utilitária, mas auxiliando na manutenção da memória e da personalidade da professora.

### **Um indício da representatividade do objeto patrimonial**

A maioria dos objetos aqui estudados mostrou a capacidade memorial e narrativa da materialidade. Entretanto, também notamos que nem todos os objetos de Lyuba Duprat foram lembrados e reconhecidos pelos entrevistados. Se mesmo os ex-alunos, que eram amigos próximos à rotina e vida da professora, não reconheceram todos os objetos, como será que o público que frequenta estas instituições identifica tais objetos e com eles se relaciona?

Será que a memória de Lyuba Duprat está sendo preservada do esquecimento, como pretendia o inventariante Ricardo Soler ao levar os objetos da professora para o Museu? Da mesma forma, será que a criação da *Salle de Documentation* Lyuba Duprat, espaço de homenagem e que buscava, da mesma maneira, evitar o esquecimento da homenageada, conseguiu transmitir para o público o nome e a trajetória de Duprat através da sala e de seu acervo?

Convém lembrar que existe uma distância entre o

desejo de memória permeado no contexto de criação da *Salle* e na doação dos objetos para o Museu, e a concretização desse desejo. Esclarecendo: apesar do intuito dos idealizadores dessas ações, não podemos afirmar que, atualmente, tanto a sala quanto os objetos no museu são automaticamente reconhecidos pela comunidade (local ou universitária) enquanto patrimônios e vinculados a Lyuba Duprat; a preservação dessa memória deve ser trabalhada e construída, ela não é autossuficiente, nem inerente aos objetos. É possível que, apesar da existência dos dois acervos, a grande parcela das novas gerações e pessoas desvinculadas a Lyuba, não se apropriem da materialidade e da imaterialidade dos objetos. Nesse caso, apontamos agora para alguns indícios para tais questionamentos, pontos de reflexão que contribuem para pensarmos uma parcela de representatividade e de apropriação dos espaços e dos seus objetos na comunidade.

Para transmitir uma memória é preciso que exista uma comunicação, um espaço para interpretação e contato do público com o acervo. A comunicação museológica e patrimonial pode ser realizada de várias maneiras: com projetos educativos, ações culturais e exposições (CUNHA, 2010, p. 110). Pode também ser realizada através da criação de espaços virtuais, como *sítes* e páginas vinculadas às redes sociais, o que também colabora para a comunicação dos espaços. Sem comunicação não há troca, diálogo, não há meio em que o objeto salvaguardado troque informações com o receptor (público).

Quanto maior a variedade e quantidade de atividades comunicativas, maior a probabilidade de transmissão de memória e de mensagens, discursos e interpretações sobre o acervo. Sem comunicação, o ciclo museológico preservacionista fica incompleto, podendo interferir na efetivação da preservação e do sentimento de pertencimento do público para com o acervo. Por outro lado, todas as ações patrimoniais e memoriais, incluindo a musealização, são carregadas de um discurso, de um poder – o mesmo acontece com a seleção do que será ou não exposto. Não é possível

expor tudo, seleciona-se de acordo com os objetivos iniciais do museu, do público e do discurso (ENNES, 2008).

Por isso faz-se necessário o incentivo para que essas instituições, em geral, realizem atividades rotineiramente com o público, possibilitando que os objetos das reservas técnicas encontrem o público. Por outro lado, quando expostos, todos os elementos que compõem a exposição fazem parte de uma narrativa, de um contexto que é também uma representação, um discurso (CASTRO, 2007), e são esses fatores que o público vê, que são interpretados e ressignificados por ele. É através dessa comunicação museológica que ocorre a troca de informações e de significados entre sujeito e objeto, o que pode contribuir para a construção e consolidação de uma possível memória social. Segundo Chagas, “uma memória só pode ser social se for transmitida, e para ser transmitida tem que ser articulada” (CHAGAS, 2009, p. 159).

Tendo em vista que o Museu da Cidade do Rio Grande (Coleção Histórica) encontrava-se fechado para reformas entre os anos de 2010 e 2016 (sendo que a pesquisa foi realizada entre 2013 e 2015), não foi possível ter conhecimento de como o público local se relaciona com os objetos da professora. Por outro lado, a *Salle de Documentation* é um local interessante para pensarmos a questão de representação e efetivação da preservação da memória de Lyuba Duprat. É um espaço localizado dentro do ambiente universitário, frequentado pelos estudantes de vários cursos de graduação e pós-graduação, mas, principalmente, pelos estudantes do curso de Francês da FURG. Este é o principal público da *Salle*, frequentador dos corredores e das pesquisas acadêmicas. Considerando o interesse desses estudantes pela língua e cultura francesas, não seriam eles um público potencial para conhecer e reconhecer o nome e os pertences da professora Lyuba Duprat?

Buscando aproximação com esses questionamentos, realizamos uma pesquisa tendo como público-alvo os estudantes egressos do curso de Letras Francês/Português da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. A escolha desse grupo justifica-se por ser, dentro do cenário atual, o

público que mais frequentaria e utilizaria o espaço da *Salle de Documentation*. A pesquisa, baseada no preenchimento de um formulário *online*, apresenta-se como um indício inicial para os questionamentos levantados anteriormente, baseado apenas em respostas de estudantes que se disponibilizaram a preencher o formulário enviado por endereço eletrônico para trinta e dois egressos de 2003 até 2015. O número de ex-alunos foi limitado de acordo com a base de dados disponível no Instituto de Letras e Artes, que colaborou com a pesquisa. Nesse caso, consideramos os seguintes fatores: é possível que nem todos os egressos tenham recebido o *e-mail*; o número de trinta e dois é relativamente pequeno para pensarmos em uma representatividade patrimonial; e o fato de o questionário ter suas limitações. Entretanto, isso não invalida os resultados aqui apresentados, pois podem instigar outras investigações, bem como colabora para que a *Salle de Documentation* conheça, mesmo que superficialmente, a aderência e propagação de suas atividades.

O formulário foi elaborado e estruturado compreendendo dez questões, iniciando com o reconhecimento básico do estudante e com perguntas sobre o interesse da pesquisa, algumas com resposta livre e outras com três ou quatro alternativas para serem selecionadas:

- 1) Você foi estudante do curso de francês da FURG?
- 2) Sexo
- 3) Quando se formou?
- 4) Você sabe quem foi Lyuba Duprat?
  - A) Não, nunca ouvi falar.
  - B) Já ouvi falar, mas não sei quem foi.
  - C) Sim, sei quem foi.
- 5) Se a resposta for sim, de onde a conhece?
  - A) Da *Salle de Documentation* Lyuba Duprat.
  - B) Do Museu da Cidade do Rio Grande.
  - C) Outro – qual?
- 6) Você conhece a *Salle de Documentation* Lyuba Duprat?
  - A) Não, nunca ouvi falar.
  - B) Sim, mas nunca entrei.
  - C) Sim, já visitei.

- 7) Se a resposta for sim, como conheceu o local?  
A) Já passei por lá.  
B) Durante uma visita.  
C) Realização de pesquisa.  
D) Outro – qual?
- 8) Quando foi a última vez que visitou o local?
- 9) Caso você conheça a *Salle de Documentation*, sabe se existem objetos de Lyuba Duprat no local?  
A) Não, nunca vi.  
B) Não me lembro.  
C) Sim.
- 10) Se você se lembra dos objetos, quais seriam eles?

Através das vinte e uma respostas obtidas, foi possível detectar indícios de uma possível conexão entre os objetos e Lyuba Duprat, e de que forma a *Salle de Documentation* influencia e propaga conhecimento a respeito de sua homenageada. O resultado da pesquisa foi positivo e satisfatório, mostrando que, mesmo de maneira inicial e breve, há um reconhecimento dos egressos à homenageada, aos objetos e acervo da instituição. As respostas demonstraram que a *Salle* também é utilizada para pesquisas e visitação. Os respondentes apontaram para o uso do acervo bibliográfico e do espaço para estudo. Sobre os resultados obtidos com a consulta *online*, temos o seguinte:

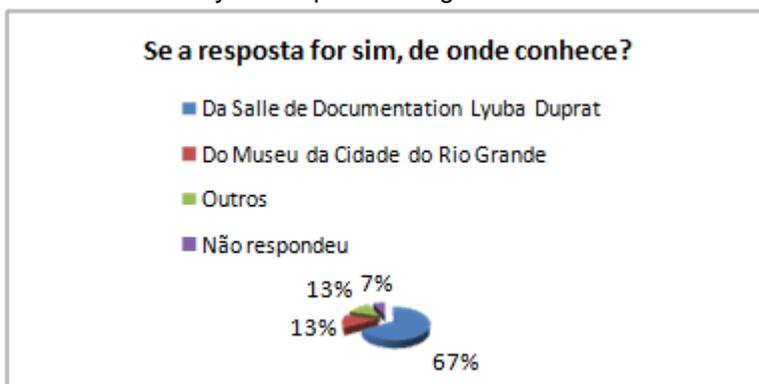
A maioria das pessoas consultadas é do sexo feminino (71%), e 29% do sexo masculino. Sobre o ano de formação dos egressos, temos um recorte temporal de 2009 a 2015. Os estudantes dos anos anteriores (2003-2008) não responderam ao questionário. Dentre os vinte e um que responderam, dois declararam ter se formado no ano de 2009, três em 2010, três em 2011, três em 2012, cinco em 2013, três em 2014, um em 2015 e um não declarou em que ano se formou. Tendo em vista que o tempo padrão de conclusão do curso de Letras/Francês é de quatro anos, e considerando que os formados em 2009 concluíram em tempo padrão, eles teriam entrado na Universidade no ano de 2005 e, assim, consecutivamente.

Sobre a pergunta “Você sabe quem foi Lyuba Duprat?”, 71% responderam “Sim, sei quem foi”, 24% escolheram a

alternativa “Já ouvi falar, mas não sei quem foi” e apenas uma pessoa (5%) respondeu que “Não, nunca ouvi falar”. Frente a essa primeira pergunta que representa um foco importante da pesquisa, percebemos que a grande maioria se mostrou familiarizada não só com o nome da professora Lyuba Duprat, mas declararam saber de quem se tratava. Comparando os resultados obtidos na pergunta seguinte: “Se a resposta for sim, de onde conhece?”, percebemos que dentre os cinco que responderam “Já ouvi falar, mas não sei quem foi”, quatro responderam que ouviram falar da *Salle de Documentation Lyuba Duprat*, e um não respondeu.

Dos quinze que selecionaram “Sim, sei quem foi”, dez escolheram a alternativa “Da *Salle de Documentation Lyuba Duprat*”, dois selecionaram a alternativa do Museu da Cidade do Rio Grande, um não respondeu e outros dois selecionaram a alternativa “Outros”, declarando as seguintes respostas: “Participei de um curso de História da Arte ministrado por ela. Também a conheci por ser cliente do banco onde eu trabalhava, tive a oportunidade de visitá-la duas vezes” e “Reportagens”.

Gráfico 1: Se a resposta for “sim”, de onde conhece? Questionário sobre Lyuba Duprat com egressos da FURG



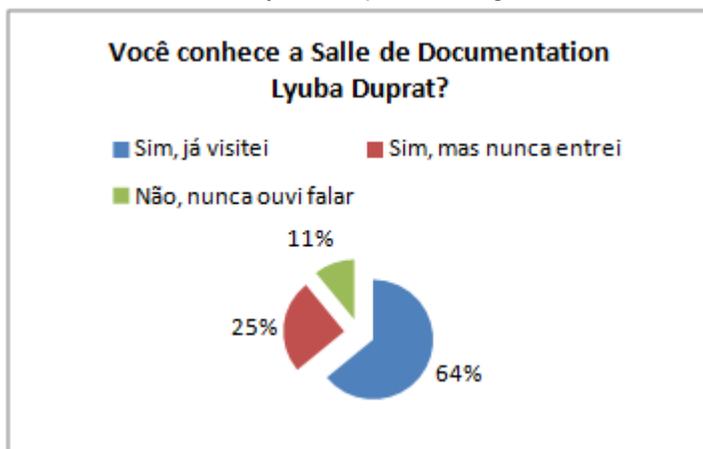
Fonte: Pesquisa para Dissertação de Mestrado na UFPel, Olivia Nery, 2015.

O fato de dois ex-alunos terem escolhido a alternativa “Do Museu da Cidade do Rio Grande” também é interessante, pois o Museu referido já se encontrava fechado ao público

havia alguns anos. Entretanto, de acordo com os consultados, esse local mostrou-se também ser um espaço que, de certa forma, influenciou e informou aos dois alunos sobre a professora Duprat. Além disso, as duas alternativas descritas em “Outros” mostraram-se igualmente interessantes, pois uma declarou conhecer Lyuba Duprat a partir de reportagens, mostrando a capacidade de transmissão e de sociotransmissor que os jornais e suas respectivas matérias possuem.

Quanto à pergunta “Você conhece a *Salle de Documentation* Lyuba Duprat?”, temos o seguinte resultado:

**Gráfico 2:** Você conhece a *Salle de Documentation* Lyuba Duprat?  
Questionário sobre Lyuba Duprat com egressos da FURG



**Fonte:** Pesquisa para Dissertação de Mestrado na UFPel, Olivia Nery, 2015.

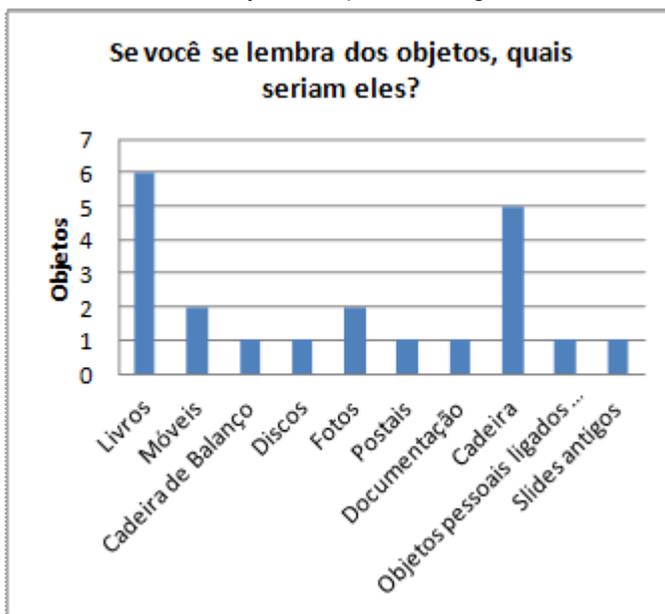
O resultado de que 64% dos formandos consultados conheciam a *Salle de Documentation* Lyuba Duprat corresponde às respostas anteriores, mostrando coerência nas declarações dos estudantes – a mesma pessoa que declarou nunca ter ouvido falar de Lyuba Duprat, também selecionou a opção “Não, nunca ouvi falar” com referência à *Salle*.

A pergunta “Caso conheça a *Salle de Documentation*, você sabe se existem objetos de Lyuba Duprat no local?” foi formulada com o intuito de saber se os estudantes, mesmo após terem declarado que conheciam a *Salle de Documentation*,

recordavam de algum objeto pertencente à professora no local. A pergunta seguinte, “Se você se lembra, quais seriam eles?”, visava conhecer quais os objetos seriam lembrados pelos consultados.

Nesses questionamentos, 52% declararam que “Sim”, sabiam que existem objetos de Lyuba Duprat no local, quatro escolheram a opção “Não me lembro” e apenas dois “Não, nunca vi”. Assim, dos 17 estudantes que responderam à questão, apenas dois declararam nunca terem visto objetos da Lyuba Duprat na *Salle de Documentation*, o que demonstra que é um espaço onde os objetos possuem um papel importante e acabam sendo lembrados pelos entrevistados.

Gráfico 3: Se você se lembra dos objetos, quais seriam eles?  
Questionário sobre Lyuba Duprat com egressos da FURG



**Fonte:** Pesquisa para Dissertação de Mestrado na UFPel, Olívia Nery, 2015.

Os objetos foram mencionados pelos próprios estudantes, não havendo múltipla escolha para selecionar. Dentre os que declararam saber que havia objetos de Lyuba

Duprat no local, apenas um não citou quais seriam. Através da análise destes dados, verifica-se que aqueles mais lembrados são os livros e a cadeira, seguidos pela categoria “móveis”. Vale ressaltar que a cadeira e o móvel de madeira compõem a pequena exposição referente a Lyuba Duprat na sala de vidro, juntamente com algumas fotos e postais, conforme mostrado no capítulo anterior. Fazendo o cruzamento das respostas de cada estudante, obtemos o resultado da Tabela 1:

**Tabela 1:** Objetos da *Salle de Documentation* Lyuba Duprat lembrados pelos consultados

<b>Objeto descrito</b>	<b>Como conheceu o local?</b>
Lembro de ver móveis de madeira que seriam de Duprat.	Já passei por lá.
Cadeira e livros.	Realização de pesquisa.
No momento só lembro dos livros e de uma cadeira.	Trabalhei lá.
Livros, discos, móveis, como cadeira de balanço.	Durante uma visita.
Cadeira, livros, documentação.	Monitoria.
Cadeira, livros, fotos, postais, alguns objetos pessoais ligados à sua vida como professora e incentivadora da língua francesa.	Trabalhei junto ao NEC.
Lembro dos livros!	Realização de pesquisa.
Uma cadeira, fotos e um acervo muito bom.	Realização de pesquisa.
Tinha uma cadeira, fotografias, alguns objetos como fotografias de Rio Grande em slides antigos que pertenciam à professora. Fui bolsista da professora Kelley Baptista Duarte e uma vez fiz um levantamento de livros. A sala passou por reforma e eu e alguns colegas ajudamos no armazenamento de alguns livros. Fiquei encantada com o acervo! Muitos livros raros e infelizmente, devido à falta de tempo na condição de estudante, não pude usufruir de todo o acervo. Existem livros raros e fiquei muito contente com sua pesquisa.	Na FURG, utilizei livros, estudei no espaço. Foi muito útil quando era estudante de Letras-Francês.

**Fonte:** Pesquisa para Dissertação de Mestrado na UFPel, Olívia Nery, 2015.

Através desses resultados, podemos relacionar o fato de os objetos mais lembrados estarem expostos aos olhos dos visitantes e transeuntes, conforme propõe Cunha (2010) ao

demonstrar a importância da exposição para o ciclo de preservação material e imaterial dos objetos e também para o diálogo com o público. A efetividade da transmissão memorial e da recordação dos objetos que compõem o acervo da *Salle de Documentation* pode estar relacionada com o período em que os egressos consultados declararam ter visitado pela última vez o espaço, no período em que tais objetos já estavam expostos na sala de vidro.

Por outro lado, também percebemos que a quantidade de objetos lembrados não ficou restrita àqueles que conheceram a *Salle de Documentation* por terem trabalhado no local, mas alguns visitantes e pesquisadores também conseguiram descrever mais de um objeto da professora Lyuba Duprat. Nesse sentido, os livros mostraram-se grandes marcos da instituição, lembrados talvez não só pelo expressivo número de obras que compõem o acervo bibliográfico no local, mas também por serem utilizados para pesquisas de cunho acadêmico/científico pelos estudantes do curso.

A *Salle de Documentation* fica localizada em um espaço de passagem e fluxo dos estudantes, professores e funcionários para os laboratórios do ILA. Dessa forma, a relação e percepção dos transeuntes com e do espaço são influenciadas também pelo tipo de indivíduo e personalidade, como propõe José Reginaldo Gonçalves. O autor chama a atenção para dois tipos de sujeitos: o *flâneur* e o “homem-da-multidão” – a relação dos dois com o cotidiano da cidade, sensibilidade urbana e local, difere. O *flâneur* vai num movimento contrário da aceleração urbana e do tempo, é motivado pela experiência nova, a fim de “experimentar a descoberta de alguma dimensão de realidade desconhecida, exótica, distante no tempo ou no espaço. O museu pode ser um dos locais dessa experiência” (GONÇALVES, 2009, p. 175). Esse seria o sujeito com mais propensão a entrar em museus e espaços culturais e perceber o espaço a sua volta, os detalhes que passam despercebidos pelo “homem-da-multidão”. Este acompanha o tempo da multidão, com a aceleração urbana, “dele está ausente a dimensão subjetiva

do *flâneur*, a atitude de interesse e curiosidade pelo que ocorre à sua volta” (GONÇALVES, 2009, p. 175).

Nesse caso, é possível que o fácil acesso da sala e, paralelamente, as atividades de sua coordenação e do próprio curso de Francês, incentivem os estudantes a utilizar o espaço e seu acervo, fazendo com que haja maior apropriação do espaço. Assim, a maneira como a *Salle de Documentation* vai influenciar na transmissão memorial de Lyuba Duprat está também relacionada com a forma como os indivíduos que por ali passam se encaixam na teoria de José Reginaldo Gonçalves. Aqueles egressos que se compatibilizam em uma perspectiva de *flâneur* têm mais facilidade de perceber o espaço, o nome da professora e os objetos expostos. Por outro lado, os que se associam ao tipo “homem-da-multidão” e que passam pelo local influenciados pela aceleração, pela falta de tempo em perceber o seu entorno, têm mais dificuldade em perceber a *Salle de Documentation* e seu acervo.

Nesse aspecto, mesmo com uma amostragem pequena de respostas frente à comunidade universitária, com cerca de quinze mil pessoas entre funcionários e estudantes, por limitações do tempo da pesquisa e por objetivar apenas um conhecimento inicial da abrangência da sala, os resultados do questionário se mostraram satisfatórios. Também salientamos que estas afirmações estão baseadas nas declarações dos entrevistados, levando em consideração a sinceridade e veracidade das respostas de cada egresso.

Apesar de não ser a preservação dos objetos de Lyuba Duprat o objetivo principal da *Salle de Documentation*, a existência de tais objetos e sua exposição pode ter contribuído para a representação memorial e apropriação dos estudantes. Os objetos apontaram ser importantes na transmissão memorial e discursiva da professora homenageada. Mesmo tratando-se de uma breve e simples pesquisa de público, ela apresenta dados significativos para o entendimento da relação que o público faz entre a *Salle*, seu acervo e a professora homenageada.

Tais fatores nos auxiliam a responder às questões

realizadas anteriormente: Será que a criação da *Salle de Documentation* Lyuba Duprat conseguiu evitar o esquecimento da homenageada e transmitir o nome e trajetória de Lyuba Duprat? Sim, os vinte e um egressos consultados através desta pesquisa mostraram que a *Salle de Documentation* conseguiu sensibilizar a maioria deles sobre a professora homenageada, seu nome e seus objetos. A *Salle de Documentation* mostrou-se um espaço que consegue atingir seus objetivos, não só divulgando a trajetória profissional da professora Lyuba Duprat, mas também incentivando a pesquisa da língua e cultura francesas, tendo em vista a quantidade de respostas vinculadas a essa atividade.

Por outro lado, voltando aos espaços domésticos e familiares dos entrevistados, eles demonstraram ser locais onde os objetos que pertenceram à professora estão “vivos”, dotados de uma alma, de um significado e uma representação muito forte, gerando constantemente narrativas sobre sua história, memória e significados. Nas residências de Flavio e Nubia Hanciau e Ricardo Soler, os objetos denotam vivência, experiência e afetividade.

Os objetos estudados nos três locais diferentes colaboram de maneiras distintas para a transmissão e perpetuação da memória de Lyuba Duprat. Essa transmissão só pode acontecer quando há a possibilidade de interação entre objetos e sujeitos, quando eles não ficam esquecidos e deslocados de suas referências. A pesquisa com os egressos do curso de Francês da FURG indica uma questão que não está concluída, que nos possibilita pensar sobre o campo da representação dos objetos musealizados, de que forma esse olhar museal influencia ou não na sua capacidade sociotransmissora. A afetividade e o sentimento de pertencimento dos objetos aguçam a sua capacidade de evocação memorial e também de transmissão, o que se verificou com os entrevistados e também com a visita na residência dos ex-alunos da professora Lyuba Duprat.

## Aspectos conclusivos

Lyuba Duprat teve sua figura e memória construídas, neste trabalho, com base em narrativas recolhidas dos seus ex-alunos e amigos, e na presença da representação material de parte dos objetos que lhe pertenceram. Essa reconstrução possibilitou, por sua vez, reconstituir uma história de vida estruturada nas pontes de memórias criadas no diálogo entre objetos, lembranças e narrativas. Para que fosse possível testar as hipóteses e os objetivos da pesquisa e entender de que maneira os objetos funcionavam como evocadores de memória e representantes da figura de Lyuba Duprat, foi necessária a coleta de diversas fontes que não ficaram restritas aos objetos e oralidades. Nesse caso, também percebemos que não só Lyuba Duprat deixou marcas visíveis e invisíveis em suas coisas, mas também foi afetada e recebeu marcas delas. O universo material da professora se mostrou, desde o início da pesquisa, importante para a construção imagética dela e de sua posição na sociedade. Mais do que vestir, servir, lecionar, os objetos demonstravam uma aproximação irrefutável da cultura francesa, de uma tradição familiar e de camadas invisíveis que a distinguiam enquanto *persona*.

Os objetos são de extrema relevância para a construção que é repassada para a sociedade. Eles fazem parte, conforme os autores apresentados, de um “cenário” e de uma “fachada pessoal” que constitui a teatralidade do ser humano (GOFFMAN, 1985; MAFFESOLI, 1996). Dessa forma, eles podem ser vistos como signos de distinção social (DOHMANN, 2013, p. 35). Talvez, por isso, foram tão lembrados pelos entrevistados, mostrando o potencial identitário que os objetos da indumentária tiveram na construção da identidade de Lyuba Duprat. São eles, vinculados à imagem pessoal e indumentária, que se mostraram mais marcantes na memória dos entrevistados e que, de uma maneira ou de outra, acabaram evocando lembranças da vida cotidiana da professora e suas características pessoais (caprichosa e vaidosa).

Entretanto, existem aqueles objetos que não foram

representativos de Lyuba Duprat e nem lembrados pelos entrevistados. As hipóteses relacionadas a esse fato podem ser inúmeras. Por exemplo, poderiam ser objetos que não ficavam expostos ao olhar do público, sendo da intimidade da professora. Por outro lado, por que os objetos da vida profissional não foram tão representativos da professora Lyuba? Aqui é possível pensar que os pertences mostrados nas entrevistas talvez não fossem realmente utilizados por Lyuba, poderiam pertencer a ela, mas estar guardados em armários, caixas, etc. e não ser mais úteis para a professora em suas aulas.

Além disso, o resultado nos permite refletir sobre a possibilidade de que, entre a grande variedade dos materiais que compunham o cenário profissional e didático da professora, os que foram entregues ao Museu da Cidade do Rio Grande eram os menos utilizados ou, simplesmente, não foram marcantes na memória dos ex-alunos entrevistados. Também há a possibilidade de que alguns dos objetos não relembrados não tenham pertencido à professora, apesar de estarem identificados como parte do acervo de Lyuba Duprat.

De toda forma, o conjunto de objetos utilizados nas entrevistas acabou gerando lembranças e associações, tecendo uma rede de memórias materiais e imateriais, com fortes pontos de compartilhamento entre os entrevistados. Tanto os objetos da indumentária quanto aqueles que compunham o cenário doméstico da professora se mostraram mais significativos nas narrativas. Os entrevistados conseguiram descrever de forma minuciosa os espaços internos da casa da professora, especialmente em relação aos locais onde recebiam as aulas e mais frequentavam. Através das entrevistas é quase possível fazer a reconstrução imagética e memorial da parte interna da casa da professora. Mesmo que alguns trechos sejam afetados pela dúvida e pelo esquecimento, os entrevistados lembraram detalhes que estão materializados, públicos e acessíveis apenas por intermédio de suas falas, visto que a casa atualmente está totalmente modificada.

Essas recordações assumem um caráter idiossincrático, tanto as analisadas individualmente quanto em conjunto

mostram que a professora Lyuba Duprat foi uma figura importante na vida dos entrevistados, influenciando-os em muitas decisões pessoais e profissionais. Cada entrevista possui uma estrutura singular, mas todos incluíram momentos de sua vida profissional entrelaçados às memórias da professora, atestando que memória e narrativa são constantemente atualizadas e é praticamente impossível separarmos as duas da identidade.

Tratando da trajetória de vida dos objetos, percebemos que, ao serem inseridos no Museu da Cidade do Rio Grande e na *Salle de Documentation* Lyuba Duprat, passaram por um processo de seleção que os diferencia dos demais objetos. A partir desse momento, eles são inseridos na categoria de objeto museal e/ou patrimonial e acabam transmitindo memórias e esquecimentos sobre seus proprietários.

Por outro lado, percebemos que a capacidade de transmitir memórias não está restrita àqueles objetos localizados na *Salle* e no Museu, pois os objetos que pertenceram a Lyuba Duprat e que hoje estão salvaguardados nos espaços domésticos continuam veiculando e transmitindo a memória de Lyuba, talvez, inclusive, com mais intensidade do que aqueles salvaguardados nas instituições mas não expostos ao olhar do público.

Mesmo que nos espaços domésticos tenham um público visitante restrito, os objetos ali guardados acabam transmitindo memórias a cada reunião familiar onde são utilizados ou lembrados. Seus atuais proprietários conferem a esses materiais um discurso patrimonial afetivo que pode ser absorvido, ou não, pelos seus visitantes. Entretanto, mesmo que nem todos façam a apropriação do discurso patrimonial dado aos pertences de Lyuba, pressupõe-se que aqueles de maior intimidade e relação com a família acabam, de certa forma, também se vinculando aos objetos, ainda que essa conexão sempre se atualize e receba novos significados e funções.

Todas as fontes e suas respectivas análises permitiram compreender o universo material que rodeava Lyuba Duprat e, de maneira geral, contribuem ainda para um entendimento sobre

como os objetos que utilizamos veiculam imagens e memórias sobre nós. Eles são elementos identitários e categóricos, são comunicadores, são pontes de memória e possuem uma “alma”, uma “trajetória de vida”. Entretanto, não cabe aqui esgotar o assunto, pois muito provavelmente nem todas as interpretações, raciocínios e respostas possíveis no âmbito desta pesquisa foram expostos e desenvolvidos. Todavia, buscamos contribuir para os estudos da área e instigar o sentimento de curiosidade e de reflexão sobre os objetos materiais que nos rodeiam, tendo como exemplo essa professora que deixou seu legado e contribuição para a cidade.

Após o período da pesquisa, tendo em vista os resultados que ela aponta, é gratificante perceber que surgem novos questionamentos, novas possibilidades de pesquisa que, aos poucos, vão constituindo subsídios para novas investigações e novos questionamentos. Por ora, podemos dizer que Lyuba Duprat teve um papel importante para o ensino de francês na cidade do Rio Grande e, a partir da presente investigação, auxiliou na contribuição e enriquecimento científico para o conhecimento de como os objetos funcionam como evocadores de memórias e fortalecedores de uma identidade. Todos os exercícios de lembrança e evocação memorial realizados durante estes anos de investigação mostraram que, de alguma maneira, a professora Lyuba Duprat continua ainda viva na memória dos seus ex-alunos e amigos entrevistados, nos seus objetos e espaços de homenagem e luta contra o esquecimento. O que corrobora a ideia apresentada no texto que lembrou o aniversário de Lyuba Duprat, quando ela comemoraria 100 anos de idade: “enquanto as guardarmos em nossas mentes, as pessoas não morrem... Portanto, vive ainda uma das figuras femininas mais marcantes da sociedade e da cultura rio-grandina do século XX” (HANCIAU, 2000). Assim, enquanto a memória de Lyuba Duprat ainda for transmitida através dos seus objetos, narrativas de ex-alunos e amigos, espaços patrimoniais e memoriais, é possível que o esquecimento dessa personalidade seja evitado e que novas interpretações sobre ela surjam.

## Referências

- ALBERTI, Verena. História dentro de História. *In*: PINSKY, Carla (org.). **Fontes históricas**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- ANJOS, Danielle Manczak. **Acervo e sociedade**: Museu da Cidade do Rio Grande – RS. Rio Grande, 2012. 170p. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BARCELOS, Artur H. F. De cultura material, memória, perdas e ganhos. **Revista Métilis: história & cultura**, Caxias do Sul, v. 8, n. 16, p. 27-42, jul.-dez. 2009. Disponível em: <http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/948>. Acesso em: 04 abr. 2019.
- BERNARDES, Joana Duarte. Habiter la mémoire à la frontière de l'oubli: la Maison comme seuil. **Conserveries Mémoires**, Québec, Canadá, v. 7, 2010. Disponível em: <http://cm.revues.org/433>. Acesso em: 08 abr. 2019.
- BAUDRILLARD, Jean. A moral dos objetos: função-signo e lógica de classe. *In*: MOLES, Abraham; BAUDRILLARD, Jean; BOUDON, Pierre; LIER, Henri van; WAHL, Eberhard. *Semiologia dos Objetos*. Petrópolis: Vozes. 1972. p. 42-87.
- BAUDRILLARD, Jean. *O sistema dos objetos*. São Paulo: Editora Perspectivas, 2000.
- BITTENCOURT, Ezio. **Da rua ao teatro, os prazeres de uma cidade**: sociabilidades & cultura no Brasil Meridional – Panorama da História de Rio Grande. Rio Grande: Ed. da FURG, 1999.
- BONNOT, Thierry. **L'attachement aux choses**. Paris: CNRS Éditions, 2014. p. 7-16.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BOSI, Ecléa. **Tempos vivos e tempos mortos**. Caminho das artes / A arte fazendo escola. São Paulo: Fundação para o Desenvolvimento da Educação – FDE, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. **A distinção crítica social**. São Paulo: EDUSP, Porto Alegre: Zouka, 2007.

BRITO, Joaquim Pais de. L'objet, le musée et la main interdite. **Mélanges de la Casa de Velázquez**, v. 40, n. 1, p. 143-145, 2010. Disponível em: <http://journals.openedition.org/mcv/3363>; DOI: 10.4000/mcv.3363. Acesso em: 08 abr. 2019.

BRULON, Bruno. Passagens da museologia: a musealização como caminho. **Revista Museologia e Patrimônio**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 189-210. Disponível em: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/722>. Acesso em: 08 abr. 2019.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. Estudo de cultura material e coleções museológicas: avanços, retrocessos e desafios. In: GRANATO, Marcus; RANGEL, Márcio F. **Cultura material e patrimônio da ciência e tecnologia**. Rio de Janeiro: MAST, 2009. p. 14-26.

CANDAU, Joël. **Antropologia de la memoria**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2006.

CANDAU, Joël. Bases antropológicas e expressões mundanas da busca patrimonial: memória, tradição e identidade. **Memória em Rede**, Pelotas, v. 1, n. 1, p. 43-58, jan.-jul. 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Memoria/article/view/9564/6415>. Acesso em: 08 abr. 2019.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.

CASTRIOTA, Leonardo Barci. **Patrimônio cultural**: conceitos, políticas, instrumentos. São Paulo: Annablume, Belo Horizonte: IEDS, 2009.

CATANI, Afrânio Mendes *et al.* (orgs.). **Vocabulário Bourdieu**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce. Capítulo IX: Espaços privados. In: CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano**: 2. Morar, cozinhar. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

CHAGAS, Mário de Souza. Memória e poder: dois movimentos. **Cadernos de Sociomuseologia**, Lisboa, v. 19, n. 19, p. 43-81, jun. 2009. Disponível em: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/367>. Acesso em: 08 abr. 2019.

CUNHA, Marcelo Bernardo. A exposição museológica como estratégia comunicacional: o tratamento museológico da herança patrimonial. **Magistro**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 109-120, 2010.

Disponível em: <http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/magistro/article/view/1062/624>. Acesso em: 08 abr. 2019.

CRUZ, Cleide Lemes da Silva. **Glossário de terminologias do vestuário**. Brasília: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, 2013.

D'ÁLESSIO, Marcia M. Memória: leituras de M. Halbwachs e Pierre Nora. **Revista Brasileira de História**, v. 13, n. 25-26, p. 97-103, set. 1992- ago. 1993. Disponível em: [http://snh2013.anpuh.org/resources/download/1423519676\\_ARQUIVO\\_7\\_memorialeiturasdemhalbwachs.pdf](http://snh2013.anpuh.org/resources/download/1423519676_ARQUIVO_7_memorialeiturasdemhalbwachs.pdf). Acesso em: 08 abr. 2019.

DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DASSIÉ, Veronique. **Objects d'affection**: une ethnologie de l'intime. Paris: Éditions du Comité des travaux historiques et scientifiques, 2010.

DASSIÉ, Veronique. **L'intime et la mémoire dans la production de l'individu et des collective en Europe**: anthropologie des objets d'affection contemporains. Programme de Recherche. Concours CNRS 38/04, 2013. Disponível em: <https://academia.hypotheses.org/files/2013/10/Programme-recherche-2013-section-38-CR2-CNRS.pdf>. Acesso em: 08 abr. 2019.

DEBARY, Octave. Segunda mão e segunda vida: objetos, lembranças e fotografias. **Memória em Rede**, Pelotas, v. 2, n. 3, p. 27-45, ago.-nov. 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Memoria/article/view/9547/6381>. Acesso em: 08 abr. 2019.

DOHMANN, Marcus. **A experiência material**: a cultura do objeto. Rio de Janeiro: Rio Books, 2013.

DOIN, José Evaldo de Mello *et al.* *A Belle Époque* caipira: problematizações e oportunidades interpretativas da modernidade e urbanização no Mundo do Café (1852-1930) – a proposta do Cemumc. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 27, n. 53, p. 91-122, jun. 2007. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-01882007000100005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882007000100005&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 14 jan. 2020.

ENNES, Elisa Guimarães. **O museu e suas exposições**. Rio de Janeiro, 2008. 198p. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) – Universidade Federal do Estadual do Rio de Janeiro – UNIRIO / Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST. Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio.

FERREIRA, Maria Letícia M. Objetos, lugares de memória. *In*: MICHELON, F. F. *et al.* **Fotografia e memória**: ensaios. Pelotas: Ed. da UFPel, 2008.

FERREIRA, Maria Letícia; GASTAUD, Carla Rodrigues; RIBEIRO, Diego Lemos. Memória e emoção patrimonial: objetos e vozes num museu rural. **Museologia e Patrimônio**, Rio de Janeiro, v. 6, n.1, p. 57-74, 2013. Disponível em: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/issue/view/15/showToc>. Acesso em: 08 abr. 2019.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1985.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

GOMES, Alexandre; OLIVEIRA, Ana A. A construção social da memória e o processo de resignificação dos objetos no espaço museal. **Museologia e Patrimônio**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 42-55, jul.-dez. 2010. Disponível em: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/artic le/view/136/134>. Acesso em: 08 abr. 2019.

GONÇALVES, José Reginaldo. Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônios. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 11, n. 23, p. 15-36, jan.-jun. 2005. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-71832005000100002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832005000100002). Acesso em: 08 abr. 2019.

GONÇALVES, José Reginaldo. **Antropologia dos objetos**: coleções, museus e patrimônios. Rio de Janeiro: IPHAN, 2007.

GONÇALVES, José Reginaldo. Os museus e a cidade. *In*: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (org.). **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009. p.171-187.

GONÇALVES, José Reginaldo; GUIMARÃES, Roberta Sampaio; BITAR, Nina Pinheiro [org.]. **A alma das coisas**: patrimônio, materialidade e ressonância. Rio de Janeiro: Mauad X: Faperj, 2013.

GRILLO, Ana Luíza Balassiano. Política cultural francesa para o Brasil: professores franceses no Brasil. *In*: Congresso Brasileiro de História da Educação, 5: O ensino e a pesquisa em história da educação. **Anais [...]** Aracaju: Universidade Federal de Sergipe, 2008, p. 1-7. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos /cbhe5/pdf/244.pdf>. Acesso em: 08 abr. 2019.

- GUTERRES, Anelise dos S. A morada e a casa: materialidade e memória no processo de construção do patrimônio familiar. *In*: GONÇALVES, José Reginaldo dos S.; GUIMARÃES, Roberta S.; BITAR, Nina Pinheiro [org.]. **A alma das coisas**: patrimônios, materialidade e ressonância. Rio de Janeiro: Mauad X: Faperj, 2013.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértices; Ed. Revista dos Tribunais, 1990.
- HARTOG, François. Tempo e patrimônio. **Varia História**, Belo Horizonte, v. 22, n. 36, p. 261-273, jul.-dez. 2006. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-87752006000200002&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-87752006000200002&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 08 abr. 2019.
- HOSKINS, Janet. **Biographical objects**: how things tell stories of peoples' lives. London: Routledge, 1998.
- IGLESIA, Rafael E. La vida domestica y los objetos. **Seminario de Crítica**. Instituto de Arte Americano e Investigaciones Estéticas, n. 165, 2011.
- IZQUIERDO, Iván. **Memória**. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- JULIÃO, Letícia. A pesquisa histórica nos museus. *In*: MINISTÉRIO DA CULTURA. **Caderno Diretrizes Museológicas**. 2. ed. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura; Superintendência de Museus, 2006.
- KELLERHALS, Jean; FERREIRA, Cristina; PERRENOUD, David. Linguagens do parentesco: lógicas da construção identitária. **Análise Social**, Lisboa, v. 37, n. 163, p. 545-567, 2002. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/41011686>. Acesso em: 08 abr. 2019.
- KOPYTOFF, Igor. A biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo. *In*: APPADURAI, Arjun. **A vida social das coisas**: as mercadorias sob uma perspectiva cultural. Niterói: EdUFF, 2008.
- LIMA, Clêidna. Memória familiar nos objetos biográficos e nas obras literárias. **História & Ensino**, Londrina, v. 7, p. 33-45, out. 2011. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/view/12307/0>. Acesso em: 08 abr. 2019.
- LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. *In*: PRIORE, Mary del; PINSKY, Carla B. (org.). **História das mulheres no Brasil**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- MACIEL, Patrícia Daniela; PERES, Eliane. O ensino feminino privado em Pelotas no Rio Grande do Sul (século XIX). **Educação em Questão**, Natal, v. 28, n. 14, p. 42-65, jan.-jun. 2007. Disponível

em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/4464>. Acesso em: 08 abr. 2019.

MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**. Petrópolis: Vozes, 1996.

MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. *In*: NOVAIS, Fernando A. (coord.). **História da vida privada no Brasil – República**: da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MARCON, Giovana Garcia. **Entre fichas, livros e registro**: os caminhos percorridos pela documentação museológica no Museu Municipal do Parque da Baronesa (1982-2010). 2010. 57p. Trabalho de Conclusão de Curso (Museologia) – Universidade Federal de Pelotas, 2010.

MATHEUS LOUREIRO, Maria Lúcia Niemeyer; MATHEUS LOUREIRO, José Mauro. Documento e musealização: entretecendo conceitos. **MIDAS**, Évora, v. 1, p. 1-12. 2013. Disponível em: <http://midas.revues.org/78>; DOI: 10.4000/midas.78. Acesso em: 08 abr. 2019.

MATTOS, Maria de Fátima S.C.G. Representações da Belle-Époque: a ilusão e as marcas de uma sociedade em transformação. *In*: Encontro de História da Arte, 2. IFCH - Unicamp, 27-29 mar. 2006. **Anais [...]** Campinas: UNICAMP, 2006, p. 393-397. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/eha/atas/2006/MATTOS,%20Maria%20de%20Fatima%20-%20IIIEHA.pdf>. Acesso em: 08 abr. 2019.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. *In*: MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **História oral**: como fazer, como pensar. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2010.

MENESES, Ulpiano T. B. Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 89-103, 1998. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view%20File/2067/1206>. Acesso em: 08 abr. 2019.

MENESES, Ulpiano T. B.. Museu na Cidade x Cidade no Museu: para uma abordagem histórica dos museus de cidade. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 5, n. 8/9, p. 197-205, set. 1984-abr. 1985. Disponível em: [https://www.anpuh.org/arquivo/download?ID\\_ARQUIVO=1912](https://www.anpuh.org/arquivo/download?ID_ARQUIVO=1912). Acesso em: 08 abr. 2019.

MICALIZZI, Alessandra. Oggetti, memoria e trauma: narrações e biografias intorno alle cose. **M@gm@** v. 10, n.1, jan.-abr. 2012. Disponível em: [http://www.magma.analisiquantitativa.com/1001/articulo\\_04.htm](http://www.magma.analisiquantitativa.com/1001/articulo_04.htm). Acesso em: 08 abr. 2019.

MOLES, A. A. Objeto e comunicação. In: MOLES, Abraham; BAUDRILLARD, Jean *et al.* **Semiologia dos objetos**. Petrópolis: Vozes, 1972.

NASCIMENTO, Flávia. Paris pós-guerra. **Letras**, Curitiba, n. 59, p. 61-76, jan.-jun. 2003. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/2836>. Acesso em: 08 abr. 2019.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares de memória. **Projeto História**, São Paulo, dez. 1993.

ORTIGARA, Andrea Maio. O cotidiano e o urbano: um estudo sobre a *Belle Époque* do Rio Grande através do álbum da família do Sr. Jorge Ruffier. In: Seminário Internacional em Memória e Patrimônio, 7: Convenção do Patrimônio Imaterial 10 anos depois. **Anais** [...] Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, 2013. Pelotas: Ed da UFPel, 2013. p. 148-159.

PIETRARÓIA, Cristina M. C; DELATORRE, Sahsha K. W. O ensino do francês no Brasil. **Odisseia**, Natal, RN, n. 9, p. 97-124, jul.-dez. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/odisseia/article/view/10971>. Acesso em: 08 abr. 2019.

PINHEIRO-MARIZ, Josilene. Da necessidade de uma “Literatura-Mundo” no ensino do francês no Brasil. **Letras**, Santa Maria, v. 21, n. 42, p. 341-361, jan.-jun. 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/12186>. Acesso em: 08 abr. 2019.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278/1417>. Acesso em: 08 abr. 2019.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>. Acesso em: 08 abr. 2019.

POMIAN, Krzysztof. Coleção. In: ENCICLOPÉDIA EINAUDI, v. 1: Memória - História. Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 1984. Disponível em: <http://flanelografo.com.br/impermanencia/biblioteca/Pomian%20%281984b%29.pdf>. Acesso em: 08 abr. 2019.

POSSAMAI, Z. R. **Nos bastidores do museu**: patrimônio e passado da cidade de Porto Alegre. Porto Alegre: EST, 2001.

POULOT, Dominique. **Museu e museologia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

RADLEY, Allan. Artifacts, memory and the sense of the past. *In*: MIDDLETON, David; EDWARDS, Derek (orgs.). **Collective remembering**. London; New Dheli: Sage, 1994. p. 46-59.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2007.

RODRIGUES, Mariana Christina de Faria Tavares. O complexo de elegância. *In*: Colóquio de Moda, 7, 2011. **Anais [...]** Disponível em: [http://www.coloquiomoda.com.br/anais/anais/7-Coloquio-de-Moda-2011/GT08/Comunicacao-Oral/CO\\_898520\\_Complexo\\_da\\_Elegancia.pdf](http://www.coloquiomoda.com.br/anais/anais/7-Coloquio-de-Moda-2011/GT08/Comunicacao-Oral/CO_898520_Complexo_da_Elegancia.pdf). Acesso em: 15 ago. 2013.

ROSSATO, Janine. A vontade de lembrar e a vontade de esquecer *In*: MAGALHÃES, Aline Montenegro; BEZERRA, Rafael Zamorano (org.). **Museus nacionais e os desafios contemporâneos**. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2011. p. 9-22.

SANTOS, Liliane Bispo; LOUREIRO, M. L. N. Musealização como estratégia de preservação: estudo de caso sobre um previsor de marés. **Museologia e Patrimônio**, Rio de Janeiro, v. 5, n.1, p. 49-67, 2012. Disponível em: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/issue/view/13/showToc>. Acesso em: 08 abr. 2019.

SANTOS, Rita de Cássia Greco; VARGAS, Francisco Furtado Gomes Riet. Colégio Santa Joana d'Arc: uma narrativa histórica acerca da escola complementar e da primeira escola normal de Rio Grande. *In*: ANPED SUL, 9 – **Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul**.

SEVCENKO, Nicolau. Introdução. *In*: NOVAIS, Fernando A. (org.). **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SILVEIRA, Flavio Leonel A.; LIMA FILHO, Manuel Ferreira. Por uma antropologia do objeto documental: entre a “alma das coisas” e a coisificação do objeto. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 11, n. 23, p. 37-50, jan.-jun. 2005. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-71832005000100003&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832005000100003&lng=en&nrm=iso&tlng=pt). Acesso em: 08 abr. 2019.

SOARES, Bruno B.; SCHEINER, Tereza. A chama interna: museu e patrimônio na diversidade e na identificação. **Museologia e Patrimônio**, v. 3, n. 1, pp. 13-22, jan.-jun. 2010. Disponível em: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/issue/view/9/showToc>. Acesso em: 08 abr. 2019.

SOUZA, Elton Luiz Leite de. As origens do museu. **Revista Museu**, abr. 2013. Disponível em: <http://www.revistamuseu.com.br/artigos/art.asp?id=36031>. Acesso em: 17 out. 2014.

SOUZA, Maria Helena R. R. Pessoas, lugares momentos (2009). Disponível em: <http://oglobo.globo.com/pais/noblat/mariahelena/posts/2009/09/27/pessoas-momentos-lugares-notas-226963.asp>. Acesso em: 15 ago. 2013.

STALLYBRASS, Peter. **O casaco de Marx**: roupas, memórias, dor. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

STEVENSON, N. J. **Cronologia da moda**: de Maria Antonieta a Alexander McQueen. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

SVENDSEN, Lars. **Moda: uma filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

THOMSON, Alistair. Reconstituo a memória: questões sobre a relação entre História Oral e as memórias. **Projeto História**. São Paulo, n. 17, abr. 1997.

TURGEON, Laurier. La mémoire de la culture matérielle et la culture matérielle de la mémoire. *In*: DEBARY, Octave; TURGEON, Laurier. **Objets e mémoires**. Québec: Les Presses de l'Université Laval, 2007, p. 13-32.

YASSUDA, Sílvia Nathaly. **Documentação museológica**: uma reflexão sobre o tratamento descritivo do objeto no Museu Paulista. 2009. 124p. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, 2009.

## Jornais

BASTOS, Ângela. Um exemplo de amor ao magistério. **Zero Hora**, Porto Alegre, 21 jul. 1991. Estado, p. 50.

ENSINANDO História da Arte, d. Lyuba revive a experiência da visita aos museus de Paris. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, 15 abr. 1962.

FURG concede a Dona Lyubá Duprat título de professor “Honoris Causa”. **Jornal Agora**, Rio Grande, 04 abr. 1992.

HANCIAU, Nubia. Lyuba Duprat. **O Peixeiro**, Rio Grande. 24-25 jun. 2000.

LYUBA Duprat voltou para doar conhecimentos em História das Artes. **Folha da Tarde**, Porto Alegre, 23 abr. 1962.

LEME, Eunice. Morre professora que dedicou 77 anos de vida ao magistério. **Zero Hora**, Porto Alegre, 18 out. 1994, Geral, p. 38.

LYUBÁ Duprat (1900-1994). **Jornal Agora**, Rio Grande, 18 out. 1994, p. 1.

LYUBÁ Duprat fala para os ouvintes da Universidade FM. **Jornal Agora**, Rio Grande, 22-23 out. 1994, p. 8.

SILVA, Maria Cristina Viñas Gomes da. Lyubá Duprat. **Rio Grande Fatos em Revista**, Rio Grande, 1994, Perfil, p. 5.

## **Documentos**

ALMEIDA, Tabajara. Carta em homenagem a Lyuba Duprat. 17 out. 1995, Universidade Federal do Rio Grande – FURG.

BÉLANGER, A. *et al.* Correspondência para o chefe do Departamento de Letras e Artes da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, 1991.

DUPRAT, Lyuba. A Revista de 14 de julho de 1916. Manuscrito. Disponível para consulta na *Salle de Documentation* Lyuba Duprat – FURG.

DUPRAT, Lyuba. Minha viagem de França ao Brasil. Sem data. Manuscrito. Disponível para consulta na *Salle de Documentation* Lyuba Duprat – FURG.

HANCIAU, Nubia. Texto de inauguração da Sala de Documentação Lyuba Duprat: Homenagem a Lyuba Duprat, 17 out. 1995, Universidade Federal do Rio Grande – FURG.

HANCIAU, Nubia. Breve depoimento escrito para Olivia Nery, jan. 2015.

## Apêndice

Quem são os entrevistados e como conheceram Lyuba Duprat

Berenice Heloísa Chiesa Avancini, professora aposentada do Estado e proprietária de loja comercial. A entrevista foi realizada em seu estabelecimento comercial, no dia 3 de dezembro de 2013. Ex-aluna, vizinha e amiga.

*“Eu conheci a Lyuba há mais de 50 anos, quando vim morar em Rio Grande. Eu era uma menina ainda, tinha feito a Aliança Francesa e meu pai era gerente de banco. E ela foi falar com o meu pai, não sei se ela tinha conta... foi falar com meu pai, e ele falou para ela: “A minha filha mais velha gosta muito de francês. Quando eu viajo, sempre trago livros para ela, ela se interessa muito pelo francês”. [...] e aí ela disse “Ah é? Eu quero conhecê-la...”. E eu morava em cima do banco, ali na Marechal, em diagonal com o Banco do Brasil, então meu pai pediu para eu descer, eu estava em casa, eu descí e conheci ela ali, naquele momento”.*

Tabajara Lucas de Almeida e Cleusa Ivety Ribes de Almeida, professores universitários aposentados. Entrevista realizada no dia 18 de fevereiro de 2014, via Skype – conversa *online* entre Porto Alegre e Rio Grande. Ex-alunos e amigos.

*“Foi quando eu soube que existia uma professora em Rio Grande, e as notícias sobre ela é que ela era uma pessoa muito rígida, muito... às vezes até rude com os alunos, que a gente tinha que ter um pouco de estrutura pra ser aluno dela. Essa foi a minha primeira falsa impressão [risos] então a gente foi lá, a Cleusa, minha mulher, foi junto, e a gente começou a fazer aula com ela. E descobrimos que ela era uma pessoa extremamente culta, na verdade muito cordial e muito refinada no tratamento conosco”.*

Flavio Hanciau, professor universitário aposentado e médico cirurgião ortopedista. Entrevista realizada no dia 12 de janeiro de 2015, via Skype – conversa *online* em Rio Grande, RS. Ex-aluno e amigo.

*“Eu conheci a Lyuba logo que cheguei a Rio Grande, em 1966. Eu já havia terminado em Porto Alegre a Aliança Francesa, tive ótimos professores, e não conhecia nenhuma professora ou escola de francês em Rio Grande. Eu não me lembro de quem me apresentou a Lyuba, mas me lembro de que foi numa aula de História da Arte; aí, claro, quando eu tive o primeiro contato, foi uma empatia muito grande”.*

Nubia Tourrucão Jacques Hanciau, professora universitária aposentada. A entrevista foi realizada no dia 3 de fevereiro de 2013, na *Salle de Documentation* Lyuba Duprat – FURG – Rio Grande. Ex-aluna, amiga e fundadora da *Salle de Documentation* Lyuba Duprat.

*“Foi no início da década de 1970, quando eu era aluna do curso de Letras Francês-Português, que fui apresentada a Lyuba Duprat, Mademoiselle Duprat, como preferia ser chamada. Ela estava pelos seus setenta anos (nasceu em 1900), eu pelos vinte e poucos. Eram raras as oportunidades de falar francês em Rio Grande fora da Universidade, então fui ter “lições” com Lyuba, o que faziam aquele(a)s que, na Noiva do Mar, queriam “se cultivar”, aprender ou praticar o idioma de Molière [...]”.*

Ricardo Antônio Soler, professor universitário aposentado. Realizou-se a entrevista no dia 7 de março de 2013, na residência do entrevistado, em Rio Grande. Ex-aluno, amigo e inventariante.

*“Eu comecei a ter aula com ela em 1973, tive uns dois ou três meses de aula, depois parei porque fui servir ao exército, fui pro Rio, e em 77 eu reiniciei as aulas. Aí foi de 77 até ela morrer. Ela dava aula de história da arte aos sábados à tarde, nós éramos um grupo das duas às três horas, ela dava aula porque ela queria compartilhar esse conhecimento dela, deixar um pouco desse conhecimento. E eu acho que ela conseguiu; quem esteve com ela tem essa imagem”.*

Regina Carmem Cunha Dolci, professora aposentada. A entrevista foi realizada no dia 18 de dezembro de 2014, na residência da entrevistada, na cidade do Rio Grande. Ex-aluna e amiga.

*“Eu a conheci quando eu tinha 17 anos e já estou com 67. Foi quando eu entrei para o segundo grau, porque eu sabia que eu queria fazer Letras, mas não tinha escolhido se era francês ou inglês, mas achava que era francês. Aí me falaram: “Ah, tem essa professora”. Porque na realidade todas as pessoas pensavam que ela era francesa mesmo, pelo nome e tudo..., mas depois, claro, com a convivência a gente descobriu que era brasileira, mas tinha estudado muito tempo na França”.*

**EDITORA E GRÁFICA DA FURG**  
**CAMPUS CARREIROS**  
**CEP 96203 900**  
**editora@furg.br**

Qual o papel que os objetos têm na nossa vida? Mediadores de memória e narrativas e fortalecedores de identidade, os objetos que nos cercam ao longo da vida podem dizer muito sobre nós. Neste livro, fruto da dissertação de Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural (UFPel), realizada com o apoio financeiro da CAPES, a autora explora o que os objetos da professora particular de francês Lyuba Duprat (1900-1994) podem dizer a seu respeito.

Lyuba Duprat viveu na cidade do Rio Grande, Rio Grande do Sul, e dedicou mais de setenta anos de sua vida ao ensino da língua e cultura francesa. Sua forte relação com a França era percebida em seus objetos que, juntamente com as narrativas de seus ex-alunos e amigos, demonstram a capacidade memorial e narrativa dos objetos na mesma medida em que contam a história da professora. A partir de uma visão interdisciplinar, o livro apresenta aspectos importantes sobre a relação entre objetos, memória e identidade, podendo contribuir para pesquisas e leituras de diversas áreas do campo das Ciências Humanas, Sociais e da Informação.

ISBN 978-65-5754-111-1



9 786557 541111